

HANDEL CECILIO PINTO DA SILVA

O ÓRGÃO SETECENTISTA DA IGREJA DO CARMO DE DIAMANTINA:

Seus enigmas e sua estreita ligação com o Órgão de Córregos

Dissertação apresentada ao Instituto de Artes
da Universidade Estadual de Campinas, para
obtenção do Título de Mestre em Música.

Área de concentração: Fundamentos Teóricos

Orientador: Prof. Dr. Edmundo Pacheco Hora

CAMPINAS
2008

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ARTES DA UNICAMP**

C324o	Cecílio, Handel. O órgão setecentista da Igreja do Carmo de Diamantina: seus enigmas e sua estreita ligação com o órgão de Córregos / Handel Cecilio Pinto da Silva – Campinas, SP: [s.n.], 2008. Orientador: Prof. Dr. Edmundo Pacheco Hora. Dissertação(mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes. 1. Organaria colonial brasileira. 2. Órgãos de tubos. 3. Capitania de Minas Gerais. I. Hora, Edmundo Pacheco. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. III. Título. (em/ia)
-------	--

Título em inglês: “The eighteenth-century pipe organ of Carmo Church in Diamantina: its enigmas and its close link to the organ of Córregos.”

Palavras-chave em inglês (Keywords): Brazilian colonial organ building ; Pipe organs ; Minas Gerais Captaincy.

Titulação: Mestre em Música.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Edmundo Pacheco Hora

Prof. Dr. Calimerio Augusto Soares Netto.

Prof^ª. Dr^ª. Dorotéia Kerr.

Prof. Dr. Ricardo Goldemberg (suplente)

Prof^ª. Dr^ª. Lenita Waldige Mendes Nogueira (suplente)

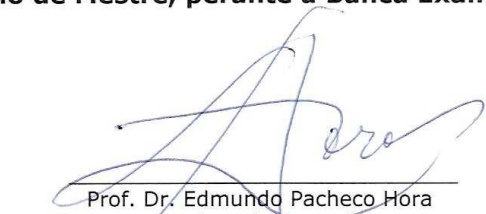
Data da Defesa: 29-07-2008

Programa de Pós-Graduação: Música.

Folha de aprovação

Instituto de Artes Comissão de Pós-Graduação

**Defesa de Tese de Mestrado em Música, apresentada pelo Mestrando
Handel Cecilio Pinto da Silva - RA 065407 como parte dos requisitos para
a obtenção do título de Mestre, perante a Banca Examinadora:**



Prof. Dr. Edmundo Pacheco Hora
Presidente/Orientador



Profa. Dra. Dorotéia Machado Kerr
Membro Titular



Prof. Dr. Calimério Augusto Soares Netto
Membro Titular

Dedico este trabalho a Olga Pinto Silva e Elizabeth Pinto de Campos que propiciaram a realização deste mestrado. Também a todos aqueles que contribuíram para a realização deste trabalho de pesquisa musicológica e aos organistas brasileiros.

AGRADECIMENTOS

- ❖ *Louvo a Deus pela vida e pelo dom da música e, porque por meio dela fiz minha vida;*
- ❖ *A Venerável Ordem Terceira do Carmo de Diamantina e a Mitra Arquidiocesana de Diamantina, que muito gentilmente disponibilizaram seus arquivos com todos os livros e documentos dos séculos XVIII e XIX das Ordens do Tejuco;*
- ❖ *Ao Distrito de Córregos e aos seus distintos moradores, em especial o Padre Itamar José Pereira (Pároco da Matriz de Córregos) e o técnico em restauros Alexandre José de Assis, que nos receberam de maneira tão agradável e cordial;*
- ❖ *Ao Museu de Arte Sacra de Ouro Preto, na pessoa de seu Diretor Carlos José Aparecido de Oliveira (Caju), que de forma gentil nos possibilitou o acesso aos livros das ordens de Ouro Preto e, nos permitiu a digitalização dos documentos históricos necessários a esta pesquisa;*
- ❖ *A Assis Alves Horta que através de seus arquivos, pesquisas e depoimentos enriqueceram nossas pesquisas com dados históricos;*
- ❖ *Aos Amigos portugueses, da região de Braga, que em muito colaboraram em nossas pesquisas. Destacamos aqui: Dr. Eduardo Pires de Oliveira, Srta. Isabel Moraes da Costa e ao Sr. Álvaro Fernando Ferreira Reis;*
- ❖ *A todos os organeiros que muito gentilmente nos auxiliaram contribuíram em informações e orientações técnicas na arte da organaria;*
- ❖ *Aos meus professores, os coordenadores, colegas e os funcionários da UNICAMP;*
- ❖ *A meu orientador, o cravista e organista, Prof. Dr. Edmundo Pacheco Hora, pela dedicação e apoio em todas as etapas deste trabalho. Por todas as muitas horas empregadas na elaboração dos artigos e desta dissertação, mesmo, quando ainda como aluno especial. Seu cuidado em produzir um texto que, além do conteúdo, houvesse qualidade e coerência. Nosso agradecimento por repartir seu conhecimento, colocando em nossas mãos as ferramentas para a realização de um trabalho com excelência;*
- ❖ *A todos os distintos amigos que, de uma forma muito especial, apoiaram e incentivaram e colaboraram na realização deste trabalho. Destacamos aqui os que mais diretamente atuaram, de diversas maneiras: André Eustáquio da Silva Soares, Flávio Leite Rodrigues, Fabrício Rodrigues Pereira e Simone Tolentino Roth;*
- ❖ *A meu pai, Diógenes Cecilio da Silva (in memoriam), meu primeiro professor de música;*
- ❖ *À minha família: irmãos, cunhadas e sobrinhas; e aos demais familiares;*
- ❖ *Às minhas mães, Olga Pinto Silva e Elizabeth Pinto de Campos, por todo o apoio, o incentivo, a preocupação e pelo muito que contribuíram, possibilitando, assim, a realização deste mestrado em musicologia histórica.*

"A finalidade da arte não é agradar. O prazer é aqui um meio; não é neste caso um fim. A finalidade da arte é elevar".

"Idéias Estéticas - Da Arte" - Fernando Pessoa

RESUMO

O Órgão de Tubos da Venerável Ordem Terceira do Carmo de Diamantina sempre foi um grande enigma para organistas e organeiros. A maior incógnita seria, nesse sentido, definir seu estilo, sobretudo se corresponde à estética da escola de construção ibérica. Nesse contexto, esta pesquisa teve como objetivo inicial a busca pela identidade do Órgão do Carmo de Diamantina por meio do levantamento técnico e histórico desse instrumento. De forma complementar, verificou-se que algumas dúvidas sobre o Órgão de Diamantina também precisavam ser esclarecidas, as quais estavam correlacionadas com a base desse instrumento, a extensão e a partição do Manual, se o instrumento consiste realmente em um Órgão de Registros Partidos, a localização dos Foles (originais e atuais) e a verificação de que se tratam os Foles atuais e se todos os Tubos são originais. Com o avançar das pesquisas, abriu-se um desdobramento para uma possível relação desse órgão com o Órgão da Matriz do Distrito de Córregos, resultado da análise dos documentos da reforma do Órgão do Carmo em 1940. Levantou-se então a hipótese de que, na referida reforma, alguns Tubos do Órgão de Córregos poderiam ter sido levados para Diamantina e utilizados no Órgão do Carmo. O desafio desta pesquisa manifestou-se, a princípio, pela ausência de literatura e de uma ampla documentação sobre esses dois instrumentos e pela incipiente bibliografia específica acerca da organaria colonial brasileira. Em decorrência disso, foi desenvolvida uma extensa investigação bibliográfica dos documentos associados aos referidos órgãos e aos seus respectivos organeiros, complementada por uma viagem a Portugal (região de Braga) e a várias cidades históricas de Minas Gerais, percorrendo-se o roteiro das cidades por onde atuou José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita, o primeiro organista do Órgão do Carmo, desde o Serro até o Rio de Janeiro. Iniciou-se a investigação recorrendo-se às referências na organaria portuguesa devido à tradição histórica de construção de Órgãos no Brasil Colônia e ao fato de ser o construtor do Órgão do Carmo o Padre Manuel de Almeida e Silva. Por meio dos livros da Ordem do Carmo e da Irmandade do Santíssimo Sacramento de Diamantina, foi possível um levantamento histórico do Órgão do Carmo e de seu organeiro. Os Órgãos de Diamantina e de Córregos foram documentos importantes de investigação e de solução de enigmas que existiam sobre o instrumento de

Diamantina. Foi consultada uma bibliografia da musicologia histórica brasileira, de organaria e de história do Brasil e de Minas Gerais. Vários documentos da reforma do Órgão do Carmo de 1940 foram analisados, os quais conduziram a descobertas relevantes. Como consequência deste estudo, obteve-se uma melhor compreensão da organaria colonial mineira pela comparação entre ambos os instrumentos. Considerando-se que foram acessados todos os documentos, até então conhecidos sobre esses dois representantes da organaria colonial mineira, entende-se que resultados até este momento obtidos são bastante reveladores. Conclui-se que Órgão da Ordem do Carmo de Diamantina consiste em um instrumento com características da estética da escola de construção ibérica e com influências da escola italiana; de base 6' (seis pés); que possui um Manual com extensão: FF – f'''; cujo Teclado é dividido entre o Si² e o Dó³, mas não é de Registros Partidos; os Foles atuais são do tipo “Reservatório e Fole-alimentador” (*reservoir and feeder-bellows*); e que alguns dos Tubos do Órgão de Córregos, provavelmente, hoje fazem parte da Tubaria do Órgão de Diamantina.

Palavras-chave: Organaria colonial brasileira. Órgãos de Tubos. Capitania de Minas Gerais.

ABSTRACT

The Pipe Organ of the Third Order of Carmo in Diamantina municipality, Brazil, has been a mystery to both Pipe Organ builders and organists, being the major concern determining the style of such a Pipe Organ (*i.e.*, whether it belongs or not to the Iberian style of Pipe Organ building). Against this background, this thesis first aimed at shedding light on the identity of the Pipe Organ of the Third Order of Carmo in Diamantina municipality, Brazil, by means of technical and historical survey. Additionally, it also aimed at understanding some issues related to the Diapason (fonic basis) of the Carmo Pipe Organ, the verification whether it is an Pipe Organ with Divided Stops, the Compass and division of the Manual, the location of the former and the current Wind Supply, the Mechanisms of the current Wind Supply, and whether all the current Pipes are original. Advances in research, however, pointed to some links to an Pipe Organ located in Córregos municipality, particularly as a result of the analysis of documents registering the restoration carried out in the Carmo Pipe Organ in 1940. This raised the hypothesis that some Pipes in the Carmo Pipe Organ had been replaced with Pipes from the Córregos Pipe Organ. In the face of the lack of references to both Pipe Organs under scrutiny and also to the Brazilian colonial Pipe Organ building, the answer to such a hypothesis demanded a large bibliographic research focusing on documents related to both Pipe Organs and their Pipe Organ builders, as well as a trip to Portugal (Braga region) and several historical municipalities in Minas Gerais State (*i.e.*, from Serro municipality, in Minas Gerais State, to Rio de Janeiro municipality, in Rio de Janeiro State, Brazil), tracking back the itinerary of cities where Lobo Mesquita, the first Organist of the Carmo Pipe Organ, performed. The inception of this research consisted of finding references to and within the Portuguese Pipe Organ building, because of the historical tradition of Pipe Organ building in Colonial Brazil and also because the Pipe Organ was built by a Portuguese catholic priest, Padre Manuel de Almeida e Silva. Historical data on the Carmo Pipe Organ and its Pipe Organ builder were collected from books of both the Order of Carmo and the Mother Church of Santo Antonio in Diamantina municipality. Further, both the Carmo Pipe Organ and the Córregos Pipe Organ themselves constituted important documents resorted to find answers to several

questions about the Carmo Pipe Organ. Moreover, the analysis of several documents related to the 1940 restoration, alongside a bibliography concerning the Brazilian and the so-called Minas Gerais Captaincy's musicology, Pipe Organ building, and history, also provided remarkable insights to this study. The result of this research accounts for a better understanding of the colonial Pipe Organ building in the former Minas Gerais Captaincy, primarily as a result of a pair-wise comparison between the above-mentioned instruments. Bearing in mind that every document about these instruments available up to date have been checked and revisited, the result can be fairly regarded insightful. Particularly as for the Carmo Pipe Organ, this study points out that it holds features typical of the Iberian style of Pipe Organ building, though carrying some influences of the Italian style, the Diapason is 6'- (FF Compass / Principal 6'), a Compass of 61 Notes: FF – f''', with Manual divided at b^2 / c^3 , even though it is not an Pipe Organ with Divided Stops; and the Wind Supply is a "Reservoir and Feeder-Bellows"; besides, this Pipe Organ probably has some Pipes removed from the Córregos Pipe Organ.

Keywords: Brazilian colonial Pipe Organ building, Pipe Organs, Minas Gerais Captaincy.

Lista de Figuras

Figura 1 – A Igreja de São José	11
Figura 2 – O reconhecimento de Athanasio como “mestre de órgão”	22
Figura 3 – Fazenda do Rio São João	26
Figura 4 – Capela de N. S. Bom Jesus dos Perdões	27
Figura 5 – Igreja de N. S. da Conceição	28
Figura 6 – A Igreja de Santa Efigênia	29
Figura 7 – A Igreja do Pilar	30
Figura 8 – A Igreja da Ordem Terceira do Carmo	31
Figura 9 – A Catedral da Sé de Mariana	32
Figura 10 – A Igreja de São Francisco de Assis	33
Figura 11 – A Matriz de Santo Antonio de Tiradentes	34
Figura 12 – A Igreja das Mercês	35
Figura 13 – A Caixa do Órgão da Matriz de Caeté	37
Figura 14 – Afrescos da Caixa do Órgão da Matriz	37
Figura 15 – As modificações na Caixa do Órgão da Matriz de Caeté	38
Figura 16 – A Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Sabará	39
Figura 17 – A Capela do Senhor Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas	40
Figura 17 – Vista do Santuário do Caraça	41
Figura 19 – O Órgão do Santuário do Caraça	42
Figura 20 – O Positivo de São João d’El Rei43	
Figura 21 – A Igreja do Carmo de Diamantina	45
Figura 22 – A antiga Matriz de Santo Antônio de Diamantina	47
Figura 23 – Registro de pagamento de Pe. Manuel de Almeida e Silva como organeiro no Carmo	48
Figura 24 – Registro de pagamento das missas celebradas por Pe. Manuel de Almeida e Silva	49
Figura 25 – Registro de pagamento de Pe. Manuel de Almeida e Silva como organeiro no S. Sacramento	50
Figura 26 – Registro de pagamento de Lobo de Mesquita como organista no Santíssimo Sacramento	52
Figura 27 – Posicionamento do Órgão no coro da igreja	56
Figura 28 – Fachada do Órgão	56
Figura 29 – Consolo do Órgão	56
Figura 30 – A Fachada do Órgão do Carmo	57
Figura 31 – O Consolo do Órgão de Diamantina	58
Figura 32 – O Óculo do Órgão de Diamantina	59
Figura 33 – Órgão de Lamego – Portugal	59
Figura 34 – Os Tirantes nos Quadros de Registros, seu Mecanismo e as Fileiras de Registros	61
Figura 35 – A disposição do Teclado x Someiro	62
Figura 36 – A disposição dos Tubos no Someiro	62
Figura 37 – O Reservatório de Ar do Someiro	65
Figura 38 – A caixa do Teclado	68
Figura 39 – O Fole de Cunha	70
Figura 40 – Corte transversal do Fole do tipo reservatório e Fole-alimentador	70
Figura 41 – Esquema do Fole similar ao do Órgão do Carmo	71
Figura 42 – O conjunto dos Foles atuais	72
Figura 43 – Detalhe dos Foles e roldanas	72
Figura 44 – Detalhe do Reservatório	72
Figura 45 – Um paralelo entre as Caixas e os Consolos dos Órgãos de Diamantina e dos portugueses	74
Figura 46 – Um paralelo dos Teclados dos Órgãos de diamantina e dos portugueses	75
Figura 47 – Os complementos de papelão e barbante	77
Figura 48 – Carimbo Vieille Montagne	79
Figura 49 – Inscrição numérica nos Tubos	80
Figura 50 – Recibo assinado por Francisco Leonardo Ramos	83

Lista de Figuras (continuação)

Figura 51 – Recibo assinado por Antonio Ephigênio de Sousa	83
Figura 52 – A Matriz de Córregos.....	85
Figura 53 – Possível assinatura de Francisco Leonardo Ramos	87
Figura 54 – Fachada e Consolo do Órgão de Córregos	87
Figura 55 – Fachada do Órgão de Córregos.....	88
Figura 56 – O Fole interno do Órgão de Córregos	90
Figura 57 – O Consolo, o Someiro e o interior da Caixa	90
Figura 58 – Detalhe da solda do Tubo	99
Figura 59 – Quadro de Registros do lado dos Baixos e dos Típles	93
Figura 60 – Inscrições em um Tubo de metal.....	94
Figura 61 – Alguns Tubos dispostos no Someiro.....	94
Figura 62 – Jornais usados na reforma em Julho de 1913	95
Figura 63 – Inscrições datando a reforma de 1913	96
Figura 64 – Detalhes do Órgão da Matriz de Córregos.....	97
Figura 65 – Tubo de madeira escrito o nome “Eugenio”	100
Figura 66 – Assinatura de Eugenio Vianna – Documentos de 1940	100
Figura 67 – A distribuição dos Tubos graves e agudos no Someiro e laterais da Caixa	102
Figura 68 – Os Tubos graves ao centro da Caixa	103
Figura 69 – Órgão em Duas Igrejas – Portugal	104
Figura 70 – A Tábua de Redução	105

Quadros

Quadro 1 – As cidades de Minas Gerais e seus organistas	24
Quadro 2 – As diferentes listagens dos Registros do Órgão do Carmo	63
Quadro 3 – Registros dos Órgãos de Pico de regalados e Duas Igrejas	75
Quadro 4 – Disposição dos Registros no Someiro	93

Tabelas

Tabela 1 – Relação de pagamentos ao Pe. Manuel de Almeida e Silva	46
Tabela 2 – Comparação dos sistemas de medida de um Tubo: Pés x Palmos	64
Tabela 3 – Intervenções no período de 1785 a 1839	82
Tabela 4 – Medidas dos Tubos maiores encontrados	91

Sumário

1 INTRODUÇÃO	01
2 CAPÍTULO I: OS ÓRGÃOS DE TUBOS E A MÚSICA NO COLONIAL BRASILEIRO	05
2.1 A MÚSICA COLONIAL MINEIRA NOS SÉCULOS XVIII E XIX	05
2.2 Os PRIMEIROS ÓRGÃOS, ORGANISTAS E ORGANEIROS NO BRASIL	13
2.3 Os ÓRGÃOS DE TUBOS NA CAPITANIA DE MINAS GERAIS NO SÉCULO XVIII	17
2.4 RELATOS DOS VIAJANTES EUROPEUS NO SÉCULO XIX POR MINAS GERAIS	18
2.5 OS ORGANEIROS MINEIROS	21
2.6 ORGANISTAS NA CAPITANIA DE MINAS GERAIS	23
2.7 CIDADES MINEIRAS E OS ÓRGÃOS DE TUBOS DE IGREJA	25
3 CAPÍTULO II: O ÓRGÃO DE TUBOS DA ORDEM DO CARMO:	
UM EXEMPLAR DA ORGANARIA COLONIAL MINEIRA	45
3.1 A HISTÓRIA DESSE INSTRUMENTO	45
3.2 CARACTERÍSTICAS ATUAIS DO ÓRGÃO DO CARMO	53
3.2.1 A Caixa, a Fachada e o Console	54
3.2.2 A Tubaria, os Registros e o Someiro	60
3.2.3 O Manual	65
3.2.4 Os Foles	68
3.3 O ÓRGÃO DE DIAMANTINA O OS INSTRUMENTOS PORTUGUESES DA REGIÃO DE BRAGA	73
3.4 A REFORMA DE 1940	76
3.5 A REFORMA DE 1940A REALIDADE DOS TUBOS NO ÓRGÃO DE DIAMANTINA	78
4 CAPÍTULO III: O ÓRGÃO DA IGREJA MATRIZ DE CÓRREGOS	85
5 CAPÍTULO IV: A LIGAÇÃO ENTRE OS ÓRGÃOS DE DIAMANTINA E DE CÓRREGOS	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109
BIBLIOGRAFIA	112
GLOSSÁRIO	114
ANEXOS	117

1 INTRODUÇÃO

A idéia de uma pesquisa sobre o Órgão da Venerável Ordem Terceira do Carmo de Diamantina (Minas Gerais) surgiu em agosto de 2004, quando da realização de um levantamento técnico para o restauro daquele instrumento. Trata-se de um Órgão construído em terras brasileiras, em um lugar muito distante dos principais centros urbanos litorâneos – Pernambuco e Bahia – e dos centros mineradores da época – Vila Rica e região do Rio das Mortes. Além de sua importância histórica como instrumento propriamente dito, esse Órgão fora inaugurado por José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita (1746?-1805), que nele compôs grande parte de sua obra sacra.

Somam-se a todos esses aspectos a quase total falta de literatura e de pesquisas técnicas e históricas sobre o Órgão do Carmo, além da pouca documentação histórica, o que instigou ainda mais o início desta pesquisa. O trabalho, àquela época, parecia, então, ser desafiador, despertando a vontade de desenvolver um estudo acadêmico mais profundo, que se conjugava com o interesse pessoal com relação ao instrumento ora sob escrutínio.

O Órgão do Carmo era uma incógnita tanto para organistas quanto para organeiros. Havia diversas dúvidas a serem esclarecidas, pois o instrumento não se enquadrava exatamente nas características estéticas da escola de construção ibérica. A meta do presente estudo foi, pois, investigar os muitos questionamentos, os quais foram respondidos e consolidados à medida que as pesquisas avançaram.

Nesse contexto, o processo pesquisa desta dissertação consistiu de três momentos:

1) Em março de 2006, com o meu ingresso no Departamento de Música do Instituto de Artes da UNICAMP¹, na condição de aluno especial de mestrado, tiveram início os trabalhos de pesquisas históricas e técnicas sobre os instrumentos portugueses e brasileiros do século XVIII. Foram realizadas diversas pesquisas de campo pelo Brasil e em Portugal, juntamente com entrevistas a vários técnicos em organaria e em história colonial.

¹ Sob a orientação de Edmundo Pacheco Hora, o meu ingresso se deu, naquele momento, como aluno especial. A partir de 2007, eu já era aluno regular do Programa de Pós-Graduação da referida instituição.

O marco inicial e que norteou o processo de investigação foi uma visita exploratória na região de Braga (Portugal) em maio de 2006, onde existem Órgãos similares ao Órgão do Carmo tanto em construção quanto em época histórica. Naquele momento, realizou-se, então, um estudo comparativo entre o Órgão setecentista da Ordem Terceira do Carmo de Diamantina e os instrumentos portugueses da mesma época e da região de Braga, de onde vieram os padres-organeiros. Essa etapa foi finalizada com a publicação de um artigo nos anais do XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música – ANPPOM;

2) Posteriormente, em 2007, como aluno regular de mestrado, efetuou-se uma pesquisa investigativa em Diamantina para uma busca minuciosa e criteriosa em todos os Tubos do Órgão do Carmo. Fez-se um novo levantamento sobre a Tubaria do instrumento desde as Palhetas aos Tubos da Fachada, podendo-se verificar que, em seu aspecto geral, os Tubos de metal são muito diferentes entre si, mesmo dentro de uma mesma Fileira de Registros. Além disso, para uma melhor compreensão da organaria colonial mineira, realizaram-se o levantamento e a análise dos materiais, dos recursos locais disponíveis e das soluções adotadas na construção tanto do Órgão do Carmo quanto do Órgão de Córregos, dois representantes da manufatura colonial brasileira.

Nesse momento, realizou-se um estudo minucioso dos vários documentos da reforma por que passou o Órgão do Carmo em 1940. Em decorrência, foram feitas algumas hipóteses que poderiam estabelecer conexões entre os Órgãos do Carmo e de Córregos. Obtiveram-se vários novos dados técnicos e históricos e levantaram-se algumas questões específicas sobre o Órgão do Carmo de Diamantina. Aventou-se, então, a hipótese de que este poderia ser um Órgão de Registros Partidos, cumprindo, também, indagar qual seria a base desse Órgão, onde estariam localizados os Foles originais, qual é o tipo dos Foles atuais (*i.e.*, desde a reforma de 1940), se seriam os Tubos desse Órgão originais e se poderiam alguns deles ter pertencido ao Órgão da Matriz de Córregos. Como resultado dessa hipótese e dessas indagações, foi publicado, em agosto de 2007, mais um artigo nos anais do XVII Congresso da ANPPOM

Ao final dessa etapa, chegou-se a determinadas conclusões sobre algumas dúvidas a respeito do Órgão do Carmo. Essa segunda etapa de pesquisa e análise de dados

finalizou-se em novembro de 2007. Inicialmente, a pesquisa estava centrada na busca pela identidade técnica e histórica daquele instrumento; contudo, com o desenvolvimento das pesquisas, houve um desdobramento desse foco a partir de evidências de uma possível ligação do referido Órgão com o instrumento localizado no Distrito de Córregos, em Minas Gerais. De construtor e data ainda desconhecidos, o Órgão de Córregos revela o esmero em sua construção. Nesse sentido, apesar da distância geográfica que separa esses dois instrumentos, as pesquisas mostram uma estreita relação entre ambos. Ao final deste semestre, foi prestado o exame de qualificação de mestrado;

3) Ao final do segundo semestre de 2007, foi prestado o exame de qualificação de mestrado, e, no primeiro semestre de 2008, foi trabalhado o primeiro capítulo desta dissertação, no qual foi tratado o contexto histórico no qual os Órgãos do Carmo de Diamantina e o da Matriz de Córregos foram construídos e usados na música colonial mineira. Um breve levantamento da história do Órgão no Brasil, do descobrimento até o século XIX foi incluído nesse capítulo.

As pesquisas bibliográficas foram conduzidas de tal forma que a maior fonte de documentação histórica correspondeu aos livros dos arquivos da Ordem Terceira do Carmo de Diamantina, dos arquivos da Arquidiocese de Diamantina (livros da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Matriz de Santo Antonio de Diamantina) e do Museu de Arte Sacra de Ouro Preto (livros da Ordem do Carmo, da Irmandade do Santíssimo Sacramento e da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Alto da Cruz do Padre Fariam).

Para o estudo técnico da construção dos Órgãos em escrutínio, consultou-se uma significativa bibliografia técnica, da qual se destacam os livros de organaria geral e de organaria histórica (AUDSLEY, 1905; DICKSON, 1997 e PRET, 1989) e de acústica musical (HENRIQUE, 2002; CAMPBELL, 1987). Foram incluídos também na bibliografia alguns artigos e dissertações relacionadas ao tema pesquisado. Além disso, contou-se com a colaboração da assessoria técnica dos organeiros: Manfred Worlitschek (Alemanha), atualmente residente no Brasil, e Antonio Simões (Portugal).

Para levantamento histórico do Órgão do Carmo, pôde-se dispor de uma bibliografia relacionada à história do Brasil e de Minas Gerais (HOLANDA, 2003; LIMA

JUNIOR, 1978) e de história da música em Minas Gerais (LANGE, 1966; RESENDE, 1989), além da colaboração do pesquisador Assis Alves Horta².

Consideraram-se, nesta pesquisa, estes dois instrumentos como sendo documentos importantes de pesquisa da organaria colonial brasileira. O Órgão diamantinense é uma importante fonte de investigação e de estabelecimento de padrões sonoros até o momento não considerados para a execução da música de Lobo de Mesquita. Por outro lado, o Órgão de Córregos, devido ao seu estado bastante original, poderá, após um estudo mais aprofundado, fornecer informações essenciais sobre a construção de Órgãos coloniais.

Por meio de dados históricos levantados nos diversos livros das ordens terceiras, chegou-se a considerações relevantes sobre o processo de construção e manutenção do Órgão do Carmo, além de problemas detectados ao longo de seu uso. Além disso, por meio de levantamentos de dados técnicos de organaria, foi feito um estudo técnico da construção de ambos os instrumentos, o qual contou com a utilização dos vários livros de organaria arrolados da bibliografia desta dissertação.

Esta dissertação se subdivide, além desta introdução, em quatro capítulos e as considerações finais. Ao longo do texto, descreve-se um breve histórico das atividades organísticas no Brasil – do descobrimento até a Capitania de Minas Gerais³. Apresenta-se o contexto histórico-musical na Capitania de Minas Gerais do século XVIII até princípios do século XIX. Destacam-se as várias cidades históricas mineiras onde existiram Órgãos de Tubos e citam-se seus organistas e seus organeiros (construtores e mantenedores). Tece-se um estudo técnico e histórico dos Órgãos da Venerável Ordem Terceira do Carmo de Diamantina e da Matriz D'Aparecida do Distrito de Córregos. Além disso, explicita-se a ligação verificada entre esses dois representantes da organaria colonial mineira.

2 Assis Alves Horta foi prior da Ordem do Carmo de Diamantina e funcionário do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Além de pesquisador dos livros históricos dessa mesma Ordem. Enriqueceu as pesquisas ora reportadas a partir de seus arquivos, fotografias, pesquisas e depoimentos.

3 Adota-se, nesta dissertação, a referência Capitania de Minas Gerais por ter sido essa a denominação encontrada em todos os mapas dos séculos XVII e XIX consultados. Encontra-se também o nome Capitania das Minas Gerais.

CAPÍTULO I: OS ÓRGÃOS DE TUBOS E A MÚSICA NO PERÍODO COLONIAL BRASILEIRO

2.1 A MÚSICA COLONIAL MINEIRA NOS SÉCULOS XVIII E XIX

No processo de colonização do Brasil⁴, até o final do século XVII, as vilas do litoral foram os centros da vida econômica e cultural⁵. Nessas regiões surgiram os primeiros colégios e paróquias e, posteriormente as primeiras dioceses. Os mestres de capela e os organistas foram os responsáveis pela organização da vida musical nas Igrejas Matrizes e nas Sé⁶.

Ao final do século XVII, com a descoberta do ouro pelos paulistas nas Minas Gerais, ocorreu uma grande corrente migratória para a região mineradora⁷. Além dos bandeirantes paulistas, que foram os primeiros povoadores, diversos outros forasteiros – os chamados emboabas, que eram os renóis⁸, baianos e pernambucanos – seguiram em uma busca desenfreada em direção ao desconhecido e assim, povoaram a região (KIEFER, 1977, p. 31). Sendo criada em 1720 a Capitania de Minas Gerais. Com o apogeu do ciclo do ouro, surgiram as vilas do interior, marcadas pelo crescente desenvolvimento econômico, urbano e cultural. Muitas dessas vilas eram mais ricas e com uma melhor estrutura urbana do que muitas das vilas ou cidades litorâneas dos séculos XVI e XVII. Foi neste contexto que apareceram os mais importantes compositores, instrumentistas e artistas plásticos do Brasil Colonial. Francisco Curt Lange (1903-1997) comenta: “Em todas as regiões das Américas, onde os recursos em minerais foram abundantes, floresceram a

4 O emprego de “Brasil” ou “brasileiro”, no contexto desta dissertação, remete especificamente ao Brasil no Período Colonial.

5 ROMEIRO, Adriana. Povoamento. *Dicionário Histórico das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, P. 236.

6 Sé: o mesmo que catedral.

7 COSTA, Antônio Gilberto (Org.). *Os Caminhos do Ouro e a Estrada Real*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Lisboa: Kapa Editorial, 2005, p. 42.

8 Renol: termo usado popularmente no Brasil para designar os portugueses nascidos no Reino de Portugal e os distinguir daqueles nascidos no Brasil..

prosperidade e a cultura quando acompanhadas imediatamente de um claro sentido de organização social e urbanística”⁹.

A Capitania de Minas Gerais desenvolveu, ao longo do século XVIII, o que pode ser considerado um dos conjuntos artísticos barrocos mais expressivos do Brasil, tanto na qualidade quanto no volume do *corpus*. Tal produção artística se sustentou na riqueza produtiva proporcionada pela extração do ouro¹⁰ e diamante¹¹, descobertos, respectivamente, a partir de 1693 e 1727. A moeda corrente em Minas Gerais era seu próprio lastro: o ouro em pó¹².

Segundo Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), o desenvolvimento da atividade musical em Minas Gerais ocorreu ao mesmo tempo em que se iniciaram a construção dos primeiros arraiais¹³ e de suas capelas de taipa. Houve uma atividade musical elevada e tão intensa que se destacava de toda outra atividade artística do período áureo de Minas Gerais¹⁴. Assim afirma Bruno Kiefer (1923-1987):

Provoca espanto o extraordinário desenvolvimento da vida musical na capitania das Minas Gerais durante o século XVIII. Em pleno sertão, distante do litoral e infinitamente longe dos centros culturais da Europa, surgiu aí uma atividade musical intensa, de alto nível de execução e criação. Além do mais, é inacreditável a rapidez com que cresceu essa cultura musical nas principais vilas mineiras¹⁵.

9 LANGE, Francisco Curt. *História da música na Capitania das Minas Gerais*. Vila do Príncipe do Serro do Frio e Arraial do Tejuco. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura. 1983, v. 3, p. 104.

10 Não existe um cálculo exato do valor total da extração de ouro no Brasil colonial devido ao intenso contrabando e sonegação. Segundo Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777-1855), calcula-se que a produção total de ouro entre 1700 e 1820 seja em torno de 7.200 arrobas de ouro (baseado na arrecadação dos quintos). Em contrapartida, George Wilhelm Freireyss ([1819] 1982) relata que, até 1815, haviam sido extraídas aproximadamente 600 toneladas (considerando-se o contrabando).

11 A produção de diamantes do Serro do Frio, até início do século XIX, chegou a três milhões de quilates.

12 ROMEIRO, Adriana. Economia mineradora. *Dicionário Histórico das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 120.

13 Arraial: povoação de caráter temporário, geralmente formada em função de certas atividades extrativas, como as lavras de ouro. Como o crescimento populacional, um arraial era elevado à condição de vila. Também, significa ajuntamento para festa religiosa; em português de Portugal.

14 HOLANDA, Sérgio Buarque de. *A época colonial*. Administração, economia, sociedade. História geral da civilização brasileira. São Paulo: Bertrand Brasil, 2003, Tomo 1 v. 2, p. 159.

15 KIEFER, Bruno. *História da música brasileira*. Porto Alegre: Movimento, 1977, p. 31.

Em uma de suas viagens pela Capitania de Minas Gerais por volta de 1816, o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire¹⁶, assistindo a uma missa com música na quinta-feira santa na Matriz da Vila do Príncipe do Serro do Frio (atual cidade do Serro), demonstra sua admiração quanto à qualidade da música ouvida:

Os músicos, todos habitantes do local, estavam reunidos em uma tribuna, e o público não tomou parte nos cantos. A música era apropriada à santidade do lugar assim com à solenidade da festa, e foi perfeitamente executada. Vários cantores tinham ótima voz, e duvido que em qualquer cidade do norte da França, de população equivalente, se executassem uma missa musicada tão bem quanto esta foi (SAINT-HILAIRE, 2000, p. 151).

Holanda afirma que “[...] jamais se manifestou, em solo americano, um movimento de expressão tão elevada” (HOLANDA, 2003, p. 139). O autor ainda completa que “[...] existiu, ao mesmo tempo humilde e gloriosa, inseparável das demais manifestações artísticas, uma Escola de Compositores da Capitania Geral das Minas Gerais” (HOLANDA, 2003, p. 162).

Segundo Lange, a devoção pela música nesses conglomerados humanos possivelmente foi fruto do isolamento, da nostalgia, da tradição musical e de um fervor religioso que foram trazidos pelos portugueses para o Brasil. A música em Portugal, desde o Concílio de Braga¹⁷, no início do século V, foi cultivada com extremo pendor, antes mesmo da idéia de nacionalidade¹⁸. Além disso, o gosto dos portugueses pela boa música foi influenciado por uma dinastia de reis músicos¹⁹.

Assim sendo, a música era marcante e presente no cotidiano das cidades brasileiras nas últimas décadas do século XVIII, sendo indispensável nas festas sociais e cívicas e principalmente, nas igrejas. O contato com a liturgia era diário e profundo e os

16 Auguste Saint-Hilaire (1779-1853) escreveu vários livros sobre suas pesquisas e as viagens que são documentos preciosos sobre o Brasil do princípio do século XIX. Saint-Hilaire era um observador minucioso, preocupado em fazer o leitor "viajar" com ele. Por isso, seus relatos são ricos em lições de: história, geografia, sociologia e antropologia.

17 O Concílio de Braga de 563, reunido por São Martinho de Dume, proibiu que se cantassem muitos dos hinos e cantos de caráter popular que estavam incluídos nas missas e em outras celebrações.

18 LANGE, Francisco Curt. *Os Compositores na Capitania Geral das Minas Gerais*. Revista Estudos Históricos, Marília, n. 3 e 4, p. 40, 1965.

19 HOLANDA, 2003, p. 143.

músicos trajavam-se com elegância ao atuarem nas cerimônias litúrgicas. Segundo Antonio Luiz D'Araújo, no período de grande produção de ouro, a comunidade de instrumentistas e compositores chegou a cerca de 250, em Vila Rica e a 150, no Arraial do Tejuco²⁰; ultrapassando a marca de mil músicos em atividade em toda a Capitania de Minas Gerais²¹.

No que diz respeito aos antecedentes histórico-musicais capazes de explicar a rápida formação musical na Capitania de Minas Gerais, pode-se dizer que, provavelmente, os primeiros músicos vieram das cidades de Olinda, Recife e Salvador²², haja vista que São Paulo e Rio de Janeiro, naquela época, eram “modestas” e o movimento musical era muito incipiente²³. No século XVIII, três caminhos levavam à Capitania das Minas Gerais, que eram provenientes de São Paulo (Caminho de São Paulo), da Bahia (Caminho da Bahia) e do Rio de Janeiro (Caminho Velho, por Paraty e Caminho Novo, pelo Rio de Janeiro)²⁴ (COSTA, 2005, p. 194). Por essas vias era feito o abastecimento e o escoamento do ouro e do diamante da região das minas, sendo que a circulação somente podia ser feita por esses caminhos, constituindo-se crime de lesa-majestade a abertura de novos caminhos²⁵. O Caminho da Bahia cortava uma região mais plana, enquanto o Caminho do Rio de Janeiro, a Estrada Real²⁶, era muito íngreme, com muitas serras²⁷. Na passagem do século XVII para o século XVIII e até as três primeiras décadas do século do ouro, Minas Gerais estava fortemente ligada a Salvador, sede do governo colonial até 1763²⁸. O Caminho da Bahia só perdeu sua importância quando a cidade do Rio de Janeiro se firmou como o grande entreposto entre a Capitania de Minas Gerais e o seu principal porto de acesso²⁹.

20 Em alguns documentos encontramos o nome Tejuco grafado como Tijuco (que significa lama escura), e a palavra arraial escrito como arrayal

21 D'ARAUJO, Antonio Luiz D'. *Arte no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Revan, 2000, p. 193.

22 LANGE, Francisco Curt. *A organização musical durante o período colonial brasileiro*. COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS, 5., Coimbra [s.e.], 1966, p. 20.

23 D'ARAUJO, 2000, p. 226.

24 O Caminho de São Paulo provavelmente foi aberto pela bandeira de Fernão Dias. O Caminho Novo, resultado da necessidade de reduzir o tempo de viagem entre as minas e o litoral sul, foi um projeto idealizado por Artur de Sá e Menezes.

25 ROMEIRO, 2003, p. 61.

26 O Caminho Velho, que ligava a cidade do Rio de Janeiro às minas, passando por Paraty e pelas vilas paulistas ao longo do rio Paraíba, consumia aproximadamente setenta e quatro dias de viagem.

27 COSTA, 2005, p. 195.

28 COSTA, 2005, p. 75.

29 ROMEIRO, 2003, p. 64.

Eram poucos os padres-músicos portugueses em razão da proibição da construção de conventos na Capitania, pois somente padres seculares³⁰ recebiam autorização para entrar no território e exercer suas funções nas igrejas. Em seu livro *A organização musical durante o período colonial brasileiro*, Curt Lange afirma que bons padres-músicos, principalmente organistas, chegaram a Minas Gerais e que o clero e os mestres de capela de Olinda, Recife e Bahia foram os primeiros a trazer um ensino musical ministrado no século XVIII aos mineiros (LANGE, 1966, p. 14). Até o ano de 1745, Minas Gerais era disputada pelos bispados de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro³¹ e, a partir dessa data, passou a pertencer ao recém criado Bispado de Mariana³². No Brasil colonial, houve, a princípio, uma imigração e, logo após, uma formação *in situ* de músicos independentes da igreja, cuja independência era mantida mesmo no caso de serem mestres de capela (LANGE, 1966, p. 42).

Tanto no nordeste quanto em Minas Gerais, alguns músicos nativos, que se destacavam por sua habilidade, eram enviados a Lisboa para aperfeiçoamento instrumental ou vocal. A título de exemplo, Lange, em suas pesquisas, encontrou, no *Livro de Passaportes* do Arquivo Histórico Ultramarino, o nome do músico-regente do Arraial do Tejuco, Pedro Nolasco de Azevedo, quando regressava de Lisboa, a sua terra natal, via Bahia e Vila do Serro do Frio no ano de 1777 (LANGE, 1966, p. 42). Esse ensino proporcionou uma base sólida em composição e interpretação instrumental e vocal. Os coloniais mineiros estavam muito perto da linguagem de seus colegas europeus, mantendo-se em dia no conhecimento dos procedimentos harmônicos, de modulação e contraponto e também de certa liberdade de expressão (LANGE, 1966, p. 20).

O acesso às obras de compositores europeus da época também influenciou os compositores mineiros. Mesmo para os músicos mineiros da segunda metade do século

30 O termo padre secular se referia ao clero religioso cuja carreira eclesiástica não incluía o ingresso em ordens religiosas, em oposição ao clero regular, que correspondia aos integrantes das ordens religiosas masculinas, as ordens primeiras.

31 MOURÃO, Rui. *O alemão que descobriu a América*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 1990, p. 110.

32 O terceiro bispado mais antigo do Brasil foi criado por Bula Papal em 6 de dezembro de 1745 e teve personalidade canônica em 27 de fevereiro de 1748. Teve como seu primeiro Bispo, Dom Frei Manuel da Cruz, separado do bispado do Rio de Janeiro na forma da Provisão de 2 de abril de 1745.

XVIII, que vivenciaram um ambiente de barroco tardio, o acesso às obras dos mestres europeus e a afeição do músico mineiro em conhecer esse repertório proporcionaram uma identificação com o estilo pré-clássico (LANGE, 1966, p.13). Partituras de Arcangelo Corelli (1653-1713), Antonio Vivaldi (1678-1741), George F. Handel (1685-1759), Giovanni Pergolesi (1710-1736), Luigi Boccherini (1743-1805), Wolfgang A. Mozart (1756-1791), e muitos outros circulavam pela Capitania. Holanda menciona que:

[...] a parte do primeiro violino do quarteto, Op. 1 N° 3, de Haydn, copiado em 1794, pelo mulato Maciel da Cruz a milhares de léguas de distância da Corte de Viena, quando ainda restavam a Haydn quinze anos de vida. Executado com grande frequência, mostrava o desgaste natural do manuseio e os pingos de cera das velas da época (HOLANDA, 2003, p. 152).

Pode-se verificar que, no período colonial, os músicos mineiros estavam em dia com seus colegas europeus. Havia um contato que não era lento entre o interior da colônia e o exterior, havendo poucos anos de diferença, isto é, o tempo necessário para a “importação” das partituras da Europa até a região de Minas Gerais.

A exemplo do que acontecia com outros ofícios artísticos e artesãos, foi fundada a Irmandade de Santa Cecília, que era um órgão que fiscalizava e dava assistência a seus membros, tendo as seguintes funções: a devoção, o serviço religioso e o apoio fraterno. Segundo documentação existente, a Irmandade de Santa Cecília originou-se em Vila Rica, sendo criada em 1815. Os documentos da fundação e os estatutos foram aprovados por D. João VI, que se tornou seu Régio Protetor (LANGE, 1966, p. 59). Primeiramente sediada na Matriz de Nossa Senhora do Pilar, depois se transferiu para a Igreja de São José (FIG. 1, a seguir) e voltou para a Matriz do Pilar em sua segunda fundação (1817) (LANGE, 1983, p. 441; p. 442). Por meio de sua atuação, era exigido um registro de filiação para exercer a atividade de músico nas outras corporações. Curt Lange julgava ter havido Presídias³³ espalhadas por toda a Capitania Geral³⁴. Na figura a seguir, vê-se o conjunto da Igreja de São José em Ouro Preto.

33 O termo tem o mesmo significado de filiais ou vice-comissariados da Irmandade de Santa Cecília em outras cidades ou vilas.

34 LANGE, 1966, p. 60.



Figura 1 – A Igreja de São José
a) O conjunto da Igreja de São José
b) Fachada da igreja

Fonte: Acervo fotográfico do autor.

Segundo Lange, era enorme, em Minas Gerais, o número de mulatos instrumentistas, regentes, cantores e compositores, chegando a ultrapassar, por volta de 1740, o número de brancos músicos. Esse fato se devia, em parte, à miscigenação, decorrente, sobretudo, da falta de mulheres brancas, posto que, de acordo com Holanda, o povoamento em Minas Gerais até 1720 era quase que exclusivamente realizado por homens³⁵.

Os mulatos se destacavam nas artes e buscavam ingressar nesse mercado de trabalho com vistas não somente a melhores rendimentos, mas também a uma ascensão social na sociedade colonial. Almejando um *status* através da arte erudita, mudavam seu comportamento adotando costumes e valores dominantes, chegando, inclusive, a não se misturar com os batuqueiros. Eram bons conhecedores do latim, o qual era uma característica marcante da Capitania de Minas Gerais. Um velho provérbio, ainda falado no século XIX, dizia: “mineiro³⁶ sabe duas coisas bem, solfejar e latim”³⁷. Em Minas Gerais,

35 HOLANDA, 2003, p. 139.

36 Convém esclarecer aqui que a porção letrada da sociedade colonial possuía muito bom conhecimento de latim, destacando-se os carmelitas, que constituíam uma irmandade intelectualizada.

37 LANGE, 1966, p.30. *Ibidem*, 1983, p.98. HOLANDA, 2003, p. 144.

até o início do século XX, o latim fazia parte da formação das pessoas cultas; mais do que em outros lugares.

O *mulatismo*³⁸ em Minas Gerais se destacou de qualquer outra parte do Brasil pela quantidade de seus integrantes e pela rápida ocupação das funções antes reservada aos brancos. O desembargador José João Teixeira Coelho, intendente de fazenda e magistrado, em seu informe sobre a situação da Capitania Geral mandado ao Rei em 1780 assim comenta sobre os mestiços: “[...] aqueles mulatos que se não fazem absolutamente ociosos, se empregam no ofício de músicos, os quais são tantos na Capitania de Minas, que certamente excedem o número dos que há em todo o reino” (LANGE, 1966, p. 12). Ainda nessa direção Holanda aponta que: “O mulato de Minas Gerais foi o verdadeiro orientador de toda atividade artística e quase seu único intérprete” (HOLANDA, 2003, p. 142), de modo que é preciso considerar que a música estava, de fato, nas mãos dos mulatos, que eles dominavam essa arte e que a executavam com perfeição (HOLANDA, 2003, p. 146).

Condizendo com esses dados, constata-se, inclusive, que existiram, na Minas Colonial, negros e mulatos que eram organistas. O Ouvidor de Sabará, Antonio Luiz Pereira da Cunha, em visita ao Santuário do Caraça em 1806 cita em sua carta que: “[...] concluiu a dita capela, pondo-lhe dentro um Altar-Mor, dois Púlpitos e um coro, onde tem um pequeno Órgão e Piano forte, que, com surpresa e prazer, ouvi tocar por um preto escravo da mesma casa [...]”³⁹. Ainda nesse mérito, tem-se que, no século XIX, o Reverendo James Cooley Fletcher (1823-1901)⁴⁰, em visita à casa do Barão de Berthioga, comenta de sua surpresa ao ouvir uma orquestra toda composta por negros, sendo que, um deles estava sentado ao Órgão⁴¹.

38 O mulatismo musical: A maioria dos músicos envolvidos com a prática musical no Brasil do século XVIII e XIX era mestiça; e, em menor quantidade, estavam os negros e os brancos. Era uma forma de se obter uma elevação social, dedicando-se aos ofícios, às artes e principalmente à música. Antes de Minas, esse fenômeno já havia ocorrido em centros como Olinda, Recife e Salvador.

39 ZICO, José Tobias. *Caraça, sua igreja e outras construções*. Belo Horizonte: FUMARC/UCMG, 1983, p. 42.

40 Missionário presbiteriano norte-americano, o Reverendo Fletcher, chegou ao Brasil em 1851 e manteve contatos com D. Pedro II. Lutou em favor da liberdade religiosa, da emancipação dos escravos e da imigração protestante. Escreveu o livro *O Brasil e os brasileiros* (1857).

41 *Apud* MOURÃO, 1990, p. 117.

Os músicos em Minas Gerais eram muito respeitados pela sociedade colonial, e sua atividade estava fortemente ligada à igreja⁴². Dentre os inúmeros músicos regentes e compositores mineiros, destacam-se os músicos: João de Deus de Castro Lobo (1794-1832), Jerônimo de Souza Lobo (17? -ca. 1803), Manoel Dias de Oliveira (ca. 1735-1813) e José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita (17? -1805). Todos estes eram organistas.

Por fim, cumpre salientar que a quantidade e a qualidade da produção musical na Capitania de Minas Gerais eram prolíferas; contudo, infelizmente, muito desse repertório se perdeu definitivamente. Muitos dos materiais foram utilizados em açougues para embrulho de carnes ou mesmo em fogos de artifício por serem bons de queima.

2.1 OS PRIMEIROS ÓRGÃOS, ORGANISTAS E ORGANEIROS NO BRASIL

Os primeiros registros de Órgãos de Tubos⁴³ no Brasil remetem ao descobrimento. Segundo Eduardo Bueno (1958-)⁴⁴, oito frades franciscanos liderados por Frei D. Henrique Soares de Coimbra, vieram na esquadra de Pedro Álvares Cabral. Ainda em alto-mar, no dia 19 de abril de 1500, foi celebrada a missa do domingo de Páscoa, em cujos relatos se pode encontrar a vinda de um Órgão com os descobridores, assim narrado:

No domingo de Ramos, porém, a ressurreição de Cristo pôde ser comemorada com uma missa solene, celebrada no convés da nau Capitânia, entre os mais ricos paramentos e os mais belos castiçais. O órgão de frei Maffeo, um dos oito frades da frota, modulou a música sacra, cuja melodia barroca ecoou nos corações e mentes dos soldados e da marinhagem, dos degredados e comandantes (BUENO, 1998, p. 10).

O primeiro músico a pisar em solo brasileiro foi Frei Maffeo⁴⁵, de origem italiana, que era sacerdote-organista e capelão da nave de Pedro Álvares Cabral. Pode-se atribuir a ele a primeira execução musical organística no Brasil.

42 LANGE, 1966, p. 60.

43 Optou-se grafar todos os termos técnicos de organaria com letra maiúscula a fim de distingui-los de outros similares. Nas citações, manteve-se o texto original.

44 BUENO, Eduardo. *A Viagem do Descobrimento: A verdadeira história da expedição de Cabral*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

45 Há diversas formas para a escrita desse nome. Encontram-se também as grafias Maffeu, Maféu ou Masseur.

Encontram-se na carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal, os relatos de mais duas missas celebradas na viagem do descobrimento, desta vez em solo brasileiro. Não há, porém, referência clara ao uso do Órgão Positivo⁴⁶ trazido com a esquadra de Cabral nas narrativas dessas missas.

A primeira missa na Terra de Vera Cruz foi celebrada no dia 26 de abril pelo Frei Henrique Soares de Coimbra, no Ilhéu de Coroa Vermelha. Possivelmente, o Órgão não foi usado nessa primeira missa, haja vista que foi realizada em um ilhéu. A seguir, está transcrito o trecho da carta de Pero Vaz de Caminha que narra essa missa.

Ao domingo de Pascoela⁴⁷ pela manhã, determinou o Capitão ir ouvir missa e sermão naquele ilhéu. E mandou a todos os capitães que se arrandassem nos batéis e fossem com ele. E assim foi feito. Mandou armar um pavilhão naquele ilhéu, e dentro levantar um altar mui bem arranjado. E ali com todos nós outros fez dizer missa, a qual disse o padre frei Henrique, em voz entoada, e oficiada com aquela mesma voz pelos outros padres e sacerdotes que todos assistiram, a qual missa, segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção.

No primeiro dia do mês de maio, penúltimo da esquadra de Cabral na Terra de Vera Cruz, foi celebrada a segunda missa, na foz do rio Mutari. Provavelmente, nessa missa o Positivo de Frei Maffeo foi usado, pois foi uma celebração solene⁴⁸ e um rito oficial⁴⁹.

E hoje que é sexta-feira, primeiro dia de maio, pela manhã, saímos em terra com nossa bandeira; e fomos desembarcar acima do rio, contra o sul onde nos pareceu que seria melhor arvorar a cruz, para melhor ser vista [...] Plantada a cruz, com as armas e a divisa de Vossa Alteza, que primeiro lhe haviam pregado, armaram altar ao pé dela. Ali disse missa o padre frei Henrique, a qual foi cantada e oficiada por esses já ditos.

Com a vinda dos jesuítas para o Brasil em 1549, começou o processo de catequese e educação no país. Através dos meninos órfãos de Lisboa⁵⁰ os jesuítas

46 Provavelmente, era um pequeno Portativo, utilizado na Europa para acompanhar os fiéis nas procissões.

47 O domingo imediatamente anterior ao da Páscoa.

48 Nas missas solenes, era sempre celebrada com vozes e Órgão.

49 A cruz alçada era, além do símbolo de devoção à fé cristã, o marco de posse da terra em nome do Rei.

50 Os jesuítas Nóbrega e José de Anchieta pediram ao rei de Portugal que enviasse jovens órfãos, acreditando que eles aprenderiam a língua indígena de forma rápida e, conseqüentemente, poderiam se comunicar com os curumins (crianças indígenas), facilitando assim, a propagação do Evangelho. Os primeiros meninos órfãos chegaram ao Brasil em 1550.

introduziram a educação musical no Brasil, que passou a fazer parte do ensino nos colégios. Em seu livro *Breve história da Companhia de Jesus no Brasil*, Serafim Leite diz:

A música entrou como disciplina escolar nos seminários, em particular no de Belém (Baía), aparece com instrumentos nas aldeias e fazendas e entra com três modalidades – canto, instrumentos e órgãos – nas igrejas dos colégios e ate nas de algumas fazendas maiores (LEITE, 1965, p. 65).

Desse modo, os índios se sentiram atraídos pela música dos colonizadores, sendo assim iniciados em instrumento e canto⁵¹. O padre jesuíta Fernão Cardim, em seu tratado *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica*⁵², faz citações ao ensino de música através da dança, do canto de órgão⁵³, do aprendizado de instrumentos e do uso do Órgão neste trabalho de evangelização entre os índios⁵⁴. Apresenta-se, a seguir, o relato de Cardim quando de uma visita à aldeia de São João Batista dos Índios, atual Distrito de Trancoso na Bahia.

Em todas estas tres aldêas ha escolas de ler e escrever, aonde os padres ensinam os meninos indios; e alguns mais habéis tambem ensinam a contar, cantar e tanger; tudo tomam bem, e ha muitos que tanger frautas⁵⁵, violas e cravo e officiam missas em canto d'órgão, cousas que os pais estimam muito (CARDIM, [1585] 1978, p. 190).

Fernão Cardim ainda narra uma missa com Órgão no colégio da Bahia: “A missa foi oficiada com boa capella dos índios com frautas, e de alguns cantores da Sé, com órgãos, cravo e descantes”⁵⁶. Em outro relato de Cardim, também é possível observar a

51 LEITE, Serafim. *História da companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa: Livraria Portugália; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938, Tomo 2, p. 105.

52 A obra de Fernão Cardim, constituída por dois tratados e cartas, foi elaborada no Brasil ao longo da década de 1580, quando desempenhava o cargo de secretário do padre visitador Cristovão de Gouveia. Nesse tratado, Cardim faz várias narrativas sobre o aprendizado e o uso do Órgão, além da boa qualidade da execução desse instrumento por estudantes e índios nas missões jesuíticas.

53 O mesmo que canto d'órgão. Trata-se do canto em vozes, silábico e homofônico.

54 LEITE, 1938, tomo II, p. 100.

55 Encontram-se em vários textos da época (século XVI) os termos flauta e flautista sendo grafados de forma arcaica como *frauta* e *frautista*, numa possível influência do português da Galiza. Como exemplos citam-se: aluguer (aluguel) e ingleses (ingleses).

56 CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [1585] 1978, p. 202.

importância dos Órgãos nos colégios jesuítas: "veio, por fim o órgão, que não faltou em nenhum grande colégio"⁵⁷.

Encontra-se, de 12 de julho de 1552, um registro histórico da vinda de Órgãos para Brasil. O Bispo D. Pedro Fernandes Sardinha pede insistentemente, em carta ao Rei de Portugal, o envio de Órgãos⁵⁸ para a Sé da Cidade do Salvador⁵⁹.

Contudo, pode-se admitir que a história oficial do Órgão no Brasil começa na Bahia, no século XVI. Na primeira página dessa história, está registrada a criação, por Alvará Régio, do primeiro cargo de “tangedor de órgão” (organista) na Sé da Cidade do Salvador, no dia 9 de setembro de 1559 (DINIZ, 1986, p. 17).

[...] haja daqui em diante um tangedor de órgãos, o qual haverá de mantimento ordenado de doze mil réis em cada ano a custas de minha fazenda enquanto não se acabar de fazer a dita Sé; porque tanto que se for acabada haverá o dito Ordenado dos quarenta mil réis, que são ordenados para a fábrica dela; e o dito Tangedor servirá o dito Cargo conforme o Regimento, que lhe para isso dará o Bispo das Partes do Brasil, e o Cabido da dita Sé (DINIZ, 1986, p. 17).

Esse cargo foi ocupado primeiramente pelo Cônego Pedro da Fonseca⁶⁰, que, no natal de 1559, começou oficialmente a “tanger os órgãos da dita Sé”. Permaneceu no cargo até agosto de 1561, quando foi substituído pelo Padre Francisco da Luz⁶¹.

No século XVIII, existiram, em Recife, duas fábricas de Órgão: uma pertencente a Rodrigues Leite; e outra a Loreto Couto. Ambos organeiros eram naturais de Recife e foram representantes dos primórdios da construção de Órgãos no Brasil Colonial.

57 Apud KERR, Dorotéa. *A atividade organística no Brasil Colônia: organistas, compositores, construtores*. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA, *Anais...* Santiago: [s.e.], 2003, p. 8 Disponível em: <<http://www.ia.unesp.br/pos/stricto/musica/artigos/a%20atividade%20organistica%20no%20Brasil%20colonial.pdf>> Acesso em: 6 jun. 2008.

58 Segundo Jaime Diniz, o termo Órgãos, no plural, é de uso clássico, por ser um instrumento que reúne vários instrumentos sob a denominação de Registros. Também, é uma referência aos Órgãos duplos ou triplos que reuniam Órgãos independentes que eram tocados por um organista. Na realidade, o pedido era de um Órgão apenas (DINIZ, 1986, p.18).

59 DINIZ, Jaime Cavalcanti. *Organistas da Bahia: 1750 – 1850*. Rio de Janeiro/Salvador: Tempo Brasileiro/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1986. p. 18.

60 Pedro da Fonseca era sacerdote e cônego do Cabido da Sé. Foi substituído pelo Padre Francisco da Luz em primeiro de setembro de 1561.

61 DINIZ, 1986, p. 18.

Pereira da Costa (1901)⁶² em seu livro *Estudo histórico retrospectivo sobre as artes em Pernambuco*, comenta sobre os Órgãos na Capitania de Pernambuco:

O órgão já se conhecia desde meados do século XVI, nos conventos de Olinda, e foi muito vulgarizado no século XVIII pela montagem de uma oficina para a sua fabricação, dirigida por Agostinho Rodrigues Leite⁶³, que nascera no Recife em 1722. Loreto Couto, seu contemporâneo, diz que ele era excelente fabricante de órgãos, dotado de um peregrino engenhoso e que sem outros mestres que a própria penetração, fazia excelentes órgãos, e que para os templos de Pernambuco e da Bahia os havia feito primorosíssimos; e acrescenta: “Ao mesmo tempo que exercita esta rara habilidade, mostra que não se cega do interesse, dando as suas obras a preço muito inferior ao seu subido valor”.

Fabricava também excelentes órgãos, por esse tempo, como se refere ao mesmo escriptor, bem como todo gênero de instrumento de sopro ou cordas, o nosso conterrâneo Manoel Ignácio Valcacer, que era também insigne em lavar ouro e prata, em cravar pedras e trabalhar esmaltes (LANGE, 1966, p. 39).

Destaca-se, na Cidade de Salvador, no final do século XVIII, a existência de três organeiros: Antonio Francisco Lisboa, Antonio Paulo da Silva e Salvador Francisco Leite. Esse último era filho do famoso construtor de Órgãos de Pernambuco, Agostinho Rodrigues Leite⁶⁴.

2.1 OS ÓRGÃOS DE TUBOS NA CAPITANIA DE MINAS GERAIS NO SÉCULO XVIII

Nas Minas Gerais, desde 1701, a Coroa Portuguesa proibiu o estabelecimento de mosteiros e conventos e até a entrada do clero regular, devido ao temor do contrabando de ouro e diamantes⁶⁵. Por conseguinte, as irmandades leigas e as ordens terceiras foram responsáveis por toda a organização social e religiosa⁶⁶, incluindo-se a compra e a

62 Francisco Augusto Pereira da Costa (1851-1923), jornalista, advogado e historiador. Sua principal obra são os *Anais pernambucanos*, pesquisa em 10 volumes, ordenados cronologicamente, na qual pode ser encontrada a maioria dos assuntos da história e da vida pernambucana de 1493 a 1850.

63 Agostinho era artista notável e fez Órgãos para os mosteiros beneditinos de Olinda, da Bahia e do Rio de Janeiro. Segundo o cronista setecentista Loreto Couto, ele fez Órgãos “primorosíssimos” para a Bahia.

64 DINIZ, 1986, p. 19.

65 Eram também temidos por insuflarem a população contra o pagamento do “quinto”. Uma das formas usadas pelos eclesiásticos para o contrabando das riquezas minerais era o conhecido “santo do pau oco”.

66 RODRIGUES, André Figueiredo. *O clero e a conjuração mineira*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP. 2002, P.64.

manutenção dos Órgãos e o sustento dos músicos. Havia uma rivalidade entre as ordens e irmandades, levando a um excesso de despesas para a manutenção de uma ostentação⁶⁷.

As capelas de algumas fazendas mais abastadas possuíam Órgãos de Tubos, como resultado da religiosidade das Minas Gerais⁶⁸.

Um momento fascinante na história da música no Brasil começou com a produção de instrumentos locais, isto é, com a existência de uma organaria própria, abandonando a importação de instrumentos de Portugal. Os Órgãos trazidos de Lisboa possuíam um sério problema: construídos com madeiras européias, eram pouco resistentes aos numerosos insetos das regiões tropicais e ao clima bastante úmido⁶⁹. A substituição da madeira européia por madeira tropical de lei marca o início da construção de Órgãos *in loco*. Esses instrumentos construídos em Minas Gerais não eram de grande porte: em sua maioria eram Positivos de Armário⁷⁰.

2.1 RELATOS DOS VIAJANTES EUROPEUS NO SÉCULO XIX POR MINAS GERAIS

Durante o século XIX, muitos viajantes europeus estiveram no Brasil para pesquisas em diversas áreas. Com a transferência da família real para o Brasil e a abertura dos portos às nações amigas, a partir de 1809, foi dada abertura para que pesquisadores naturalistas e ilustradores científicos estrangeiros pudessem se dirigir às áreas das minas⁷¹. A seguir, estão transcritos alguns dos relatos daqueles que, passando por Minas Gerais, fizeram menção a Órgãos encontrados nas cidades e vilas.

1. O viajante francês, Auguste de Saint-Hilaire (Augustin François César PROUVENSAL DE SAINT-HILAIRE) (1779-1853) foi um dos primeiros cientistas vindos da Europa que pôde percorrer livremente pelo território do Brasil

67 LANGE, 1982, v. 8, p. 84.

68 Maiores informações poderão ser encontradas à página 25, nota de rodapé n. 94.

69 LANGE, 1983, P. 187.

70 Segundo DINIZ (1986, p. 26), nos tempos coloniais, o termo “Positivo de Armário” era conhecido na organaria portuguesa como “Positivo de Móvel”. São Órgãos que possuem portas para proteger o Consolo e os Tubos, as quais somente são abertas para as execuções.

71 COSTA, 2005, p.42; p. 111.

Colônia, visitando as províncias do centro e do centro-sul do Brasil. Estudou no colégio de Pontlevez, dirigido pelos beneditinos de Solesmes (França), onde o canto gregoriano teve uma influência importante em sua formação; o que explica seu conhecimento, interesse e comentários sobre a música ao longo de suas narrativas.

- a) Em Diamantina, Saint-Hilaire, ao passar pelo Tejuco, afirmou não ter achado no Brasil outro lugar mais elevado social e culturalmente. Em seus relatos, Saint-Hilaire comenta: “encontrei nesta localidade mais instrução que em todo o resto do Brasil, mais gosto pela literatura e um desejo mais vivo de se instruir” (SAINT-HILAIRE, [1830] 2004, p.33). No Tejuco, ele pôde assistir a missas solenes, constatar a qualidade da música ali executada e ver os Órgãos ali construídos:

Apesar se ser cabeça do Distrito dos Diamantes o lugar foi durante muito tempo uma sucursal; entretanto contam-se aí sete igrejas principais e duas capelas. Todos esses edifícios são pequenos mas ornados com bom gosto e muitos limpos. Por cima das portas das igrejas há uma tribuna onde ficam os músicos quando se celebram missas solenes. Várias igrejas possuem um pequeno órgão, construído na aldeia; há também as que possuem belos ornatos e são muito ricas em prataria. As mais bonitas são as de Santo Antônio, S. Francisco e do Carmo (SAINT-HILAIRE, [1830] 2004: p. 28).

- b) Em passagem por Ermida de Nossa Senhora Mãe dos Homens, atual Santuário do Caraça: ao passar pelo Caraça, Saint-Hilaire viu o Órgão original de construção portuguesa e assim mencionou:

Diante da porta da igreja está uma espécie de pórtico formado por dois pilares que sustentam o coro em que foi colocado o órgão. A igreja é estreita, mas muito ornada, e possui magnífica prataria, constante de grandes candelabros dourados de contorno irregular como os de todos os demais templos (SAINT-HILAIRE, [1833] 2000, p. 99).

Em seguida, o autor ainda comenta que: “O estabelecimento adquiriu negros e cabeças de gado; a igreja foi ornada e recebeu um órgão [...]” (SAINT-HILAIRE, [1833] 2000, p. 100).

- c) Ao passar pelo Arraial de Itabira, o visitante relatou: “As igrejas de Itabira são muito pequenas para a população. Devo mencionar a do Rosário, onde ouvi um órgão que fora construído na própria localidade.” (SAINT-HILAIRE, [1833] 2000, p. 123).
2. Sir Richard Francis Burton (1821-1890), viajante inglês, veio ao Brasil em 1865 como cônsul da Grã-Bretanha na cidade de Santos e viajou o país em busca de riquezas que pudessem ser aproveitadas pelo Velho Mundo. Encontram-se em seu livro *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*, duas citações de Órgãos vistos em igrejas de Minas Gerais.
- a) Em Congonhas do Campo, quando estive na Capela do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, o autor descreve: “No lugar para o órgão, há um pequeno instrumento, e o coro, à sua esquerda, projeta-se no corpo da igreja.” (BURTON, [1869] 1976, p. 156).
- b) Em São José Del Rey, atual Tiradentes, em visita à Matriz de Santo Antonio, o autor assim relatou:

À esquerda, há um coro ou um lugar para o órgão de formato curioso, sustentado por esquisitas cariátides e cornucópias, e copiosamente enfeitada e pintada. O órgão é tolerável, e, na verdade, dizem ser o melhor de Minas; o organista teve a bondade de nos apresentar uma demonstração de sua arte. (BURTON, 1976, p. 131).

3. O viajante inglês John Mawe (1764 - 1829) foi o primeiro estrangeiro a obter autorização do governo português para viajar até a região das Minas Gerais⁷². Passou por cidades como Vila Rica, Mariana, Distrito de Córregos e Arraial do Tejuco; mas, estranhamente, não relatou a existência de qualquer Órgão. Em passagem por Diamantina, no ano de 1809, o viajante limitou-se a comentar:

O grande afastamento de um porto de mar é a causa de não haver ainda no Tijuco um piano. Se não fosse isso, estes instrumentos aí teriam grande procura, porque as senhoras em geral gostam de música e tocam violão com muito sentimento e graça. (MAWE, [1812] 1978, p. 176).

72 COSTA, 2005, p. 112.

2.1 OS ORGANEIROS MINEIROS

Não se sabe ao certo a respeito da formação dos organeiros mineiros, isto é, se foi adquirida na Europa, ou por meio de manuais de construção (muito comuns na época) ou mesmo por improvisação na colônia. Curt Lange, em seu livro *Historia da música na Capitania Geral das Minas Gerais*, comenta:

A necessidade faz o monge, diz o velho provérbio. Naquele isolamento dos centros mais desenvolvidos, como Salvador e Rio de Janeiro, as iniciativas dos homens se multiplicavam, conduzindo não poucas vezes a excelentes resultados. Temos casos como o de um padre da capela do Bom Jesus dos Perdões de Vila Rica que tentou a construção de um órgão, o qual não chegou a concluir-se, de outro, que morava em Itabira, segundo Saint-Hilaire, a cujo funcionamento o ilustre viajante não faz referência. Em termos gerais, estes ensaios não deram resultado, pela inexperiência dos que tiveram tais iniciativas. (LANGE, 1983, p.125).

Segundo Lange, em Vila Rica, as Flautas (Tubos) eram curiosamente lavadas com vinho branco⁷³. Cumpre apontar que não foi encontrada nenhuma outra referência a tal procedimento na construção ou no reparo de Órgãos.

Especificamente em termos de reparos ou consertos, salienta-se que, naquela época, eram comuns os organeiros que se enveredavam por tal atividade, uma vez que o isolamento das cidades e vilas demandava uma solução local para os problemas de manutenção. Assim, pessoas da localidade se dedicavam ao aprendizado desse ofício, as quais, muitas vezes, eram os próprios organistas⁷⁴. Desse período, destacam-se os seguintes organeiros⁷⁵:

1. Tenente⁷⁶ Athanazio Fernandez da Silva (1767-1843?) – O *Mestre de Órgãos*. Organista, professor e mestre na fatura de Órgãos. Profissional respeitado e de

73 LANGE, Francisco Curt. *História da música nas irmandades de Vila Rica* - Freguesia de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto. Belo Horizonte: Imprensa Oficial [Conselho Estadual de Cultura], 1979. v. 1, p. 53.

74 LANGE, 1979, v. 1, p. 68.

75 As fontes de pesquisa dos organeiros que exerceram esse ofício no colonial mineiro foram, para fins da presente dissertação: *História da Música nas Irmandades de Vila Rica* (LANGE, 1979, v. 1, 5), *História da música na Capitania Geral das Minas Gerais* (LANGE, 1979, v. 3) e *A música na história de Minas Colonial* (RESENDE, 1989).

76 Encontram-se também referências a ele como Alferes Anastácio Fernandez da Silva.

destaque em Vila Rica. O seu reconhecimento como “Mestre de Órgão” está registrado no *Livro 2º de Termos das deliberações das mesas da Ordem do Carmo* - 1784-1861 (Vila Rica), folhas 165 e 165 verso, no ano de 1835 (FIG. 2);

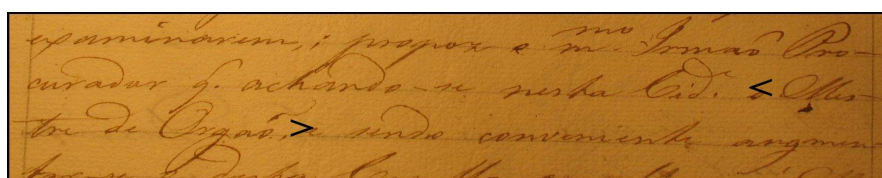


Figura 2 – O reconhecimento de Athanazio como “Mestre de Órgão”

Fonte: Arquivo do Museu de Arte Sacra de Ouro Preto (Acervo fotográfico do autor).

Fez reparos nos Órgãos das seguintes igrejas: Colégio do Caraça (1825 e 1830), Igreja de São Francisco de Assis (1828), Catedral da Sé de Mariana (1820) e Ordem Terceira do Carmo de Vila Rica para aumento dos Registros do Órgão (1838). São de sua fatura: o primeiro e o segundo Órgãos da Ordem Terceira do Carmo de Vila Rica (1819), Capela do Senhor Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas (1825), Igreja de São Francisco de Assis (1827);

2. Padre. Manuel de Almeida e Silva (?-?). Organeiro responsável pela fatura dos Órgãos da Matriz de Santo Antonio e da Igreja do Carmo em Diamantina. Mais informações a respeito desse organeiro estão disponibilizadas ao longo desta dissertação;
3. Caetano Rodrigues da Silva (1759-1804). Organista e organeiro, atuou em Ouro Preto, onde era muito apreciado como organista. (LANGE, 1979, v. 1, p. 68);
4. Padre Luís Gonzaga Boavida (1840-1915). Nascido em Portugal, chegou ao Santuário do Caraça em 1863, onde foi diretor no período de 1885 a 1895. Era conhecido por sua habilidade como marceneiro e músico. A ele é atribuída a construção do Órgão, embora, na realidade, tenha apenas ampliado o instrumento anterior, pertencente ao irmão Lourenço;
5. Manuel Justino (?-?). Afinou o Órgão do Carmo de Diamantina em 1798, mas não se encontra mais nenhuma referência a esse profissional;
6. Francisco Leonardo Ramos (?-?). Afinou e consertou o Órgão do Carmo de Diamantina em 1806, 1811, 1815, 1824 e 1834;

7. Outros nomes encontrados em lançamento de despesas das irmandades, confrarias e ordens da Capitania de Minas Gerais, mas não encontrados em referências bibliográficas, são, dentre outros: Antonio Bento Vaz, Antonio Ephigênio de Sousa, Antonio José da Assunção, Antonio Meirelles São Thiago, Luis Pinheiro de Aguiar, Manuel da Costa Silva, Simão Alves de Freitas, Vicente Freire de Andrade, entre outros.

2.1 ORGANISTAS NA CAPITANIA DE MINAS GERAIS

Por meio da documentação até hoje encontrada, sabe-se que o primeiro organista da Capitania de Minas Gerais foi Luis da Cunha, que atuou na Irmandade de Santo Antonio, Matriz de Nossa Senhora do Pilar, no ano de 1721. Não obstante, o primeiro cargo oficial de organista na Capitania de Minas Gerais foi criado na Sé de Mariana, por carta régia em 2 de maio de 1747, e confirmado, por Provisão régia em 7 de dezembro de 1748. Foi designado para esse cargo o Padre Manoel da Costa Dantas⁷⁷. Segundo pesquisas de Maria da Conceição de Resende, está registrado no *Livro de Provisões, Portarias, Licenças da Cúria Episcopal de Mariana – 1748-1750*, na folha 88 – verso: “Em 17 de dezembro de 1748 se passou Provisão de organista da Catedral de Mariana a favor do Padre Manuel da Costa enquanto não se mandar o contrário” (RESENDE, 1989, p. 508). No mesmo documento, o Padre Gregório dos Reis Mello foi também designado para o cargo de Mestre de Capela⁷⁸. Em 16 de outubro de 1749, o Padre Manuel da Costa foi nomeado para ocupar o cargo de Mestre de Capela e Canto Eclesiástico da Catedral de Mariana.

Por muitas vezes, as funções de organista e organeiro (mantenedor e afinador) se fundiam, além do fato de esses indivíduos serem, em sua maioria, compositores.

A seguir, no Quadro 1, estão relacionados esses organistas dos séculos XVIII e XIX.

77 VASCONCELLOS, Salomão de. *Mariana e seus templos: era colonial (1703-1797)*. Belo Horizonte: Gráfica Queiroz Breyner Ltda. 1938.

78 VASCONCELOS, 1938, p.19.

Arraial do Tejuco – Atual Diamantina		
Organistas	Atuação	Períodos
Ana Maria dos Santos Mártires	Igreja do Carmo	1795-1806
Antônio da costa Homem	Igreja do Carmo	1805-1828
Felipe Neri José Lopes	Matriz de Santo Antonio	1799-1800
José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita	Matriz de Santo Antonio	1789-1797
	Igreja do Carmo	1787-1795
	Confraria de Nossa Senhora das Mercês ⁷⁹	1786 ⁸¹
	Irmandade de Nossa Senhora do Terço ⁸⁰	1785 e 1786
Vila de Itabira do Matto Dentro – Atual Cidade de Itabira		
Organistas	Igrejas de atuação	Períodos
Athanazio Fernandez da Silva	Irmandade do Rosário	1815-1823
Vila Rica - Atual Cidade de Ouro Preto⁸²		
Organistas	Igrejas de atuação	Períodos
Caetano Rodrigues da Silva	Irmandade do Santíssimo Sacramento	1771-1774
Francisco Gomes da Rocha	Ordem Terceira do Carmo	1800-1805
Jerônimo de Souza Lobo	Irmandade do Santíssimo Sacramento	1795-1801
Jerônimo de Souza Lobo Queirós	Ordem Terceira do Carmo	1824-1726
Padre João de Deus de Castro Lobo	Ordem Terceira do Carmo	1818-1823
José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita ⁸³	Ordem Terceira do Carmo	1798-1800
	Irmandade do Santíssimo Sacramento	1798-1800
Luis da Cunha	Irmandade de Santo Antonio	1720-?
Vicente freire de Andrade	Ordem Terceira do Carmo	1768
Cidade de São José d'El-Rey – Atual Cidade de Tiradentes		
Organistas	Igrejas de atuação	Períodos
Francisco de Paulo Oliveira Dias	Matriz de Santo Antonio	?-?
Cidade de Catas Altas Catas do Mato Dentro – Colégio do Caraça		
Organistas	Igrejas de atuação	Períodos
Padre Luís Gonzaga Boavida	Igreja Nossa Senhora Mãe dos Homens	1863-1903
Cidade de Mariana		
Organistas	Igrejas de atuação	Períodos
Padre João de Deus de Castro Lobo	Igreja de São Francisco da Penitência	?-?
Padre Manoel da Costa Dantas	Catedral de Mariana	1748-1750
Francisco Pires da Silva	Catedral de Mariana	1750-1751
Cidade de Sabará		
Organistas	Igrejas de atuação	Períodos
José Correia de Miranda	Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Sabará	1775-?
Arraial de Congonhas do Campo		
Organistas	Igrejas de atuação	Períodos
Antonio Ferreira de Souza	Santuário do Senhor Bom Jesus do Matozinhos	1762-?

Quadro 1 – As cidades de Minas Gerais e seus organistas.

79 Lobo de Mesquita foi membro dessa Irmandade no período de 1788 a 1805.

80 Trata-se de dois serviços avulsos como organista, um deles na publicação da eleição dos novos irmãos.

81 Referente a apenas um serviço avulso como organista no dia 24 de setembro.

82 Na Matriz de N. S. do Pilar, funcionaram as Irmandades do Santíssimo Sacramento e de Santo Antonio.

83 Está registrado no Livro 2º de Termos do Carmo, em 15 de outubro de 1800, contratando Francisco Gomes da Rocha em substituição a Lobo de Mesquita, que havia se ausentado do cargo. (cf. Anexo A, p. 121).

2.1 CIDADES MINEIRAS E OS ÓRGÃOS DE TUBOS DE IGREJA

Existiram diversos Órgãos Fixos e Positivos⁸⁴ nas cidades mineiras. As Irmandades mais pobres alugavam positivos para funções litúrgicas, tais como casamentos e batizados. O valor do aluguel⁸⁵ variava entre meia oitava de ouro⁸⁶ e seis oitavas de ouro⁸⁷. Em Vila Rica, em ocasiões festivas na Igreja de Santa Efigênia, um Positivo era carregado ladeira íngreme acima, além dos 42 degraus de sua ampla escadaria⁸⁸.

Além dos instrumentos de igreja, havia também, nas principais fazendas, capelas com Órgãos. Cita-se, a título de ilustração, o Órgão de Armário da capela da Fazenda do Rio São João em Bom Jesus do Amparo⁸⁹, município de Itabira. Essa fazenda tem importância histórica por ter sido residência do primeiro presidente da província de Minas Gerais, José Teixeira da Fonseca Vasconcelos, o Visconde de Caeté, e por ter hospedado o imperador Pedro I. Devido à impossibilidade de um registro fotográfico do instrumento, tem-se, na FIG. 3, uma foto com a paisagem externa da fazenda a título de ilustração.

84 Positivo: O termo vem do latim, do verbo *ponere*, que significa “pousar”. Trata-se de um Órgão com poucos Registros de uso litúrgico, mas, algumas vezes, de uso secular (Órgão de Câmara). Com apenas um Manual e sem Pedaleira esse Órgão era facilmente deslocável no espaço litúrgico das igrejas onde servia para acompanhamento do canto-chão.

85 LANGE, 1983, p. 190.

86 Antiga unidade de medida de peso, equivalente a 1/8 de onça (3,585 gramas). O vintém de ouro corresponde a 1/32 oitavas de ouro. Uma oitava de ouro, de 1751 até 1823, correspondia a 1\$200 réis. Na Capitania de Minas Gerais, por volta de 1703, um chapéu de castor custava 12 oitavas de ouro; e um barrilote de aguardente, 100 oitavas. (ROMEIRO, 2003, p. 120).

87 LANGE, Francisco Curt. *História da Música nas Irmandades de Vila Rica* – Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Antonio Dias. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1979. v. 5, p. 168.

88 LANGE, 1979, p. 160.

89 Procurou-se estabelecer um contato com o proprietário dessa fazenda. Infelizmente, naquele momento, não estava sendo permitido o acesso ao instrumento. Atualmente, o Órgão encontra-se em estado deplorável, sem os Tubos e com o Mecanismo quase todo destruído, embora ainda possua seu Fole original. Muito gentilmente, o proprietário nos forneceu essas informações.



Figura 3 – Fazenda do Rio São João
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

Vila Rica, atualmente Ouro Preto, destacou-se pela quantidade de Órgãos de Tubos nos séculos XVIII e XIX, mas, infelizmente, hoje, todos estão inexistentes. John Mawe⁹⁰, naturalista inglês, em seu livro *Viagens ao Interior do Brasil*, comenta que Vila Rica, com apenas 20 anos de fundação, era considerada o lugar mais rico do mundo. Segundo Conceição Resende, o primeiro Órgão em Minas foi instalado na Igreja do Pilar de Vila Rica entre 1720 e 1721. Essa assertiva é confirmada por Lange, no livro *História da música nas irmandades de Vila Rica*, que cita um assento no *Livro de Receitas e Despesas da Irmandade de Santo Antonio*, no valor de 192 oitavas de ouro, em nome de Luís da Cunha, referente a “de música e orgam”⁹¹. A seguir, estão arroladas as cidades de Minas que possuíram Órgãos.

1. Cidade de Ouro Preto⁹².

- Capela de Nosso Senhor Bom Jesus dos Perdões (FIG. 4): no *Livro de Termos da Confraria de Nossa Senhora das Mercês de Baixo*, no ano de

⁹⁰ John Mawe, naturalista inglês, foi o primeiro viajante estrangeiro que obteve permissão do Príncipe Regente a ir a Minas. Alcançou grande sucesso quando da publicação do seu livro *Viagens ao Interior do Brasil* ([1812] 1879).

⁹¹ Nos vários documentos consultados nas pesquisas, são encontradas diversas formas de grafia da palavra Órgão, tais como: *orgam*, *horgão*, *Orgão*, *órgão* e *organo*.

⁹² As fontes bibliográficas de pesquisa sobre a cidade de Ouro Preto foram os volumes I e V do livro *História da música nas irmandades de Vila Rica*, volumes I e V, de Francisco Curt Lange (1979).

1764, folhas 17 verso e 18, encontra-se o registro da compra dos bens do Padre José Fernandez Leite:

“[...] ajustado com o Muito Reverendo Padre José Frz’ Leite Capellaõ e Comissr^o della, a lhe compramos as [...] Como tambem hu Orgão de planta de doze que em seo poder tem [...] e q’ d^o R^{do} P^e que presente está se obrigou a fazer bons os d^{os} bens e acabar o Orgão e assentallo no Lugar em q’ se detreminasse” (*apud* LANGE, 1979, v. 5, p. 134).

Segundo Lange, esse instrumento nunca foi terminado, pois não há nenhum documento com registro de pagamento de organista ou de reparos. O padre Fernades Leite morreu em 1768 ⁹³.



Figura 4– Capela de N. S. Bom Jesus dos Perdões
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

- Igreja de Nossa Senhora da Conceição (FIG. 5): não existe documentação da compra de um Órgão nos livros de receita e despesa da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Antonio Dias. No ano de 1744 está registrado: “P " 10 c^{os} de Ruão p^a cobrir o horgão”⁹⁴ o que, em consonância com Lange, consistia em uma providência tomada assim que se adquiria um Órgão. Não existe, no entanto, documentação alguma que possa comprovar o porte desse

93 LANGE, 1979, v. 5, p. 106.

94 LANGE, 1979, v. 5, p. 50.

instrumento. Somente nos períodos de 1764 a 1765 e de 1767 a 1768, estão registrados os pagamentos de dois salários anuais, no valor de 10 oitavas de ouro cada, ao organista Caetano Rodrigues da Silva⁹⁵.

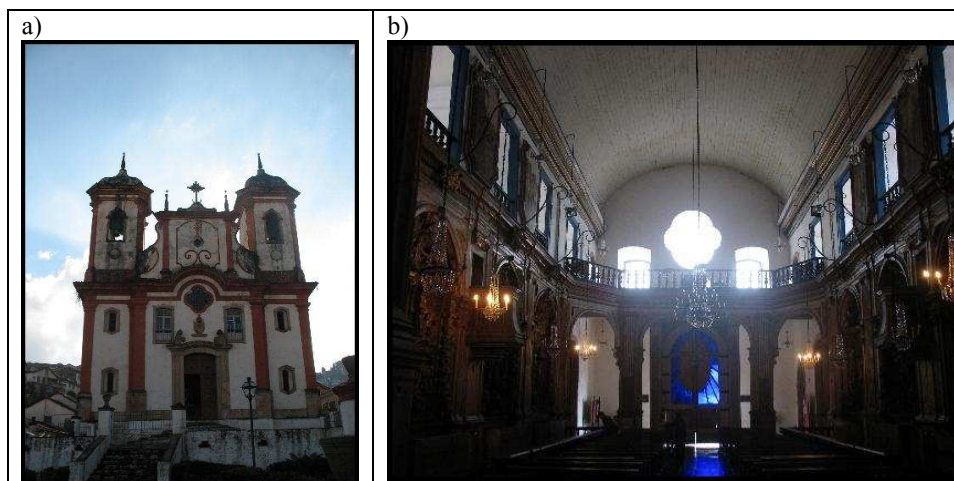


Figura 5 – Igreja de Nossa Senhora da Conceição

a) A Fachada da Igreja de Nossa Senhora da Conceição

b) o coro da igreja onde provavelmente ficava o Órgão

Fonte: Acervo fotográfico do autor.

- Igreja de Santa Efigênia (Capela de Nossa Senhora do Rosário do Alto da Cruz): Existem no *Livro das despesas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Alto da Cruz do Padre Faria* – 1784-1861 dois registros de alugueis de um Órgão⁹⁶ por 6 oitavas de ouro a Antonio Bento⁹⁷ e um pagamento ao organista Caetano Rodrigues da Silva⁹⁸ (FIG. 6a). Esse mesmo instrumento era transportado pelas ladeiras e finalmente subia as escadarias da Igreja de Santa Efigênia, nas ocasiões festivas⁹⁹ (FIG. 6b e 6c).

95 LANGE, 1979, v. 5, p. 28.

96 Segundo Curt Lange (1979, v. 5, p. 160), esse instrumento tratava-se de um Órgão “movil” (Positivo). Era prática o aluguel desses instrumentos em diferentes regiões da América latina.

97 LANGE, 1979, v. 5, p. 181; p. 182.

98 LANGE, 1979, v. 5, p. 181.

99 LANGE, 1979, v. 5, p. 160.

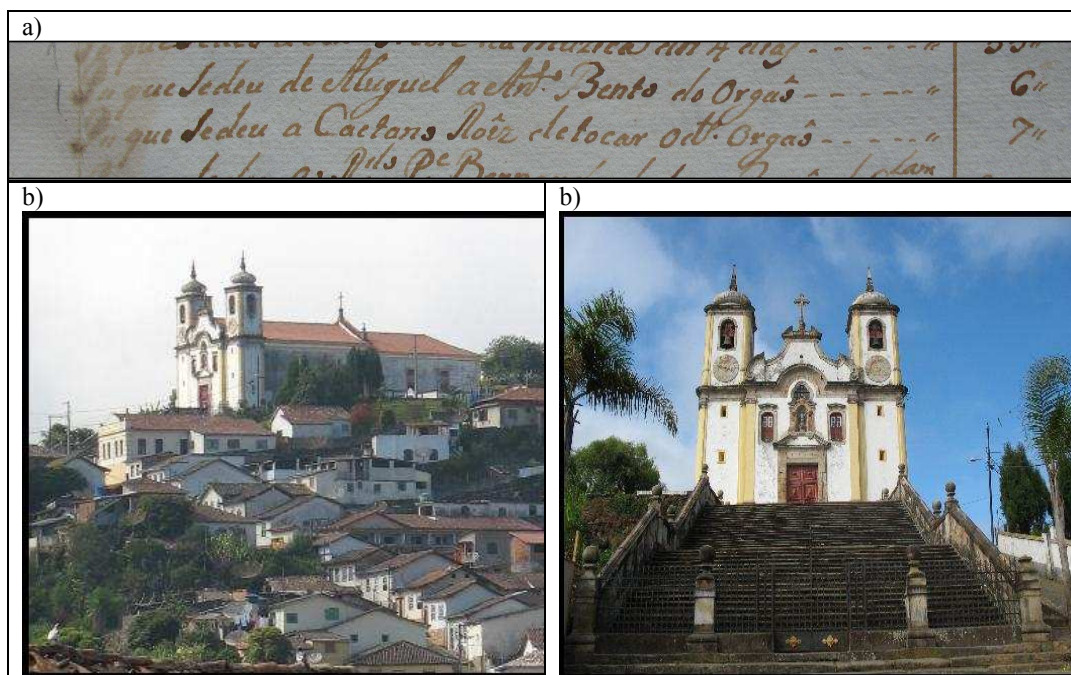


Figura 6 – A Igreja de Santa Efigênia

a) Registros do pagamento do aluguel e do organista

b) A igreja e as ladeiras

c) A Fachada e as escadarias

Fonte: Acervo fotográfico do autor.

- Igreja do Pilar de Vila Rica (FIG. 7): como já apontado, essa igreja teve o primeiro Órgão de Minas Gerais. Tal instrumento foi substituído por um novo, doado pelo então governador à Irmandade do Santíssimo Sacramento de Vila Rica, no ano de 1735 ¹⁰⁰.

100 D'ARAUJO, 2000, p. 192.

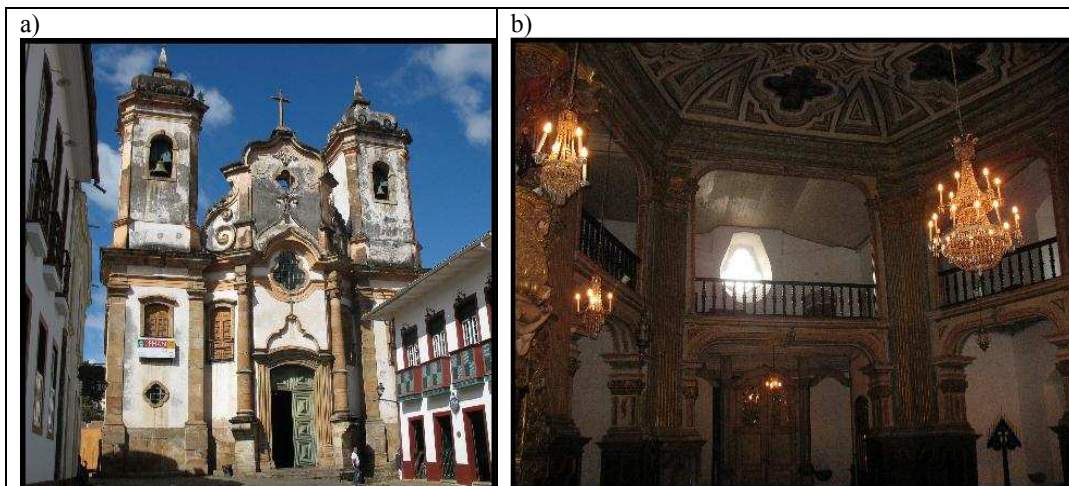


Figura 7 – A Igreja do Pilar

a) Fachada da igreja

b) O coro: o Órgão provavelmente ficava à direita

Fonte: Acervo fotográfico do autor.

- Igreja Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo (FIG. 8): no ano de 1767, foi adquirido um Órgão de Antonio Bento Vaz pelo preço de 350\$000 réis¹⁰¹. Tratava-se de um Positivo, pois, em 1771, há um registro de utilização desse Órgão sendo usado nas procissões¹⁰² realizadas em torno da Igreja¹⁰³. Em 26 de maio de 1771, determinou a Mesa encontrar acomodação definitiva para o Órgão na parte de fora do arco do cruzeiro¹⁰⁴. Um Órgão foi, então, encomendado ao Alferes Anastásio Fernandes da Silva em 1819, por 192\$025 réis¹⁰⁵. Posteriormente, em 1835, Anastásio Fernandes foi contratado para fazer aumento de Registros nesse instrumento, pela quantia de 260\$000¹⁰⁶. Em 1838, tal projeto é abandonado, sendo proposta a venda do antigo instrumento, e é ajustado com Athanasio Fernandes um novo Órgão, pela mesma quantia anterior¹⁰⁷.

101 LANGE, 1979, v. 1, p. 201.

102 Essas procissões eram conhecidas como Razoulas. Nelas, o Órgão acompanhava a procissão e também o canto dos fiéis.

103 LANGE, 1979, v. 1, p. 202.

104 LANGE, 1979, v. 1, p. 231.

105 LANGE, 1979, v. 1, p. 240.

106 LANGE, 1979, v. 1, p. 243.

107 LANGE, 1979, v. 1, p. 244.

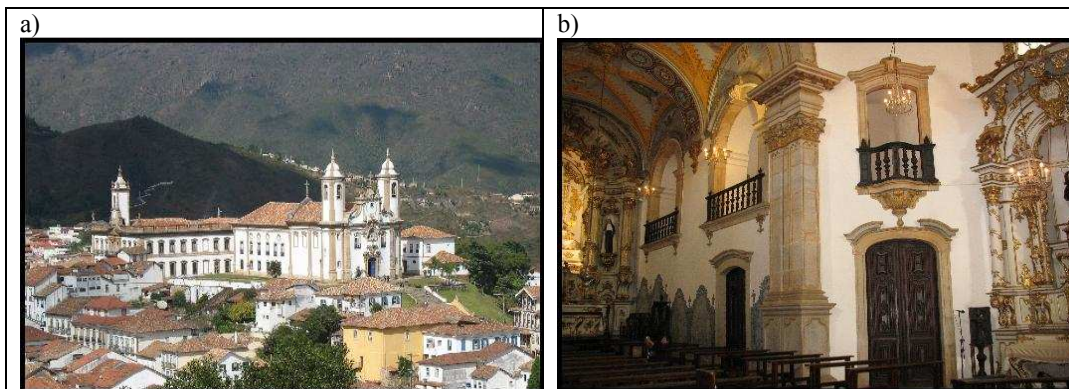


Figura 8 – A Igreja da Ordem Terceira do Carmo.

a) Fachada da igreja

b) Sacadas onde provavelmente ficava o Órgão

Fonte: Acervo fotográfico do autor.

4. Cidade de Mariana

- Catedral da Sé de Mariana (FIG. 9a): Esse Órgão (FIG. 9b), presente de D. João V, Rei de Portugal, à nova Diocese de Mariana, foi inaugurado em 2 de julho de 1753. Sua manufatura é atribuída ao organeiro alemão Arp Schnitger. Contudo, ainda há controvérsias sobre seu construtor. Segundo Conceição Resende, encontra-se, na parte inferior ao lado direito da estante de partitura, a assinatura de Johann Heinrich Ulenkamp¹⁰⁸, que está pouco visível devido à pintura colocada sobre ela. Trata-se de um Órgão de Tribuna.

¹⁰⁸ Discípulo e mestre-assistente de Arp Schnitger, estabelecido em Lisboa desde aproximadamente 1711, com atividade documentada como construtor de Órgãos em Portugal e na Alemanha. A ele também é atribuída a construção do Órgão da Catedral de Faro em Portugal.



Figura 9 – A Catedral da Sé de Mariana

a) Fachada da igreja

b) Órgão de Tribuna

Fonte: Acervo fotográfico do autor.

- Igreja de São Francisco de Assis (FIG. 10): existiu um Órgão, construído em 1827 por Athanasio Fernandes da Silva, mas esse instrumento desapareceu ao longo da história sem deixar vestígios. Encontram-se dois registros no *Livro de Recibos da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência*, nos anos de 1827 e 1828, nos valores de 196\$450 pela fatura e de 282\$462 réis por ajustes¹⁰⁹. O compositor mineiro Padre João de Castro Lobo foi organista nessa igreja, onde se encontra enterrado¹¹⁰.

109 GUERRA COTTA, André. A música em Itabira do Matto Dentro: reflexões sobre uma pesquisa de campo e leituras de fontes secundárias. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, 2002. Juiz de Fora: [s.e.] 2002. p. 77.

110 NEVES, José Maria. *Catálogo de Obras Música Sacra Mineira*. Rio de Janeiro: FUNART, 1997, p. 100.

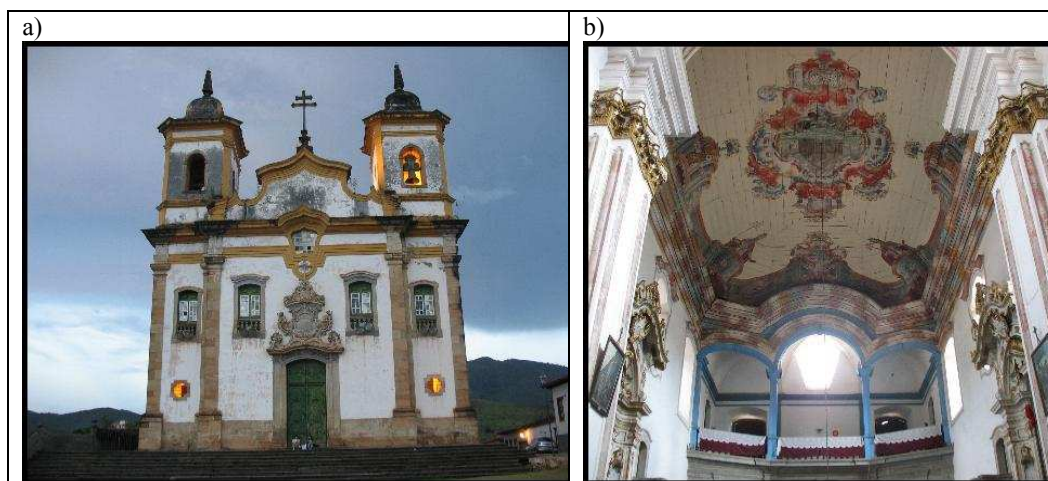


Figura 10 – A Igreja de São Francisco de Assis

a) Fachada da igreja

b) O coro onde ficava o Órgão

Fonte: Acervo fotográfico do autor.

5. Cidade de Tiradentes

- a) Matriz de Santo Antonio de Tiradentes (FIG. 11): Órgão de construção alemã foi doado pela Rainha D. Maria I. Segundo Conceição Resende, esse instrumento viajou da Alemanha ao Porto (Portugal) por via terrestre, do Porto até o Brasil de veleiro, e do Rio de Janeiro a então São José d'El Rey em lombo de burro, sendo instalado na Matriz em 1788. Salvador de Oliveira foi o responsável pelo desenho da sua caixa e pelo entalhe, sendo que, para esse último, contou com a colaboração de Antonio da Costa Santeiro. A pintura e o douramento de todo o conjunto, incluindo a varanda sobre a qual se assenta o instrumento, ficou a cargo de Manoel Vitor de Jesus. Trata-se de um Órgão de Tribuna.

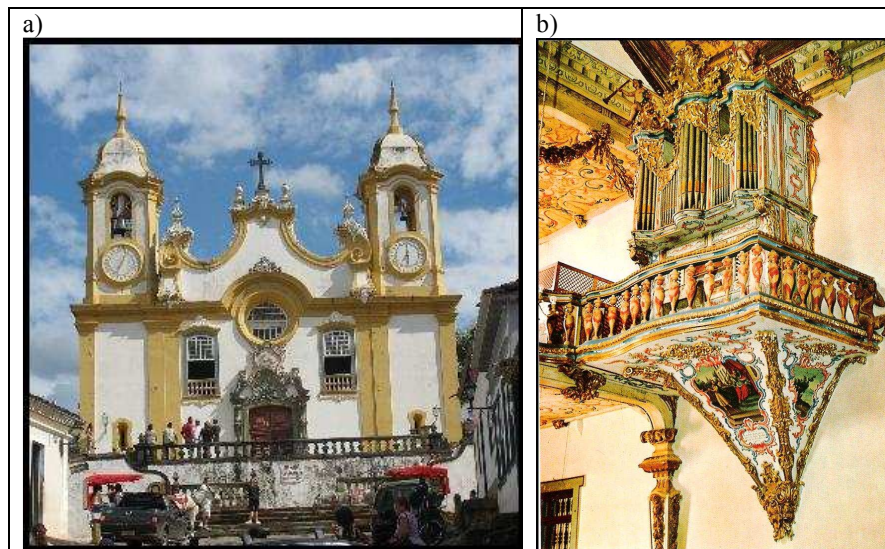


Figura 11 – A Matriz de Santo Antonio de Tiradentes

- a) Fachada da igreja
- b) O Órgão de Tribuna

Fonte: a) Acervo fotográfico do autor.
b) Brascard Edições de Postais Ltda.

6. Cidade de Diamantina¹¹¹

- Igreja Matriz de Santo Antonio: o instrumento dessa igreja é considerado, até o presente momento, o primeiro Órgão construído por Padre Manuel de Almeida e Silva. Tal Órgão não existe mais, pois fora desmontado quando a antiga Matriz foi demolida em 1930. Ainda existem poucas partes de sua caixa no Museu do Diamante, em Diamantina.
- Igreja da Ordem Terceira do Carmo: o Órgão dessa igreja também foi construído por Padre Manuel, no período de 1782 a 1787. Acredita-se que tenha existido um instrumento anterior a esse sobre o qual não existe um registro documental efetivo¹¹².
- Igreja das Mercês (FIG. 12): existe o registro, no *Livro de Termos da Irmandade de Nossa Senhora das Mercês*, de um Portativo ofertado por

¹¹¹ Nesta seção, não serão apresentadas figuras das igrejas ou dos Órgãos (à exceção da Igreja das Mercês), pois constam várias fotos ao longo da dissertação.

¹¹² O Órgão será mais bem detalhado ao longo da dissertação.

Conrado Caldeira Brant, em 27 de julho de 1788, que ficou assentado no coro¹¹³. Atualmente, tal instrumento não está mais na cidade, haja vista que desapareceu sem deixar nenhum indício.



Figura 12 – A Igreja das Mercês
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

- Irmandade de Nossa Senhora do Terço: verifica-se no *Livro de Receitas e Despesas* desta Irmandade, o seguinte registro, no ano de 1786, do aluguel de um Órgão: “Despendeu e pagou ao fabriqueiro¹¹⁴ o aluguer do d^o [dito] órgão”¹¹⁵. Era prática, na Capitania de Minas Gerais, o aluguel de Órgão móveis e portáteis para amortecerem seu próprio pagamento¹¹⁶. Essa Irmandade do Terço estava sediada na Capela de Santo Antonio. Naquele ano, o Órgão da Matriz ainda não estava terminado, pois Lobo de Mesquita somente recebeu seu primeiro ordenado como organista no ano de 1789¹¹⁷. Portanto, acredita-se que o instrumento alugado era o Positivo pertencente a Caldeira Brant. Considerando-se também a grande distância e dificuldade de transporte do litoral ao Tijuco, supõe-se que

113 Registrado no *Livro de termos de Nossa Senhora das Mercês 1772-1870*, na folha 21, verso. (Apud LANGE, 1983, p. 363).

114 O mesmo que fabricário: o encarregado da fábrica ou manufatura, segundo o Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI, versão 3.0.

115 LANGE, 1983, p. 427.

116 LANGE, 1979 p.160.

117 LANGE, 1983, p.194.

poderia ter existido em Diamantina um atelier ou uma oficina de construção de Órgãos, pois confirmadamente foram construídos dois Órgãos de grande porte em Diamantina e que levaram alguns anos para serem concluídos; como será visto no capítulo II dessa dissertação.

7. Distrito de Córregos¹¹⁸ (pertencente a Conceição do Mato Dentro)

- Matriz de Nossa Senhora. D'Aparecida de Córregos: o Órgão dessa Matriz é de construtor e datas desconhecidos, sendo que ainda não foi encontrado nenhum documento histórico sobre ele.

8. Cidade de Caeté

- Matriz do Bonsucesso de Caeté: não existe nenhum registro histórico sobre o construtor e a data de construção do seu Órgão, que provavelmente é do século XVIII. Não se sabe se foi construído no Brasil ou importado de Portugal. No século XX, o pároco da Igreja Matriz morreu de lepra, e seu sucessor, temendo o contágio, queimou todos os livros, destruindo, assim, toda a história musical da Matriz¹¹⁹. Daquele instrumento resta somente a Caixa, que era em forma de “armário”, com 2,96 m de altura, 1,73 m de largura e 0,95 m de profundidade (FIG. 13). O Teclado provavelmente ficava na frente da caixa, a uma altura de aproximadamente 1,00 m do piso. A Caixa é toda ornamentada, interna e externamente, em policromia. Segundo William Rezende Quintal¹²⁰, essa Caixa possui vários elementos que apontam para a segunda metade do século XVIII, a despeito de algumas intervenções na pintura que podem ter sido realizadas no século XIX, como se pode comprovar por meio das FIG. 13 e 14, a seguir.

118 Nesta seção, não serão disponibilizadas figuras, haja vista que maiores detalhes sobre o Órgão serão fornecidos mais à frente, ao longo da dissertação.

119 LANGE, 1983, p. 158.

120 Bacharel em Artes Plásticas (UFMG), especialista em História das Artes (PUC Minas) e mestrando em ensino de arte pela Escola de Belas Artes UFMG. Segundo as informações desse pesquisador, pode-se assim, precisar a época de construção desse instrumento.

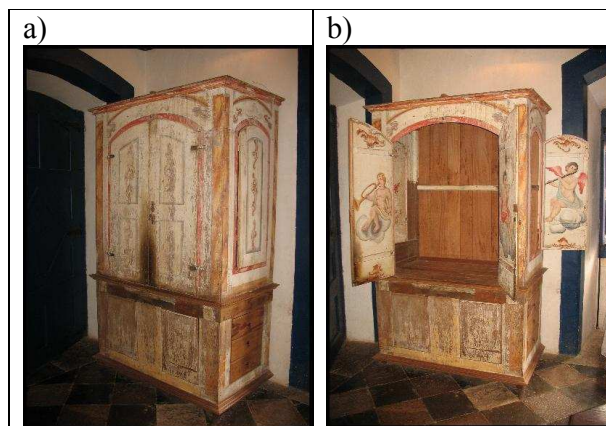


Figura 13 – A Caixa do Órgão da Matriz de Caeté

a) A Caixa do Órgão fechada

b) A Caixa do Órgão aberta

Fonte: Acervo fotográfico do autor.

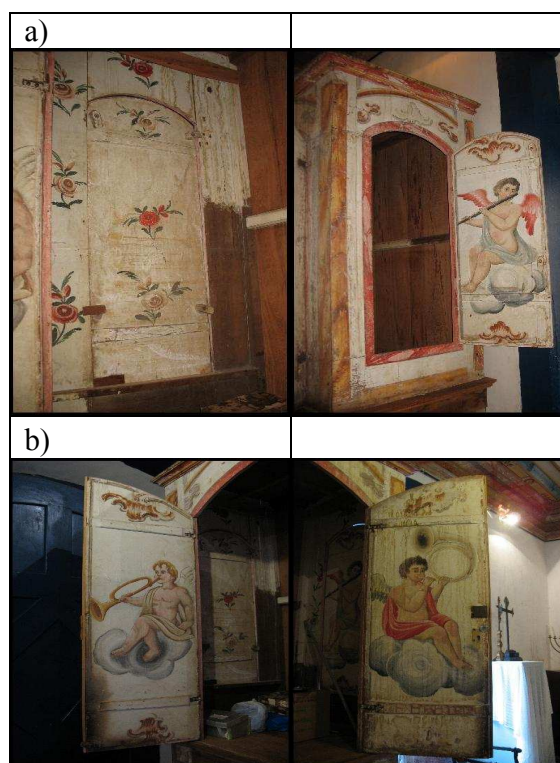


Figura 14 – Afrescos da Caixa do Órgão da Matriz

a) Afrescos nas janelas laterais

b) Afrescos nas janelas frontais

Fonte: Acervo fotográfico do autor.

Há aproximadamente oito anos, atrás, o pároco da Matriz mandou descer a Caixa do Órgão que estava no coro, seu lugar original. Foi consertada a cimalha de baixo e do centro, e foram trocadas as madeiras do fundo, alterando a originalidade da obra. Naquela reforma, foram acrescentadas três gavetas e um cabide para compor o “novo móvel” para a sacristia da Matriz. Atualmente, a caixa desse instrumento encontra-se na sacristia da Matriz, onde serve de guarda-roupa de paramentos e tolhas. As FIG. 15a e 15b, a seguir, mostram as atuais condições dessas modificações.

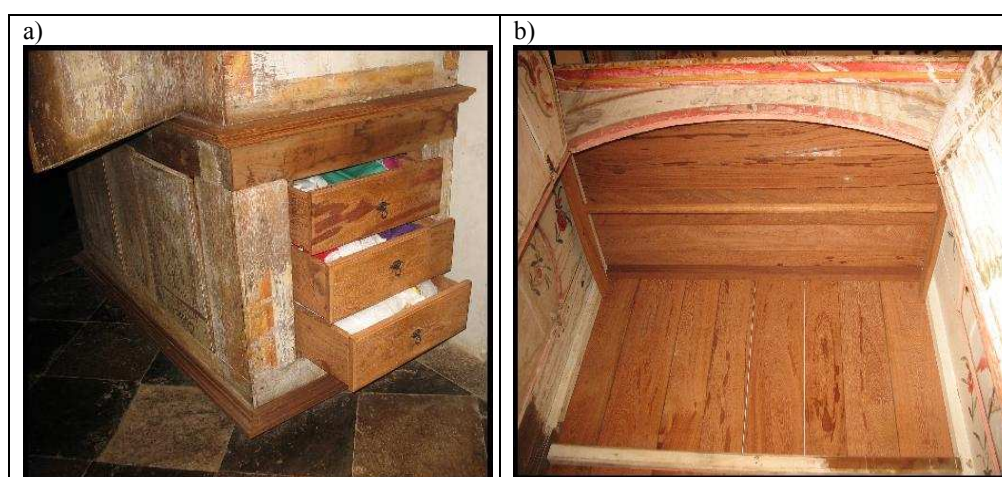


Figura 15 – As modificações na Caixa do Órgão da Matriz de Caeté

a) As atuais gavetas

b) O cabide para os paramentos

Fonte: Acervo fotográfico do autor.

9. Cidade de Sabará

- Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Sabará (FIG. 16): não há registro documental sobre o Órgão que existiu nessa igreja. A maior parte dos livros da Ordem do Carmo já não existem, pois foram destruídos em um incêndio na garagem onde Zoroastro Vianna Passos (1887-1945) os arquivava para

estudo¹²¹. Sabe-se que aquele Órgão era de pequeno porte e fora comprado de um vendedor que o trouxe do Rio de Janeiro em lombo de mula¹²². Vianna Passos, em seu estudo sobre a história da Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Sabará, transcreveu um lançamento, em 24 de agosto de 1767, que cita a existência de um Órgão:

[...] e pela porção de tresladação com doze vozes que do rol que apresentava se vião, seis rebecas, três becoens, hu orgão, e duas trompas, e hua festividade de todo o dia e hú Te-Deum no dia da tresladação, e no dia da festividade outra porção de tarde [...] (MOURÃO, 1990, p. 120).

No dia 24 de fevereiro de 1775, naquele mesmo estudo de Vianna Passos, constata-se o lançamento da compra de um Órgão por 600\$ (réis). Em 26 de fevereiro daquele mesmo ano, é contratado José Correia de Miranda para tocar o Órgão por 25 oitavas de ouro. Desse valor, deram-se três oitavas para ajudar a pagar o Órgão¹²³.

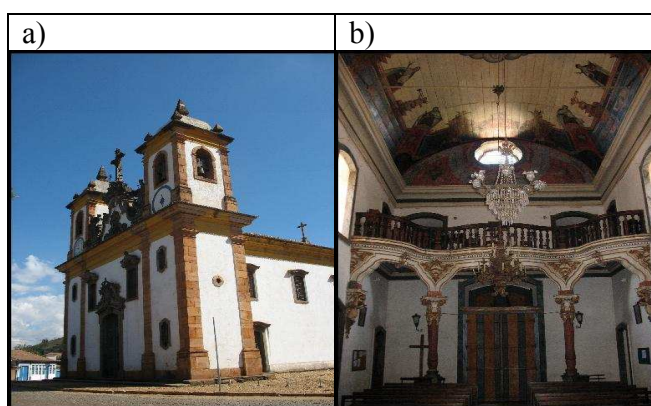


Figura 16 – A Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Sabará

a) Fachada da igreja

b) Coro onde ficava o Órgão

Fonte: Acervo fotográfico do autor.

121 Devido à escassez de gasolina durante a Segunda Guerra Mundial, Zoroastro Vianna estocava o combustível na garagem de sua casa onde também estavam os livros. Ocorreu um incêndio que destruiu toda a documentação. Salvaram-se apenas os documentos já estudados que haviam sido devolvidos.

122 HOLANDA, 2003, p. 148.

123 PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da história do Sabará*. Rio de Janeiro: Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1940, n. 5, p. 37.

10. Cidade de Congonhas do Campo

- Capela do Senhor Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas (FIG. 17a): existiu um Órgão cuja Caixa era obra de Antonio Francico Lisboa, o “Aleijadinho”. Segundo Conceição Resende, esse instrumento teve seu custo em 100\$000 réis, e as cornetas (trombetas) foram importadas da Itália. Em 1825, segundo registros no *Livro de Receitas e Despesas* dessa Ordem, foi comprado um novo Órgão, da fatura de Athanasio Fernandes da Silva. A FIG. 17b, a seguir, mostra o espaço à direita do coro onde ficava o Órgão.

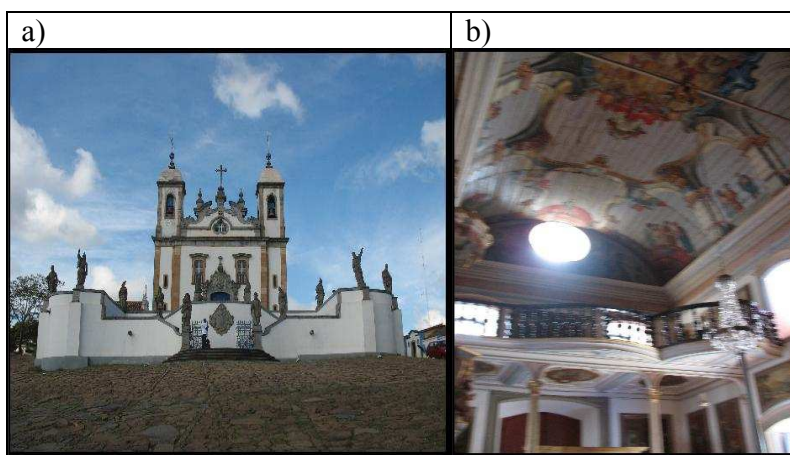


Figura 17 – A Capela do Senhor Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas

a) Fachada da igreja

b) Coro onde ficava o Órgão

Fonte: Acervo fotográfico do autor.

11. Cidade de Catas Altas

- Colégio do Caraça (FIG. 18): o primeiro Órgão que havia no Caraça, no tempo do Irmão Padre. Lourenço de Nossa Senhora¹²⁴, provavelmente veio de Portugal. O marceneiro e músico Luís Gonzaga Boavida¹²⁵ trabalhou

¹²⁴ Nasceu em Portugal e morreu no Caraça em 1819. Recebeu o hábito da Ordem de São Francisco em Diamantina no ano de 1763. Fundou eremitério, visando ao fortalecimento da vida religiosa no interior da Capitania. Construiu o Santuário do Caraça entre os anos de 1774 e 1779.

¹²⁵ Na segunda metade do século XVIII, o Irmão Lourenço de Nossa Senhora, se instala na Serra com objetivo a fundação de um eremitério, visando fortalecer a vida religiosa da Capitania. Português de nascimento e mineiro de coração, chegou ao Caraça em 1863 e foi diretor e professor daquele educandário.

nesse Órgão aumentando a quantidade de Tubos em 1883. Existe uma expressão regional ligada à história desse instrumento que diz que se trata de: “um órgão feito a canivete”; devido ao longo trabalho envolvido na sua construção¹²⁶. Em conformidade com Lucas Raposo (organista titular do Caraça), de seus atuais 628 Tubos: 153 são do Órgão anterior (de procedência portuguesa), 305 são franceses, e 170 foram feitos de pinho da própria região do Caraça. O Someiro é de cedro vermelho, e os Tubos são feitos de pinheiro. Em 1881, D. Pedro II visitou o Caraça e escreveu em seu diário: “enquanto jantavam [os alunos], fui ver a oficina do Pe. Boavida; admirei aí o seu trabalho do órgão; a madeira das teclas é belíssima”¹²⁷.



Figura 18 – Vista do Santuário do Caraça
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

As FIG. 19a, 19b, 19c e 19d, permitem uma visualização parcial da Fachada, do Consolo e da Tubaria do Órgão do Caraça.

126 RESENDE, 1989, p. 510.

127 ZICO, José Tobias. *Caraça, Sua Igreja e Outras Construções*. Belo Horizonte: FUMARC/UCMG, 1983, p. 86; RAPOSO, Lucas. *Os órgãos de Minas Gerais*. Revista Minas Gerais, Belo Horizonte, n.20, p. 28-34, Set. 1989, p. 30.

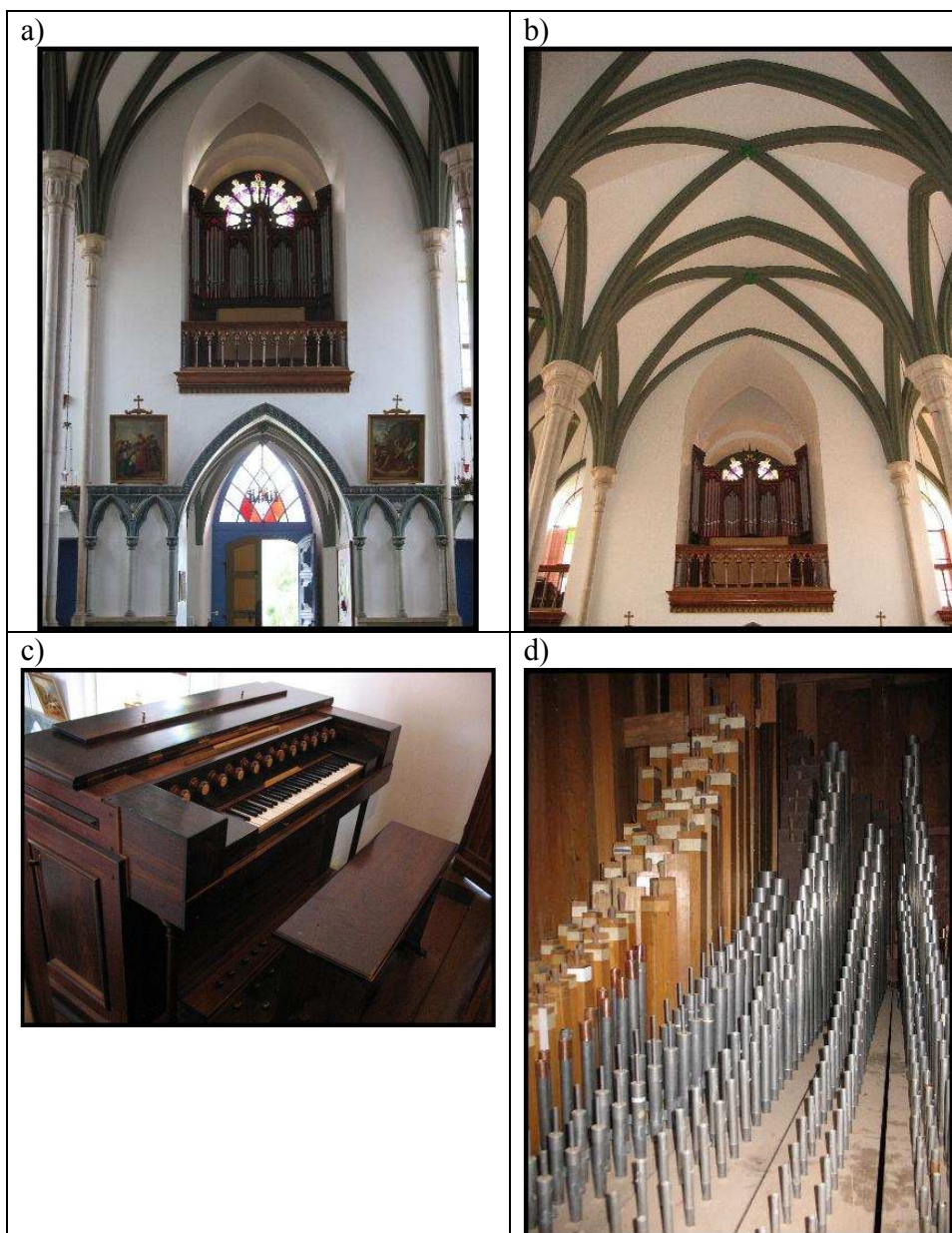


Figura 19 – O Órgão do Santuário do Caraça

a) A Fachada do Órgão

b) O Órgão no coro

c) O Consolo com as *Pisas*

d) A Tubaria

Fonte: Acervo fotográfico do autor.

12. Cidade de São João del Rei

- Igreja da Ordem Terceira do Carmo: nessa igreja, havia um Órgão Positivo de Gabinete (FIG. 20), que atualmente está no Museu Regional de São João d'El Rei. Sobreviveram: a Caixa, o Mecanismo e apenas um Tubo.

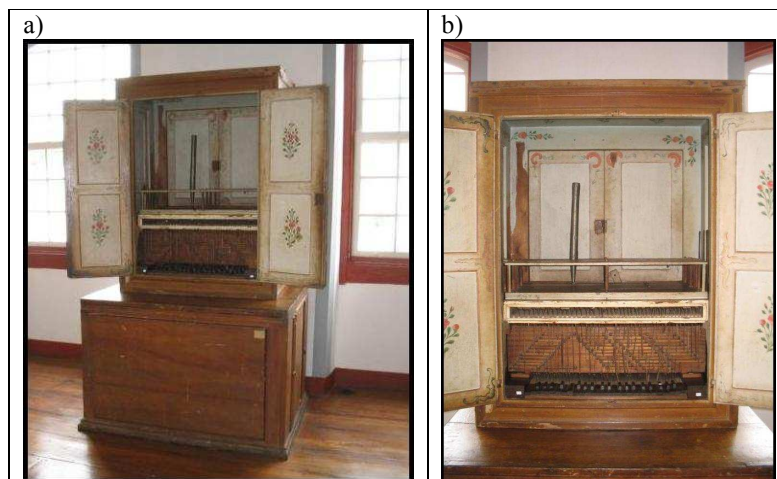


Figura 20 – O Positivo de São João d'El Rei

a) O conjunto do Órgão

b) Detalhes da Caixa maior

Fonte: Biblioteca do Museu Regional de São João d'El Rei.

No que tange às dimensões, têm-se:

1. A Caixa maior (base): altura: de 0,85 m, largura: de 1,29 m e profundidade: de 0,92 m;
2. A Caixa menor (Armário): altura: de 1,36 m; largura: de 1,05 m e profundidade: de 0,62 m;
3. Dimensões gerais do Órgão: altura: de 2,21 m; largura: de 1,29 m e; profundidade: de 0,92 m.

Essas são as informações técnicas e históricas disponíveis sobre esse instrumento cedidas por João Domingues Barbosa¹²⁸, em maio de 2008.

¹²⁸ Funcionário do Museu Regional de São João del Rei cuja amabilidade nos préstimos das fotos e dados acima mencionados deve ser gentilmente agradecida.

CAPÍTULO II: O ÓRGÃO DE TUBOS DA ORDEM DO CARMO: UM EXEMPLAR DA ORGANARIA COLONIAL MINEIRA



Figura 21 – A Igreja do Carmo de Diamantina
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

2.1 A HISTÓRIA DO ÓRGÃO ORDEM TERCEIRA DO CARMO

Construído entre 1782 e 1787 pelo Padre Manuel de Almeida e Silva¹²⁹, possivelmente orientado por José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita (1746?-1805?)¹³⁰, o Órgão da Igreja do Carmo de Diamantina foi integralmente feito no próprio local, ao custo total de um conto e trezentos e vinte mil réis (1:100 oitavas de ouro)¹³¹, segundo registro no Livro de Receitas, folha 22 – verso e também no “Livro de Termos para o Governo de Venerável Ordem Terceira do Carmo” no termo n. 49, na folha 48. O recibo dando plena quitação pelo serviço está registrado no *Livro de Receitas* na folha 23, datado de 17 de

129 Até o presente momento, não foi encontrada nenhuma documentação que comprove os locais e as datas de nascimento e morte de Padre Manuel de Almeida e Silva. Segundo documentos da Ordem do Carmo de Diamantina, ele era Presbítero do Hábito de São Pedro (padre secular). Não se sabe onde ele estudou no Seminário de Mariana (fundado em 1750), responsável pela formação do clero secular no século XVIII na Capitania de Minas Gerais. Segundo Lange, ele provavelmente era muito bom músico.

130 Segundo Geraldo Dutra de Oliveira, ele nasceu na Vila do Príncipe do Serro do Frio aos 12 de outubro de 1746. Faleceu na Capital da Colônia (Rio de Janeiro) em 3 de maio de 1805.

131 A título de atualização de valores, na Capitania de Minas Gerais, por volta de 1703, um chapéu de castor custava 12 oitavas de ouro; e um barrilote de aguardente, 100 oitavas.

março de 1788 (*cf.* ANEXO A, p. 123). Na TAB. 1, a seguir, estão dispostas as datas e valores pagos ao organeiro¹³² durante a fatura do instrumento.

Tabela 1 – Relação de pagamentos ao Pe. Manuel de Almeida e Silva.

Data	Livro de registro	Lançamento	Valor do Pagamento (Unidade: oitavas de ouro)
1784-1785	Livro N. 1 de Despeza – Folha 109 – Verso	n. 23	80
1784-1785	Livro 2 de Despeza – Folha 2	–	69 ½ 1
1785-1786	Livro 2 de Despeza – Folha 7	–	74 ¼ 4
1786-1787	Livro 2 de Despeza – Folha 10 - verso	–	6 ¾ 4
1787-1788	Livro 2 de Despeza – Folha 13	–	608 ¼ 2

Fonte: Lançamentos correspondentes aos recibos registrados nos Livros 1 e 2 da *Despeza das Dívidas*.

Segundo o musicólogo alemão Francisco Curt Lange (1903-1977)¹³³, esse instrumento representou o maior esforço de Padre Manuel Almeida Silva, considerando-se os valores de cada um de seus empreendimentos em Diamantina: o Órgão da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Matriz de Santo Antonio¹³⁴ (FIG. 22) e o Órgão da Igreja do Carmo.

É fora de dúvida que o órgão do Carmo representou o maior esforço do Pe. Manuel Almeida Silva, se considerarmos os respectivos valores de cada um dos seus empreendimentos. Para o Arraial do Tejuco foi um esforço extraordinário, e o lapso de tempo que se acha entre a assinatura do contrato e a conclusão do órgão comprova que Pe. Manuel Almeida Silva deve ter lutado com sérias dificuldades para entregá-lo (LANGE, 1983, p. 126).

132 Profissional que se dedica à construção e/ou restauro de Órgão de Tubos.

133 Foi um dos pioneiros e um dos responsáveis pelo avanço da musicologia latino-americana e, especialmente, pelo desenvolvimento da musicologia histórica brasileira. É uma das principais referências no que diz respeito à música brasileira do período colonial e, particularmente, à música dos compositores mineiros do século XVIII. Foi o descobridor da obra de Lobo de Mesquita. Chegou a Diamantina em fevereiro de 1956.

134 Há poucas informações sobre esse instrumento, que já não se encontrava em bom estado quando foi demolida a Matriz, em 1930. Somente foram encontradas algumas fotos da Igreja, mas nenhuma do Órgão.



Figura 22 – A antiga Matriz de Santo Antônio de Diamantina.
Fonte: Arquivo fotográfico de Assis Horta.

De acordo com Aires da Mata, existiu no Carmo um Órgão anterior a esse que se encontrava “em condições imprestáveis”¹³⁵. No dia 3 de março de 1781, os irmãos da Ordem resolveram fazer um novo Órgão¹³⁶ (cf. ANEXO A, p. 124). Somente em 13 de fevereiro de 1782, foi o trabalho ajustado com Padre Almeida e Silva¹³⁷, em documento transcrito a seguir.

Aos 13 dias do mês de Fever^o de 1782 – no Consistório desta V. Ord. 3^a de N. Snr^a do Monte do Carmo estando prez^{tes} o nosso Irmaão Prior, e os demais Irmaãos de Meza, o os outros mais que já serviraõ as Mezas passadas, estando tambem prezente o Rdo Mel de Almeida Silva, com o consentimento de todos foy detriminado e comcluido com o d^o R^{do} o ajuste do Orgaõ da Capela p^a esta V. Ord. na forma seguinte.

O que o mesmo Rd^o Seria obrigado, a dar o d^o Órgão feito, e acabado, pello preço de hum Conto e Trezentose e vinte mil reis, a quantia se obrigaou a Meza, a fazerlhe certa, e boa, dandolhe da factura desde a seis mezes a metade, e o mais que he o resto da factura desde a hum anno, e de que tudo esto assim se prometeo, e todos comcordaraõ, e assinaraõ, e para a todo tempo Constar eu Secretariu d^a V.Ord. o escrevi, e asigney (Livro de Termos Para o Governo da V. Ordem 3^a do Carmo – 1774-1899 (*Livro de Termos para o Governo da V. Ordem Terceira do Carmo – 1774-1899* apud LANGE, 1983, p. 236).

135 MACHADO FILHO, Aires da Mata. *Arraial do Tijuco, Cidade Diamantina*, 3. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia Ltda; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980, p. 240.

136 *Livro de termos para o governo da Venerável Ordem 3^a do Carmo – 1771-1900*, folha 47, termo 47.

137 Curiosamente não aparece a assinatura de Padre Almeida e Silva nesse documento.

São poucas as referências biográficas sobre Padre Manuel de Almeida e Silva. Há registros de sua atuação como proferidor de sermões, como cantor¹³⁸ e como regente na Irmandade do Santíssimo Sacramento da Villa do Príncipe do Serro do Frio¹³⁹ entre os anos de 1768 a 1778¹⁴⁰. Segundo Curt Lange, o referido sacerdote teve um irmão que também era padre e cantor, sendo que ambos atuaram juntos no Serro¹⁴¹. No Arraial do Tejuco¹⁴², Padre Manuel de Almeida atuou na Igreja do Carmo e na do Santíssimo Sacramento como padre e cantor¹⁴³.

Encontramos no *Livro 2 da Despeza do Carmo*, no período de 1787-1788, o último registro de pagamento por seus serviços como organeiro no Carmo, conforme demonstrado na FIG. 23, a seguir.



Figura 23 - Registro de pagamento de Padre Manuel de Almeida e Silva como organeiro no Carmo. (note seu destaque com um X a lápis à esquerda da figura)

Fonte: Arquivos da Ordem do Carmo de Diamantina, *Livro 2 da Despeza* – Anos 1784-1856 (acervo fotográfico do autor).

Em todos os lançamentos de pagamentos no *Livro de despeza do Carmo*, anteriores a agosto de 1788, o nome do organeiro Padre Manuel de Almeida e Silva sempre era citado. No entanto, nos lançamentos de despesas seguintes referentes ao Órgão, seu nome não é mais apontado. Como exemplo, tem-se a seguinte transcrição do lançamento seguinte registrado no período de 1789-1790, na folha 22, verso: “P^r [por] hum Couro de

138 Note-se que o termo *cantor* aqui se refere à função litúrgica de executar o canto-chão. Existiram, na Minas Colonial, os padres cantores, que também atuavam nos ofícios da Semana Santa. Esse termo também se referia aos cantores que atuavam como membros dos coros nas missas (i.e., os coralista).

139 Atual cidade do Serro.

140 *Livro da receita e despeza da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Matriz de Santo Antonio – 1768-1819*.

141 LANGE, 1983, p.187.

142 Atualmente, Cidade de Diamantina.

143 LANGE, 1983, p. 101.

Viado, e mais Viamentos, para o Conserto dos Folles do Orgão, e quem o fes”. Também nesse livro, consta a última atuação do referido organeiro como padre no Carmo de Diamantina. Trata-se do recibo de pagamento por 20 missas celebradas pela alma de um irmão da Ordem, datado de 3 de agosto de 1788, como se pode verificar na FIG. 24, a seguir.

O Comiss. Miguel Berno. e flor. So.
 Certifico, q. me foi aprezentada hua Certidão do Pá.
 P. Manoel de Almeida S. Amq. juda in Verb. Sacerd. q. por
 Ordem da Mesa desta Veneravel Ordem B. do Carmo dice
 Vinte missas pela alma do falecido Irmão o B. Anto
 nio da Proxa Pinto. Oja sendo necess. juda in Verb. a
 cerdoziz. Cejuca 3 de Ago. de 1788
 O Comiss. Miguel Berno. e flor. So.

Figura 24 - Registro de pagamento das missas celebradas por Padre Manuel de Almeida e Silva
Fonte: Arquivos da Ordem do Carmo de Diamantina, livro 2 da *Despeza*, 1784-1856 (acervo fotográfico do autor).

O último trabalho do Padre Manuel de Almeida e Silva como organeiro em Diamantina está registrado no *Livro de Receita e Despeza da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Matriz de Santo Antônio*, no período de 1792-1793, na folha 154, como se pode verificar na FIG. 25, a seguir.

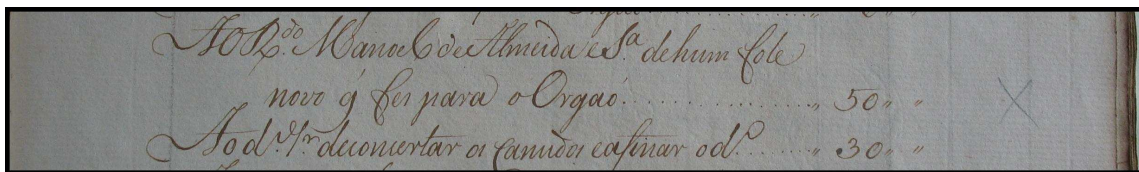


Figura 25 - Registro de pagamento de Padre Manuel de Almeida e Silva como organeiro no S. Sacramento
Fonte: Arquivos da Mitra Arquidiocesana de Diamantina, *Livro de receita e despesa* (1773-1798) (acervo fotográfico do autor).

Não obstante, no que diz respeito à formação do Padre Manuel de Almeida e Silva como organeiro, responsável pela construção dos Órgãos da Matriz de Santo Antônio¹⁴⁴ e da Ordem do Carmo (ambos em Diamantina), há poucas informações disponíveis. Não se sabe se foi adquirida em Portugal ou se o padre foi autodidata no Arraial do Tejuco, aprendendo por meio de textos e planos provenientes de Lisboa. O viajante europeu Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), quando passou pelo Arraial do Tejuco, no início do século XIX, constatou a existência de Órgãos construídos no próprio local, resultado de uma sociedade culturalmente evoluída e com muitos recursos financeiros provenientes da mineração.

Apesar se ser cabeça do Distrito dos Diamantes o lugar foi durante muito tempo uma sucursal; entretanto contam-se aí sete igrejas principais e duas capelas. Todos esses edificios são pequenos mas ornamentados com bom gosto e muito limpos. Por cima da porta das igrejas há uma tribuna onde ficam os músicos quando se celebram missas solenes. Várias igrejas possuem um pequeno órgão, construído na aldeia; há também as que possuem belos ornatos e são muito ricas em prataria. As mais bonitas são as de Santo Antônio, S. Francisco e do Carmo (SAINT-HILAIRE, 2004, p. 28).

Além desses dados referentes ao seu construtor, existem algumas curiosidades históricas ligadas ao Órgão do Carmo, a saber:

- Para sua construção foi organizada uma associação na qual Chica da Silva¹⁴⁵ e o Padre José da Silva e Oliveira Rolim (1747-1835)¹⁴⁶ participaram com

¹⁴⁴ LANGE, 1983, p. 117.

¹⁴⁵ Francisca da Silva de Oliveira (1732?- 1796), ou simplesmente Chica da Silva, é personagem de um dos mais famosos e controversos mitos da região de Diamantina na segunda metade do século XVIII.

¹⁴⁶ Foi um dos conspiradores da Inconfidência Mineira, conhecido como Padre Rolim. Era um homem inescrupuloso e corrupto. Após serem denunciados, foi julgado junto com seus companheiros da Inconfidência e passou quinze anos preso.

“esmolos” (donativos em dinheiro);

- Das igrejas nas quais Lobo Mesquita foi organista, esse é o único instrumento que sobreviveu¹⁴⁷ e que não foi completamente modificado¹⁴⁸;
- Foi o primeiro Órgão a ser tocado por uma mulher (que inclusive era cega)¹⁴⁹. A compositora Ana Maria dos Santos Mártires atuou como organista nesse instrumento entre os anos 1795 e 1806, sucedendo Lobo de Mesquita¹⁵⁰;
- Um dos mais destacados compositores mineiros do período colonial, Lobo de Mesquita, foi o primeiro organista desse instrumento, onde compôs e executou grande parte de sua obra.

José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita foi contratado pela Ordem do Carmo para o cargo de organista em julho de 1789 no qual permaneceu até o ano de 1795. No *Livro de Termos da Ordem do Carmo de Diamantina*, encontra-se, no termo n. 67, de 17 de julho de 1789, o teor do contrato de Lobo de Mesquita para desempenhar as funções de organista com as seguintes obrigações:

Tocar o órgão em todas as missas, e ladainhas de Nosso Senhor que se costumão Selebrar nesta Igr^a, a saber nas Sextas-feiras e Sábados, e em todos os dias de qualquer festividade de N. Snr^a na novena, e dia de Santa Quitéria, Novena e dia de Nossa Senhora do Monte do Carmo, Tríduo de Santo Elias, Novena e dia de Santa Teresa, Sentenário de Nossa Senhora das Dores. Quando nas sobreditas ocasiões nem houver muzica, porque no caso de haver, ficara elle dito habilitado para entrar nela, e também quando se fizer algum culto ao Senhor São Joze. (LANGE, 1983, p.123)¹⁵¹.

147 Além de organista na cidade de Diamantina, ele foi organista nas cidades de Ouro Preto e Rio de Janeiro. Em Ouro Preto, não existe mais nenhum Órgão. No Carmo, no Rio de Janeiro, já não existe mais o Órgão que Lobo de Mesquita tocou.

148 Durante a segunda metade do século XIX, obedecendo a uma nova proposta estética, os Órgãos barrocos passaram por um processo de reformulação, em que era trocada a ação mecânica por elétrica e eram feitos acréscimos de novos Registros, descaracterizando o instrumento.

149 Até onde pode ser comprovada por documentação, essa foi a primeira organista brasileira. Como não era permitido às mulheres participarem ativamente nas missas, essa atuação somente foi possível mediante a autorização do Papa Pio VI.

150 RESENDE, 1989, p.507.

151 Cf. ANEXO A, p. 127.

Chegou até os dias atuais uma quantidade representativa do conjunto de obras sacras composta por Lobo de Mesquita. Até hoje, nenhuma página de música para Órgão foi encontrada, mas provavelmente ele escrevera peças solo para esse instrumento, pois era organista por excelência.

A FIG. 26, a seguir, bastante reveladora, demonstra o registro, no *Livro de Receita e Despesa* (1773-1798), do último pagamento de Lobo de Mesquita como organista em Diamantina; na Matriz de Santo Antonio – Irmandade do Santíssimo Sacramento.

Item	Valor
Salvo a Sr.ª Maria Joaze de Mesquita Organista de S.º Antonio da Matriz de Santo Antonio da Irmandade do Santissimo Sacramento de 1774 até 1798	33%
Salvo a Sr.ª Camellina Nunez de S.º Antonio da Matriz de Santo Antonio da Irmandade do Santissimo Sacramento de 1774 até 1798	20%
Salvo a Sr.ª Francisca de S.º Antonio da Matriz de Santo Antonio da Irmandade do Santissimo Sacramento de 1774 até 1798	12%
Salvo a Sr.ª Francisca de S.º Antonio da Matriz de Santo Antonio da Irmandade do Santissimo Sacramento de 1774 até 1798	6%
Salvo a Sr.ª Francisca de S.º Antonio da Matriz de Santo Antonio da Irmandade do Santissimo Sacramento de 1774 até 1798	22%
Salvo a Sr.ª Francisca de S.º Antonio da Matriz de Santo Antonio da Irmandade do Santissimo Sacramento de 1774 até 1798	12%
Salvo a Sr.ª Francisca de S.º Antonio da Matriz de Santo Antonio da Irmandade do Santissimo Sacramento de 1774 até 1798	20%
Salvo a Sr.ª Francisca de S.º Antonio da Matriz de Santo Antonio da Irmandade do Santissimo Sacramento de 1774 até 1798	12%
Salvo a Sr.ª Francisca de S.º Antonio da Matriz de Santo Antonio da Irmandade do Santissimo Sacramento de 1774 até 1798	20%

Figura 26 - Registro de pagamento de Lobo de Mesquita como organista no Santíssimo Sacramento, destacado com um * à esquerda da figura
Fonte: Arquivos da Mitra Arquidiocesana de Diamantina (acervo fotográfico do autor).

Por meio desse registro, pode-se comprovar que Lobo de Mesquita não atuou somente na Ordem do Carmo, como geralmente é citado. O primeiro registro de seu trabalho como músico¹⁵² em Diamantina encontra-se na Ordem do Carmo no ano de 1787, e o seu último pagamento naquela ordem data de 1794. Na Irmandade do Santíssimo Sacramento, o organista recebeu seu primeiro ordenado no ano de 1789, e, nos registros dessa mesma irmandade, encontra-se o último pagamento de Lobo Mesquita, no Tejuco, datado de 1798; quando se transferiu para Vila Rica. Em 1800 transferiu-se para Rio de Janeiro, onde atuou na Ordem Terceira do Carmo, vindo a falecer em abril de 1805.

¹⁵² Nesse caso, era o cargo de organista, também chamado de tocador ou tangedor de Órgão.

2.1 CARACTERÍSTICAS ATUAIS DO ÓRGÃO DO CARMO

O Órgão do Carmo tem características ibéricas com influências da escola de organaria italiana, apresentando diferenças dos padrões europeus. Durante o século XVIII Portugal foi intensamente influenciado pela cultura e pela arte italiana. Na música, tal influência pode ser claramente observada não somente nas obras musicais, mas também nos instrumentos.

Os Órgãos históricos portugueses e espanhóis têm características bem próprias e similares aos Órgãos italianos, sendo bastante diferente dos instrumentos franceses e germânicos. A *Trompeteria Horizontal*¹⁵³ é considerada como a principal característica da escola ibérica. A seguir, destacam-se as demais características dessa escola de organaria:

- Existência de apenas um Manual (raramente dois);
- Número de Teclas entre 45, 47 e 54 notas;
- Meio Registros¹⁵⁴ – Teclado dividido em duas seções: Tiples (*Tiples*) e Baixos (*Bajos*), Registros agudos e graves, respectivamente. A divisão pode ser encontrada entre o Si² e o Dó³ ou entre o Dó³ e o Dó^{#3}. Sua origem data de meados do século XVI¹⁵⁵. No Órgão italiano é chamado de *Registri Spezzati*;
- Conjunto de Registros¹⁵⁶, independentes em cada uma das metades, em quantidade usual de aproximadamente nove;

153 São os Registros de Palheta do Órgão ibérico cujos Tubos se encontram na Fachada posicionados horizontalmente. Foram introduzidos nos Órgãos ibéricos durante a segunda metade do século XVII e primeira metade do século XVIII. (KASTNER, 1987, p. 76). Conhecido também como *Lengüentería Horizontal*, *Trompetería Tendida*, *Palhetas de Fachada* ou *Trompetería de Batalla*. Registro apropriado para se tocar Batallas de Pedro de Araújo, Torrelas e Cabanilles. Com Aristide Cavaillé-Coll (1811-1899), construtor francês de Órgãos, este Registro ficou conhecido como *Trompette en Chamade*.

154 O mesmo que Registro Partido, Medio Registro ou Divided Stop. Geralmente entre o Dó³ e o Dó^{#3} e algumas vezes entre o Si² e o Dó³, na região da Catalúnia (WILLIAMS, 1984, p.125).

155 OWEN, Barbara. *The registration of baroque: organ music*. Bloomington: Indiana University Press, 1997, p. 64.

156 O mesmo que Vozes de Registro. É o timbre individual do Órgão. Composto por uma ou mais Fileiras de Tubos. O nome dos Registros deriva do timbre e da altura sonora. O número, em algarismos arábicos, corresponde à medida do Tubo mais grave da Fileira. Nas Mixturas, várias Fileiras de Tubos paralelos soam juntas, e são usados números romanos, que correspondem ao número de Fileiras.

- Fileiras de Registros separadas. O Registro Composta, que trata-se de uma Mixtura¹⁵⁷, possui um Puxador de Registro para cada Fileira de Tubos;
- Tração Mecânica¹⁵⁸, como é próprio dessa época;
- Ausência de Pedaleira¹⁵⁹ cromática;
- Presença de *pisas*¹⁶⁰ (no máximo oito notas).

Pode-se considerar que o Órgão é constituído por quatro partes distintas, cada qual com funções bem específicas, a saber:

- **A Caixa:** construída em madeira, agrega em si todo o instrumento;
- **A Tubaria (Tubagem)**¹⁶¹: constitui o conjunto de todos os Tubos do Órgão, compreendendo toda a parte fônica do instrumento;
- **A mecânica:** se refere ao conjunto dos Mecanismos que têm por função fazer os Tubos soarem. Mecanismo de Transmissão (Manuais, Tábua de Redução e Válvulas) e Mecanismo de Registros (Puxadores, Molinetes de Registros e Réguas de Registro);
- **A pneumática:** é formada pelos Foles, pelo Reservatório de Ar, Canais de Notas, e pelos Dutos de Condução e distribuição do ar.

A Caixa, a Fachada e o Consolo¹⁶²

A Caixa de um Órgão tem como função fundamental abrigar a parte mecânica,

157 Composta ou Compuestas: O mesmo que Cheio, *Compuestas de Llano, Ripieno, Llano* ou *Mixtur*. Corresponde ao Registro composto por duas ou mais Fileiras de Tubos que enriquecem o som fundamental com sons harmônicos superiores.

158 Sistema mecânico que permite o contato do Consolo com o restante do Órgão. A grande vantagem desse sistema é permitir uma resposta mais rápida e direta entre o toque e o soar do Tubo.

159 É o Teclado tocado pelos pés do organista.

160 São botões usados como Pedaleira e, geralmente, são as notas: Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Si^b e Si.

161 Adotou-se nesta dissertação o termo Tubaria, apropriação da língua italiana. Em português, o conjunto de Tubos é tubagem. Em Portugal e no Brasil Colônia, o termo tubaria era conhecido por Canaria e os Tubos eram denominados de Canudos.

162 O termo significa a parte do Órgão onde o organista executa e programa o instrumento. É uma espécie de mesa de controle onde estão os Manuais, a Pedaleira, os Puxadores de Registros e os Acoplamentos. Nos Órgãos Mecânicos, o Consolo se localiza na própria Caixa. Traduzido para o português como Consola ou Console, o verbete do Novo Dicionário Aurélio - Século XXI apresenta-o como Consolo, termo empregado ao longo desse trabalho.

Tubaria, e o conjunto pneumático e; algumas vezes, até os Foles. Acusticamente, garante que o som emitido pelo conjunto de Tubos seja concentrado e projetado, normalmente, para a nave da igreja¹⁶³. Além disso, tem uma função estética, pois é a face ou o rosto do Órgão.

A Caixa do Órgão do Carmo de Diamantina em estilo rococó tem a talha semelhante aos altares laterais, bem como a todo o interior do templo. Foi construída em madeira de cedro da região¹⁶⁴. Suas dimensões são: 4,5 m de altura, 2,42 m de comprimento e 1,48 m de profundidade. Possuía portas em treliças (grades) que foram posteriormente retiradas, e não substituídas. O registro na folha 13 do *Livro 2 da Despeza*, no período de 1787-1788, mostra: “Pagou p^r [por] 4 Lemes q’ [que] mandou fazer grd^{es} [grades] p^a [para] a porta de frente do orgão e 1 – aldraba¹⁶⁵ com seus pertences.”

No decorrer dos séculos, os Órgãos tiveram seu posicionamento definido segundo critérios litúrgicos, estéticos e acústicos. No que tange à localização litúrgica, eram posicionados no lado do Evangelho (à esquerda do altar) ou da Epístola (à direita do altar). Em catedrais e igrejas de conventos, eram instalados junto ao Cadeirado,¹⁶⁶ onde eram realizadas as cerimônias litúrgicas da missa e do ofício.

Quanto a esse aspecto do posicionamento, o Órgão de Diamantina está ao centro do coro, inserido na balaustrada e com a Fachada¹⁶⁷ voltada para a nave. Essa forma de posicionamento é conhecida como “Órgão de Balaustrada” (FIG. 27). No termo n. 55, de 28 de abril de 1783, folha 53 do *Livro de Termos da Ordem do Carmo*, está o seguinte registro: “Resolveu a mesa assentar o instrumento no meio do coro da capela”. Contudo, o documento não explica a razão técnica para tal decisão (cf. ANEXO A, p. 129). A figura a seguir mostra um desenho atual com sua localização no coro da igreja.

163 DODERER, Gerhard. *Caixas de órgãos portugueses setecentistas*. Braga: Museu Nogueira da Silva, 1996, Separata, p. 103.

164 *Livro 2 da despeza do Carmo* 1784-1856, folha 7.

165 Aldraba significa o mesmo que ferrolho.

166 Série de cadeiras ligadas entre si, geralmente encostadas a uma parede, usada em coros de igrejas, conventos etc.

167 Parte frontal da Caixa onde se encontram os Tubos aparentes, que geralmente são os Tubos do Registro Principal. Como parte da Caixa do Órgão, é também responsável pela projeção do som. Existem diversas formas de composição da Fachada que incluem partes decorativas em madeira e os Tubos. Estes Tubos podem ser organizados verticalmente, em torres ou em nichos, ou horizontalmente; a Trompeteria Tendida. Podemos considerar como sendo o “rosto” do Órgão.

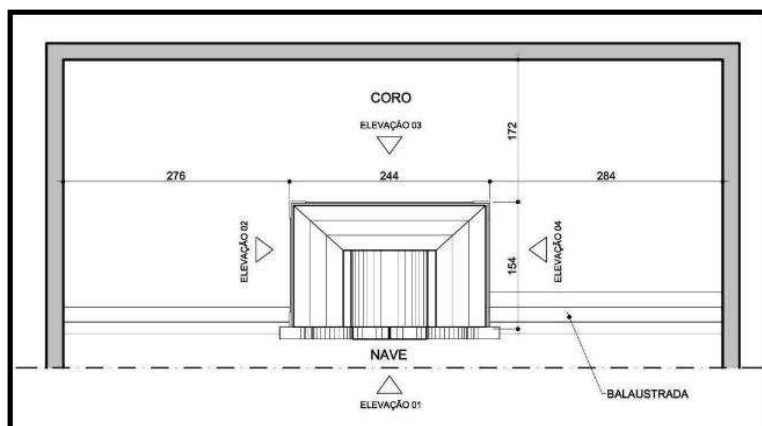


Figura 27 - Posicionamento do Órgão no coro da igreja
Fonte: Camila Zyngier.

A Fachada e o Consolo estão demonstrados por meio das FIG. 28 e 29, que reproduzem desenhos realizados por Zyngier, a pedido da Associação Amigos do Órgão Lobo de Mesquita – AAOLM.

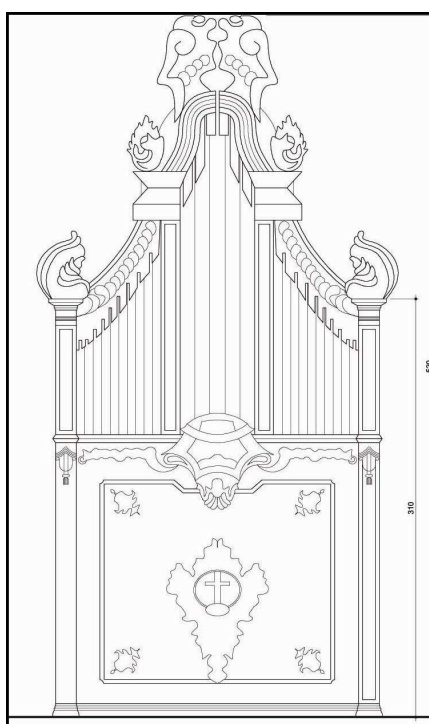


Figura 28 - Fachada do Órgão
Fonte: Camila Zyngier.

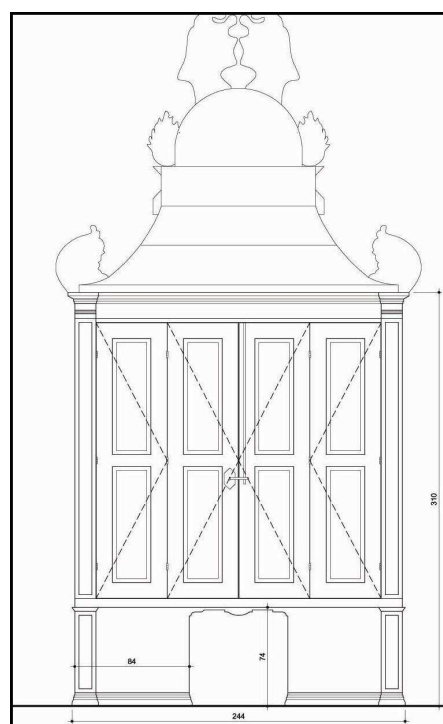


Figura 29 - Consolo do Órgão
Fonte: Camila Zyngier.

A Fachada do Órgão (FIG. 30), em forma de teto, é composta por uma Torre Central semicircular com seis Tubos Sonantes e dois Nichos Laterais¹⁶⁸ em forma de polígonos¹⁶⁹, cada qual com 10 Tubos, sendo dois deles ornamentais. Essa forma de disposição da Torre e dos Nichos na Fachada é conhecida como “Nicho Lateral”¹⁷⁰. O brasão da Ordem do Carmo está presente logo abaixo desse conjunto de Tubos, que é uma das partes do Óculo. Ademais, acredita-se que foi provavelmente o guarda-mor José Soares de Araújo – o mesmo autor dos tetos da capela-mór (1766) e da nave do templo carmelita (1778-1784), o responsável pela pintura do retábulo do Órgão¹⁷¹.



Figura 30 - A Fachada do Órgão do Carmo
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

168 O uso de Torres e Nichos cria uma surpreendente sensação de profundidade na Fachada ou na Caixa. Na segunda metade do século XVIII, os Órgãos portugueses integram funcionalidade e beleza em uma união de técnica e concepção estética.

169 Também conhecido como Nicho em forma de harpa.

170 Também conhecido como Campo Lateral ou Ala Lateral.

171 Encontram-se dois registros no *Livro de Receita e Despesa da Irmandade do santíssimo Sacramento* no ano de 1781 – folha 120 verso, e, outro no ano de 1788 – folha 135.

Nos Órgãos ibéricos históricos, o Consolo faz parte da Caixa. No Órgão de Diamantina, o Consolo é do tipo janela e tem quatro portas articuladas duas a duas. Essas janelas abrigam o Teclado, os Puxadores de Registros¹⁷² e a Tubaria. A fechadura de ferro batido reflete a originalidade do conjunto (*cf.* FIG. 31, a seguir).



Figura 31 - O Consolo do Órgão de Diamantina
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

No Consolo, acima da estante de partitura, encontra-se uma engenhosa solução que permite ao organista acompanhar a celebração da liturgia da missa. Trata-se de um Óculo (FIG. 32) que possibilita visualizar o altar-mor.

¹⁷² Dispositivo mecânico que permite ligar e desligar determinado Registro; puxando-o ou empurrando-o. Está localizado do lado esquerdo e do lado direito do Consolo, ou somente do lado esquerdo; no chamado Quadro de Registros. Quando o Puxador é acionado, permite que o ar dos Foles chegue aos Registros fazendo os Tubos soarem ao serem acionadas as Teclas. Fazem parte deste conjunto de Mecanismo: o Puxador, o Molinete de Registro e as Régua de Registro. O mesmo que Botão de Registro, Manúbrio ou Tirador de Registro.



Figura 32 - O Óculo do Órgão de Diamantina
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

Em Portugal no século XVIII esse recurso era usual em Órgãos que estavam nesse mesmo posicionamento no coro. Tem-se como exemplo, o Órgão do Santuário de Nossa Senhora dos Remédios em Lamego, obra de Manuel de Sá Couto (FIG. 33).



Figura 33 - Órgão de Lamego – Portugal
Fonte: Arquivo do organeiro Antonio Simões.

A Tubaria, os Registros e o Someiro

Em termos sonoros, a Tubaria é a parte mais importante do instrumento. O Órgão pode ser visto como um conjunto de Flautas e, portanto, um instrumento de sopro com Teclado. Os Tubos são responsáveis pela emissão sonora, sendo classificados em Tubos Labiais (subdivididos em principais, Flautas e cordas), e Tubos de Palhetas (subdivididas em palhetas livre ou batentes). Os Labiais podem ser construídos em metal (tendo forma cilíndrica) ou em madeira (tendo forma quadrada). Nos Labiais de metal, são empregados materiais como estanho, chumbo, cobre, latão e zinco ou ligas; nos Labiais de madeira, utiliza-se geralmente carvalho, pinho, cedro, nogueira, mogno ou cerejeira, dentre outras. Nos Tubos Labiais, o timbre depende muito da proporção entre o diâmetro e a altura¹⁷³, além da liga ou do material utilizado, bem como das formas do Lábio e do Corpo do Tubo. A altura da nota (a frequência) está diretamente relacionada à altura do Tubo e seu diâmetro é proporcional à altura mesmo. Nos Tubos de Palhetas, por sua vez, depende do comprimento da palheta.

Como já citado em função da sua singularidade, a característica fundamental e visualmente distinta, da organaria ibérica são os Tubos de Palheta dispostos horizontalmente ao longo da Fachada dos instrumentos, que correspondem às Trombetas Horizontais, que foram desenvolvidas no final do século XVI. Essas Trombetas são penetrantes e de resposta imediata, sendo um dos recursos essenciais para a execução dos ritmos de fanfarra, dos motivos em eco e das seqüências de acordes nas “Batalhas” (peça característica ibérica). No caso de Diamantina, as Trombetas são internas e verticais, conhecidas por Trompeta Real (Trombeta Real).

O Órgão de Diamantina possui um conjunto de 549 Tubos Sonantes¹⁷⁴, dos quais 122 são de madeira e 427 são de metal¹⁷⁵. Na Fachada, existem quatro Tubos

173 Como os Tubos estão, em regra, posicionados verticalmente nos Órgãos, utiliza-se aqui o termo “altura”, que se refere à dimensão vertical. Comprimento é atribuído a uma dimensão horizontal ou longitudinal.

174 São os Tubos que soam, em oposição aos Tubos Mudos.

175 No Órgão do Carmo, todos os Tubos de metal são cilíndricos e têm os Lábios redondos.

Mudos¹⁷⁶. No Consolo, há dois Quadros de Registro com 18 Puxadores, dos quais nove são de mão direita (Tiples) e nove são de mão esquerda (Baixos). A princípio, considerou-se, no âmbito desta pesquisa, que esse Órgão era um instrumento de Registros-partidos ou Meio-registros¹⁷⁷.

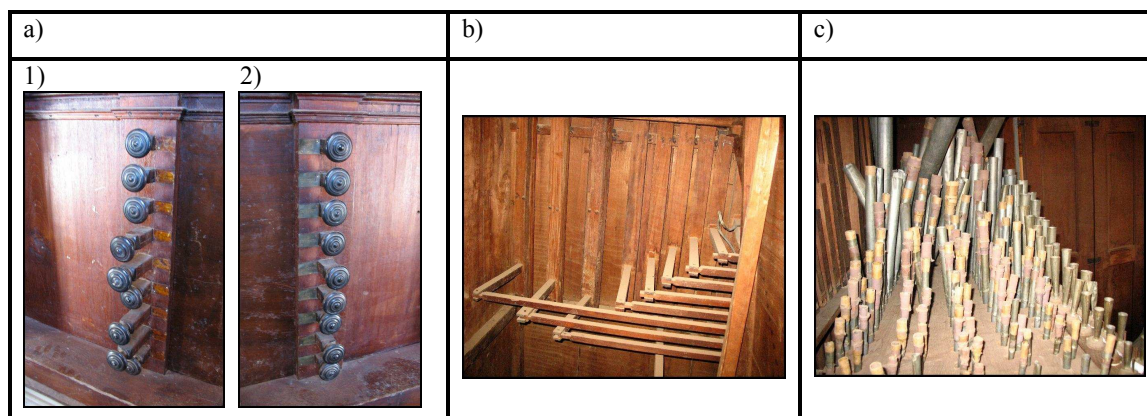


Figura 34 – Os Tirantes nos Quadros de Registros, seu Mecanismo e as Fileiras de Tubos

a) O Quadro de Registros: 1) Baixos e 2) Tipples

b) O Mecanismo dos Tirantes

c) As Fileiras de Tubos no Someiro

Fonte: Acervo fotográfico do autor.

Os Tubos estão distribuídos no Someiro de Corrediça¹⁷⁸ seguindo a um padrão de disposição no qual a primeira nota de cada oitava é colocada ao lado direito e a nota

176 O mesmo que Tubos Canónigos, Tubos Mudos ou Tubos Falsos. São Tubos ornamentais colocados para compor os Nichos e as Torres na Fachada do Órgão.

177 O termo se aplica aos Órgãos ibéricos, nos quais um simples Registro é dividido em duas partes, correspondendo à mesma partição do Teclado. A metade correspondente à região grave é chamada de Baixos e a região aguda é denominada Tipples. Cada metade é operada por um Puxador de Registro.

178 O mesmo que Secreto. É uma caixa retangular feita em madeira que tem como função principal receber o ar dos Foles e distribuí-lo pelos Tubos, que são colocados sobre ele. Existem três tipos de Someiros: de Corrediça, de Válvula única e de Válvula cônica. Os Someiros dos Órgãos em estudo são do tipo de Corrediça. Nesse caso, as partes dele são: o depósito de ar, as Válvulas, os Canais, as Corrediças e o Contra-someiro. Dentro do Depósito de Ar do Someiro existem Válvulas e cada uma dessas está ligada a uma Tecla do Manual por meio de uma Vareta ou fio de arame. Quando é pressionada a Tecla, abre-se uma Válvula permitindo a passagem do ar do Reservatório para os Canais abaixo dos Tubos. O Puxador de Registro aciona cada Corrediça correspondente a essa Fileira de Tubos, fazendo-os soar. O comprimento do Someiro é proporcional ao número de Teclas e ao tamanho dos Tubos. No caso dos Órgãos em estudo, cada Corrediça corresponde a um Registro.

seguinte ao lado esquerdo, sendo essa seqüência mantida em todo o Teclado¹⁷⁹. Segundo Hugo Riemann¹⁸⁰, quando o Someiro está dividido em duas metades, uma parte é chamada “lado de Dó” e a outra metade é o “lado de Dó[#]”. No caso de Diamantina, consideramos como “lado de Fá” e “lado de Fá[#]”. As figuras FIG. 35 e 36 mostram a correspondência das Teclas em relação aos Tubos no Someiro em cada oitava, comprovando a afirmação anterior.

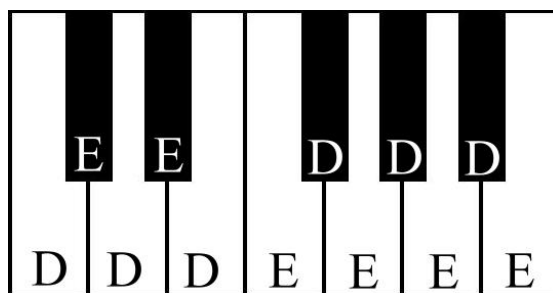


Figura 35 – A disposição do Teclado x Someiro
 Legenda: D = à direita no Someiro; E = à esquerda.
 Fonte: Acervo de figuras do autor.



Figura 36 - A disposição dos Tubos no Someiro
 Fonte: Acervo de figuras do autor.

Em diferentes épocas, diversos autores realizaram levantamentos sobre os nomes e as alturas dos Registros do Órgão de Diamantina. Uma breve descrição desses estudos encontra-se no Quadro 2, a seguir, cujas linhas obedecem à mesma disposição do

179 Existem outras duas formas de dispor os Tubos no Someiro. A forma cromática – os Tubos seguem em série cromaticamente, de meio em meio tom. Já a outra forma, similar à distribuição do Órgão em Diamantina, os Tubos graves ficam nos extremos e os agudos estão posicionados no centro do Someiro.

180 RIEMANN, Hugo. *Manual del organista*. 5. ed. Barcelona: Editorial Labor, 1929, p. 152.

quadro dos Registros originais. A primeira coluna mostra a nomenclatura adotada na reforma de 1940. A segunda coluna revela as nomenclaturas originais do século XVIII (grafadas na madeira do Consolo) e do século XIX, encontradas após a retirada do Rótulo de Registro¹⁸¹, em setembro de 2004. A terceira coluna aponta a relação de Curt Lange proposta no livro *História da música na Capitania Geral das Minas Gerais*. A quarta aponta uma listagem proveniente do relatório de Guy Bovet no ano de 1987. Já a última apresenta materiais utilizados nos Tubos.

Registros: Reforma de 1940	Registros: Inscrições Antigas ¹⁸²		Registros: segundo Curt Lange ¹⁸³	Registros: Segundo Guy Bovet ¹⁸⁴	Material dos Tubos
	Possivelmente séc. XVIII	Possivelmente séc. XIX			
F TAPADO ¹⁸⁵	F TAPADO	—	Bordão 4' (pés)	Madeira Tapado 6' (pés)	Madeira ¹⁸⁶
E ABERTO	E ABERTO	—	Flauta 8'	Madeira Aberto 6'	Madeira
FG - G GRAVE	GRAVE	—	Principal ¹⁸⁷ 8'	Principal 6' (Grave)	Metal
Fachada	Fachada	Fachada	Fachada	Fachada	Fachada
F FLAUTA	—	1ª FLAUTINI COMPOSTA	Oitava 2 2/3'	Principal (Flauta) 3'	Metal
A COMPOSTA	—	2ª FLAUTINI COMPOSTA	Oitava 2'	Primeiro Principal 1½' (Composta)	Metal
D COMPOSTA	—	3ª FLAUTINI COMPOSTA	Oitava 1 3/5'	Segundo Principal 1½' (Composta)	Metal
C COMPOSTA	—	4ª FLAUTINI COMPOSTA	Quinta Aguda 1 1/3'	Terceiro Principal 1½' (Composta)	Metal
B COMPOSTA	—	5ª FLAUTINI COMPOSTA	Oitavinha 1'	Quarto Principal 1½' (Composta)	Metal
H SORDO	—	—	Regal 8'	Palheta ¹⁸⁸ (Surdo) 12'	Palheta ¹⁸⁹

Quadro 2 – As diferentes listagens dos Registros do Órgão do Carmo.

181 O mesmo que Selo, Etiqueta ou Letreiro. Local onde está escrito o nome do Registro.

182 As linhas onde está colocado apenas um traço correspondem às inscrições não legíveis.

183 Não foi encontrada a fonte em que Curt Lange se baseou para essa afirmação.

184 BOVET, Guy. Tampering with historical instruments - Three Brazilian examples. *La Tribune de L'Orgue*, Collombey, mar. 1988. Disponível em: <<http://www.hippocampe.ch/tdlo/>>. Acesso em: 18 abr. 2007.

185 Os Tubos tapados soam uma oitava abaixo de sua altura.

186 Os Tubos de madeira do Órgão de Diamantina são de cedro cheiroso.

187 O Principal Registro considerado como a base sonora do Órgão.

188 O Ressonador do Tubo FF tem cerca de 1' (um pé). Segundo Guy Bovet, aparenta soar como 12' (doze pés).

189 Segundo Assis Horta, as o Registro de Palhetas eram usadas somente na Sexta-Feira da Paixão, durante a Semana Santa.

No Quadro 2, pode se perceber a principal influência italiana no Órgão do Carmo, por meio da nomenclatura de Registros utilizada no século XIX, que possivelmente é a mesma empregada no século XVIII.

Usualmente, refere-se ao sistema de medida de Tubos nos Órgãos em pés, uma medida anglo-germânica. No entanto, do século XV até a metade do século XVIII, enquanto em toda Europa era utilizada essa medida, o palmo¹⁹⁰ permaneceu como padrão na Península Ibérica. O palmo começou a cair em desuso durante o período da Revolução Industrial, com a influência de nomes de Registros mais modernos, que apareciam em muitos Órgãos comprados (importados) naquela época. Há uma diferença entre os valores de medida, demonstradas na TAB. 2, a seguir, a saber:

Tabela 2 - Comparação dos sistemas de medida de um Tubo: pés x palmos.

Nomenclatura em pés		Nomenclatura em palmos	
Altura em pés ¹⁹¹	Em metros ¹⁹²	Altura em palmos	Em metros
16'	4,88	24	5,40
8'	2,44	12 ¹⁹³	2,70
4'	1,22	6	1,35
2'	0,61	3	0,68
1'	0,30	1,5	0,34

Já o Someiro do Órgão do Carmo aparenta ser original e é do tipo de Corrediça. Curiosamente, não está dividido em duas caixas separadas, como nos Órgãos ibéricos. Existe uma separação ao centro, que é vazada, tornando-o um Reservatório único. Essa divisão corresponde à mesma do Teclado. As Válvulas dos Canais¹⁹⁴ podem ser originais: no entanto, suas Molas das Válvulas foram todas trocadas na reforma de 1940. Há duas Régua em cada Corrediça para cada Registro, numeradas de I a XVIII. A Tampa do

190 Um palmo corresponde a 22,5 cm, e um pé tem 30,48 cm.

191 Essas medidas em pés ou em palmos são valores aproximados para um número inteiro. As alturas dos Tubos variam de acordo com o diâmetro (Tubos de metal) e a largura x profundidade (Tubos de madeira).

192 A medida do Tubo em metros varia de acordo com o formato do mesmo.

193 Um Registro de 8' (oito pés) corresponde a cerca de 12 a 14 palmos.

194 Esse Mecanismo controla hermeticamente a passagem de ar do Reservatório de Ar para os Canais abaixo dos Tubos, permitindo-os soar. Tem a forma triangular-prismática. Também conhecido como Sopapo.

Reservatório de Ar é original, com Puxadores feitos em ferro batido. Chama atenção a profundidade do Reservatório de Ar: em geral, ele é proporcional ao comprimento das Válvulas; mas, nesse caso, tem exatamente a mesma dimensão do Someiro. A FIG. 37, a seguir, mostra em detalhe as Válvulas, suas Molas, a divisão e a profundidade do Reservatório de ar do Someiro.



Figura 37 - O Reservatório de Ar do Someiro
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

O Manual

Como anteriormente mencionado, os Órgãos ibéricos têm como característica básica a divisão do Teclado em duas metades distintas, o Teclado Partido. Geralmente, essa partição se localiza entre o Dó³ e o Dó^{#3}, segundo a tradição portuguesa. O Teclado Partido – dispositivo que foi introduzido em meados do século XVI – permite que cada metade do Teclado tenha timbres diferentes da outra partição, o que estimulou o desenvolvimento de um repertório específico para ser executado nesses instrumentos. Nesse sentido, cumpre também apontar que as formas musicais distintas do Órgão ibérico estão associadas ao

surgimento da divisão do Teclado. O principal gênero musical para um Teclado Partido é o *Tiento de Medio Registro*¹⁹⁵.

O Órgão diamantinense possui um Manual¹⁹⁶ de cinco oitavas – 61 Teclas – começando por uma nota Fá. Essa extensão levou a dúvidas sobre qual seria a base desse instrumento, pois sua tessitura é bastante original e peculiar, similar aos cravos flamengos e franceses da segunda metade do século XVIII. A esse respeito, vale apontar que, conforme descrito por Peter Williams¹⁹⁷, a extensão dos Manuais dos Órgãos italianos geralmente eram maiores do que em qualquer outro lugar, causando dúvidas quanto a ser um instrumento de base 16' ou 8'. Geoffrey Webber acrescenta que, no século XVI, os Órgãos na Itália podiam ter como base em Dó (C¹⁹⁸) – 8' (oito pés), ou em Fá (F) – 6' (seis pés), sendo que essas extensões coexistiram durante todo o século¹⁹⁹. Além disso, eram típicas as extensões de F-F''' ou uma oitava abaixo, FF-f' e FF-a". Na Espanha, em 1500, Teclados em Dó não são tão raros e Teclados em Fá tornaram-se comuns em 1550 ou mais, sendo que, para ambos, os limites superiores eram: f' a'', c''' e eventualmente d''' ou mais alto.

Levando-se em conta a altura do Tubo mais grave do Registro Principal, que tem aproximadamente 1,72 m, e o Tubo mais grave do Registro de madeira aberto, que tem aproximadamente 1,74 m, ambos correspondentes à Tecla Fá⁻¹, (ambas as medidas considerando o corte de afinação), pode-se entender que sua base é 6' (seis pés)²⁰⁰. Em geral, os Órgãos começam pelo Dó¹ (Órgãos em C, base 8'), porém, nesse caso, verifica-se

195 *Tiento* ou *Tento*: Forma musical originada na Espanha em meados do século XV. Análogo às formas *Fantasia* e *Ricercare*. Inicialmente para vários instrumentos, nos finais do século XVI se tornou uma peça exclusiva para teclados. Forma tradicional do final do século XVI, é um tipo de obra geralmente estruturada em várias seções encadeadas, algumas vezes de caráter rítmico contrastante, baseadas numa sucessão de motivos que se imitam, circulando de voz em voz. O Teclado Partido veio permitir destacar a trama polifônica do *Tento*, uma ou mais linhas melódicas, solísticas ou concertantes, tanto no Registro superior como no inferior, dando assim lugar aos *Tentos de meio registro alto* (de mão direita), Baixo (de mão esquerda), de dois Típos, ou de dois Baixos.

196 Manual (do latim, *manus*) é o Teclado tocado com as mãos.

197 WILLIAMS, Peter. *The European organ: 1450–1850*. Londres: B. T. Batsford, 1968, p. 221.

198 Nomenclatura organística de altura. Segue a seguinte correspondência em relação à nomenclatura convencional: Dó⁻¹ = CC, Dó¹ = C, Dó² = c, Dó³ = c', Dó⁴ = c'', Dó⁵ = c''' e assim por diante.

199 WEBBER, G.; THISTLETHWAITE, N. (Ed.). *The Cambridge companion to the Organ*. Cambridge: University Press, 2003, p. 151.

200 Nas duas medidas desses Tubos foram considerados os cortes de afinação atuais e a largura e diâmetro dos Tubos para se pudesse concluir sua real altura.

que se trata de um Órgão em Fá (começando pelo F, base 6'). Desse modo, a extensão do Manual é do FF (Fá⁻¹)²⁰¹ indo até o f''' (F⁵), e a partição está entre o Si² e o Dó³ ²⁰².

A divisão ou partição de um Teclado ibérico pode ser determinada através de suas Régua de Registros²⁰³. Observando-se as atuais Régua (aparentemente originais) e considerando-se a contagem dos orifícios correspondentes aos Tubos na Régua dos baixos (Registros do lado esquerdo), pode-se concluir que a primeira Tecla corresponde a um FF [Fá⁻¹], que soa como um Fá¹. Quanto à divisão do Teclado, encontra-se entre o Si² e o Dó³, podendo ser comprovado pela Régua de Registros e pela “aparente” divisão do Reservatório de Ar do Someiro.

Na pesquisa ora reportada, descobriu-se que, em Diamantina, o Teclado atual não é original, tendo sido provavelmente trocado por um de piano industrial em seu último reparo, a reforma de 1940. O material das Teclas aparenta ser sintético; contudo, no contrato daquela intervenção, fala-se, dentre outras coisas, em uma “limpeza de teclados de marfim”²⁰⁴. Os responsáveis por aquela reforma, Eugenio Vianna²⁰⁵ e Anísio dos Santos, eram especializados na manutenção de pianos e proprietários de uma fábrica de pianos em Belo Horizonte²⁰⁶. No orçamento e no contrato da reforma de 1940, há também uma indicação para a reforma da “caixa” do Teclado. Em um primeiro momento, do presente estudo, viu-se somente o Teclado, o qual não estava em uma “caixa”. Posteriormente,

201 Como exemplos de Órgãos com essa extensão, citam-se: Catedral de Milão (C. Serassi – 1842), Catedral de Brescia (G. Antegnati – 1536) e N. S. Del Pino, Barcelona (1540, reconstruído por A. Llinás – 1691).

202 Williams e Owen, no livro *The new grove* (1984), página 125, confirmam essa informação ao apresentarem a divisão, nos Órgãos ibéricos, entre o Si² e o Dó³ como sendo aquela utilizada na Catalúnia e a divisão entre o Dó³ e o Dó^{#3} como aquela empregada nos demais lugares.

203 Também chamada de Registro, são régua de madeira que correm nas Corrediças. Cada Régua de Registro possui um orifício correspondente a cada Tubo do Registro sob o qual está colocada. As Corrediças ficam acima dos canais que estão sobre o Reservatório de Ar. Quando a Régua é deslocada, por meio dos Puxadores, permite a comunicação entre os Canais e os Tubos desse Registro. Ao ser pressionada a Tecla, a Válvula é aberta permitindo que o ar passe do Reservatório para o Canal de Nota, chegando então ao Tubo, fazendo este soar.

204 O título do documento apresenta: “Contrato feito pela venerável Ordem Terceira do Monte Carmello de Diamantina, e o Snr Anísio Santos para o concerto do órgão de sua propriedade, instalado na Igreja do Carmo de Diamantina - Maio de 1940”. Propriedade da Ordem do Carmo de Diamantina. Alínea d, p. 1.

205 Auxiliar de Anísio dos Santos, também trabalhava com afinação e reparos em pianos em Belo Horizonte.

206 Contrato feito pela Venerável Ordem Terceira do Monte Carmello de Diamantina, e o Snr Anísio Santos para o concerto do órgão de sua propriedade, instalado na Igreja do Carmo de Diamantina, 1940, p. 1.

contudo, encontrou-se uma tampa que, conjuntamente ao suporte do Teclado, forma uma “caixa” (FIG. 38).



Figura 38 - A Caixa do Teclado

Fonte: Acervo fotográfico do autor.

Os Foles²⁰⁷

Os Foles são responsáveis pela produção de ar para alimentar os Tubos. Embora existam vários tipos de Foles, este estudo se restringe apenas ao Fole de Cunha (Fole Diagonal), e ao Fole “reservatório e fole-alimentador” (*reservoir and feeder-bellows*).

Como anteriormente comentado, o Órgão do Carmo, ao longo de sua existência, passou por vários consertos. Os livros de despesas da Ordem do Carmo registram gastos frequentes com a reforma do Fole do Órgão, o que indica que já houve problemas desde a construção do instrumento. Existem registros de uma reforma dos Foles em 1808, realizada por Francisco Leonardo Ramos; e, de acordo com Mata Machado, outros consertos foram realizados em 1877 e outro em 1905, por F. Mastrolorenzo²⁰⁸.

Atualmente, não se pode determinar com exatidão o posicionamento dos Foles originais. Por conseguinte, aventam-se, no escopo deste trabalho, duas hipóteses, a saber:

1. Estariam eles colocados internamente na Caixa do instrumento?
2. Poderiam ser os Foles externos ao Órgão em uma “caza” com portas?

²⁰⁷ Existem os Foles de Cunha (Fole Diagonal), que são usados nos Órgãos desde o período medieval. Esses Foles têm as pregas internas. Os Foles de pregas paralelas ou Reservatório Horizontal surgiram no início do século XIX e tem pregas alternadas entre internas (prega padrão) e salientes.

²⁰⁸ MACHADO FILHO, 1980, p. 240.

Inusitadamente, existe uma abertura com duas portas embaixo do Teclado, onde provavelmente ficariam os Pedais dos Foles, que seriam acionados pelo organista, o que sustenta a hipótese 1.

Por outro lado, compete salientar que, no *Livro de Receita e Despesa* da Irmandade do Santíssimo Sacramento²⁰⁹, no período de 1788-1789, lê-se: “pg. [pagamento] de madeiras precisas p^a [para] a Caixa do Orgão²¹⁰ e Coro e Caza [casa] do fole”. Encontra-se, dentre os registros, uma citação de que a “caza” dos Foles possuía portas, pois os mesmos costumavam “fazer ruídos”. Nesse sentido, encontra-se, na Caixa do Órgão, à direita do Consolo, uma abertura lateral quadrada do tamanho de um Duto de Ar que atualmente está tapada. Sugere-se, assim, que, no Carmo, pode também ter existido uma *caza* dos Foles, o que reforçaria a hipótese 2. Se os Foles não eram internos, provavelmente estavam próximos, pois, do contrário, existiria, no Consolo, um Registro que acionava um sininho para avisar ao tocador de Foles o momento em que deveria bombear os Foles. Esse Registro pode ser encontrado em funcionamento no Órgão do Santuário do Caraça com o nome de Aviso e, no Órgão da Sé de Mariana, com o nome de Calcante (tecnicamente conhecido como Calcant ou Kalkant); atualmente desativado.

Curiosamente, não encontramos nos livros da Ordem do Carmo, antes de 1793, nenhum registro de pagamento de tocador de Fole²¹¹. O primeiro termo que trata da função data de 1805, quando foi contratado Francisco Costa Mor^a So, em substituição a Francisco João de Almeida.

Os Foles usados no século XVIII eram do tipo de Cunha, que produziam um “ar mais vivo”²¹², menos estável. A FIG. 39, a seguir, mostra um Fole de Cunha.

209 ARQUIVO DA MITRA ARQUIDIOCESANA DE DIAMANTINA. *Livro de receita e despesa da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Matriz de Santo Antonio*. – Matriz de Santo Antonio. Diamantina, (1773-1798), folha. 135.

210 Esse Órgão também foi construído por Padre Manuel de Almeida e Silva.

211 No Carmo, em todos os registros de pagamentos aos tocadores de Foles (foleiro), essa função era exercida pelo sacristão, que recebia um salário para tal atividade. Alguns organistas possuíam escravos que serviam como foleiros.

212 Esse termo, comumente utilizado pela organaria, se refere ao ar produzido pelos Foles, que não é constante (mais instável), em oposição ao ar produzido por motor elétrico (ventoinha), que é sempre constante (mais estável). O termo vivo é uma analogia à respiração humana.

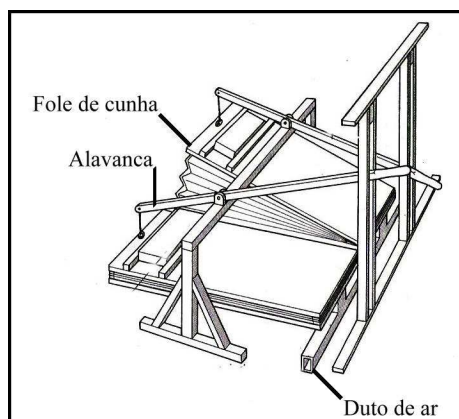


Figura 39 – O Fole de Cunha

Fonte: WILLIAMS; OWEN, 1988, p.21

Os Foles atuais do Órgão do Carmo são do tipo “Reservatório”²¹³ e Fole-alimentador²¹⁴” (*reservoir and feeder-bellows*)²¹⁵. Nesse sistema, o Fole-alimentador gera o ar que é bombeado para um reservatório maior, o qual fica na parte superior do conjunto. O Fole Alimentador e o Reservatório abrem em sentido contrário. Este reservatório tem a função de manter a estabilidade do ar. A FIG. 40, a seguir, apresenta o corte transversal desse tipo de Fole.

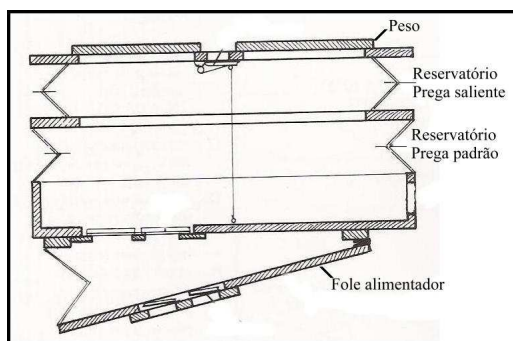


Figura 40 – Corte transversal do Fole do tipo Reservatório e Fole-alimentador

Fonte: PRAET, 1989, p. 97.

213 São Foles Horizontais ou Foles de Pregas Paralelas, que servem como reservatório de ar. Podem ter uma ou duas pregas. Os reservatórios de pregas duplas proporcionam maior capacidade e boa estabilidade.

214 São Foles em forma de cunha, também chamados de Bombas. Geralmente, são usados a partir de dois Foles.

215 WILLIAMS; OWEN, 1984, p. 21.

Na Inglaterra, esse sistema data aproximadamente do ano de 1762, sendo usual por volta de 1825 e adotado nos Estados Unidos até meados do século XIX. Várias maneiras de mover os Foles, sejam elas mecânicas ou elétricas, foram adotadas durante o século XIX²¹⁶. Somente por volta de 1890, os Foles foram substituídos pelo sistema de ventoinhas²¹⁷. A FIG. 41, a seguir, exemplifica todo o mecanismo desse sistema de Fole aplicado ao Órgão do Carmo.

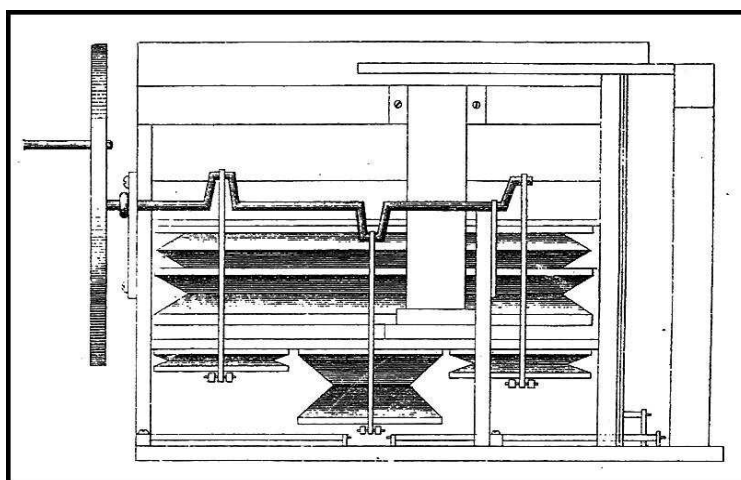


Figura 41 – Esquema do Fole similar ao do Órgão do Carmo
Fonte: RIEMANN, 1929, p. 113.

No Órgão encontrado em Diamantina, todavia, há algo inusitado: os Foles e o Reservatório estão completamente separados, e o Reservatório está invertido, abrindo para baixo. Molas helicoidais e feixes de molas de suspensão de veículos foram usados na parte inferior do Reservatório para manter a pressão, substituindo os pesos (pedras) utilizados no sistema convencional.

As figuras seguintes mostram detalhes dos Foles do Carmo. Na FIG. 42 observa-se o conjunto, com evidências de que, em algumas partes, a roldana e o Duto de Ar estão fora do lugar. Na FIG. 43, vêem-se os dois os Foles Alimentadores, e, na FIG. 44, retrata-se o Reservatório.

216 Foi um francês que aplicou pela primeira vez a eletricidade ao Órgão, em 1865.

217 WILLIAMS; OWEN, 1984, p. 21.



Figura 42 – O conjunto dos Foles atuais
Fonte: Acervo fotográfico do autor.



Figura 43 – Detalhe dos Foles e roldanas
Fonte: Acervo fotográfico do autor..



Figura 44 – Detalhe do Reservatório
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

Provavelmente na reforma de 1940, realizada por Anísio Santos e Eugênio Viana, foi instalado o motor elétrico para o acionamento do movimento dos Foles. Um sistema de rodas e roldanas foi usado para diminuir a velocidade do motor, como se pode verificar na FIG. 40. O posicionamento original do conjunto era paralelo ao atual. Sem o motor, o ar produzido era mais vivo (instável) como nos Foles de Cunha do século XVIII, pois eram movidos por alavancas. Com o uso do motor, o movimento dos Foles ficou mais constante e, provavelmente, pode ter tornado o ar mais estável.

2.1 O ÓRGÃO DE DIAMANTINA O OS INSTRUMENTOS PORTUGUESES DA REGIÃO DE BRAGA

Em pesquisa realizada em Vila Verde (Distrito de Braga), ao norte de Portugal em maio de 2006, foram encontrados, no escopo deste trabalho, dois Órgãos similares ao de Diamantina, tanto na feitura de suas Caixas como no Mecanismo e no conjunto de Registros. Esses instrumentos pertencentes ao mesmo período do Órgão do Carmo e de construtores desconhecidos estão localizados nas Freguesias de Duas Igrejas²¹⁸ e de Pico de Regalados²¹⁹. Ambos serviram como ponto de partida para as pesquisas na área técnica de construção histórica, pois, até então, não havia nenhum instrumento como referência.

Para exemplificar, estão demonstradas, nas figuras a seguir, as semelhanças externas entre os Órgãos da região de Braga e o instrumento brasileiro sob escrutínio. Apresentam-se, inicialmente, as Fachadas do Órgão de Diamantina e de Pico de Regalados (FIG. 45a e FIG 45b) e, em seguida, os Consolos de Diamantina e de Duas Igrejas (FIG. 45c e FIG. 45d).

218 O Órgão de Duas Igrejas funciona em estado muito precário, com seu Fole original. Em 2006 existia um projeto restauração desse instrumento.

219 Esse instrumento foi restaurado pelo organeiro Antonio Simões, em 2001.

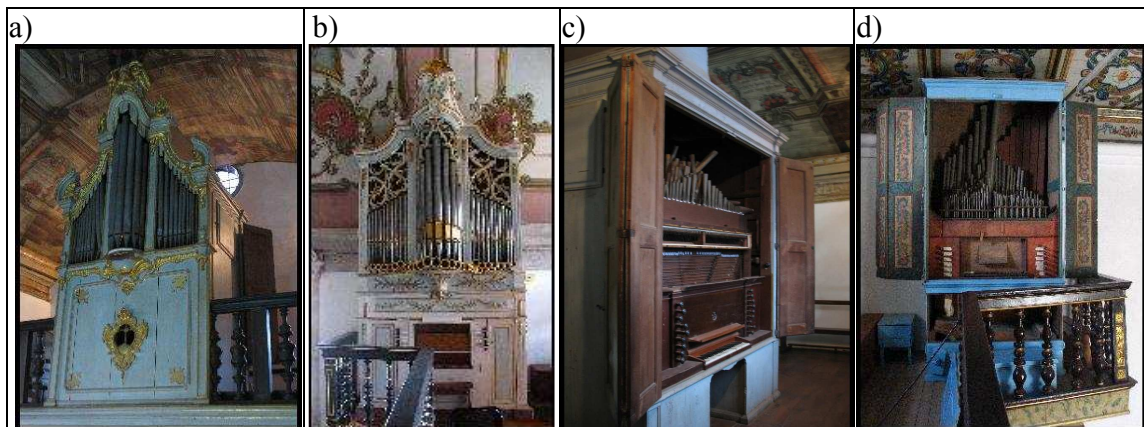


Figura 45 - Um paralelo entre as Caixas e os Consolos dos Órgãos de Diamantina e dos portugueses

- a) Diamantina (Fachada)
- b) Pico de Regalados (Fachada)
- c) Diamantina (Consolo)
- d) Duas Igrejas (Consolo)

Fonte: Acervo fotográfico do autor.

Eduardo Pires de Oliveira²²⁰ afirma que: “não podemos considerar as semelhanças somente pelas Caixas, mas pelos Mecanismos e Tubaria”. No entanto, foi muito comum a circulação – naquela época na Capitania de Minas Gerais – de coletâneas de ilustrações de Caixas de Órgãos que os mestres de talha usavam na confecção das Caixas. Sendo assim, era possível haver Órgãos semelhantes, mas com partes fônicas e mecânicas diferentes²²¹.

Comparando-se os Manuais (FIG. 46), percebe-se que no Órgão de Diamantina: não possui Oitava Curta²²², tem uma extensão de cinco oitavas e o Manual começa por um FF (Fá¹).

220 Eduardo Pires de Oliveira é pesquisador e historiador. Técnico da Biblioteca Pública de Braga / Universidade do Minho, Investigador no domínio da história local e da arte barroca e rococó luso-brasileira. Autor de mais de uma centena de livros e artigos em revistas científicas.

221 OLIVEIRA, Eduardo Pires. Braga, Portugal. 03 maio 2006. Telefone. Entrevista concedida a Handel Cecilio Pinto da Silva.

222 É aquela encontrada na primeira oitava dos Órgãos antigos até meados do século XVIII. Tem razões na economia de material, pois os Tubos mais graves são maiores e gastam mais em sua fabricação. A forma mais usada é: a Tecla Mi¹ soando como Dó¹; o Fá^{1#}, como Ré¹; e o Sol^{1#}, como Mi¹. As notas Fá¹, Sol¹, Lá¹, Si^{1b} e Si¹ não se alteram.

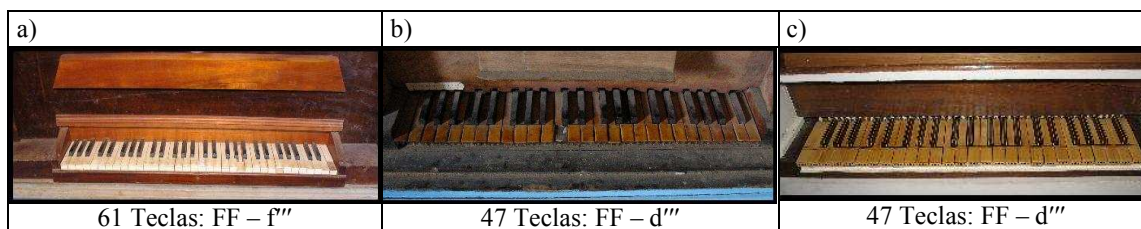


Figura 46 - Um paralelo dos Teclados dos Órgãos de Diamantina e dos portugueses

- a) Igreja do Carmo (Diamantina)
- b) Duas Igrejas (Portugal)
- c) Pico de Regalados (Portugal)

Fonte: Acervo fotográfico do autor.

Os organeiros portugueses que se deslocaram para a região das Minas provavelmente eram oriundos, em sua maior parte, do norte de Portugal, que estava sob a jurisdição do Arcebispado de Braga. A partir do século XVIII, foi grande a imigração de artífices da região do Minho para o Brasil ao ponto de a Coroa portuguesa ter que controlar a saída por meio da requisição de passaportes²²³. Isso talvez justifique a semelhança estética e técnica entre os Órgãos dessa região com o instrumento em estudo.

O Quadro 3 apresenta os Registros dos Órgãos portugueses e do Órgão brasileiro sob escrutínio, no intuito de se tentar determinar uma provável relação com os Registros do Órgão de Diamantina.

Duas Igrejas	Pico de Regalados	Diamantina ²²⁴
Tiples Cheio a 3 vozes Dezanovena Composta Quinzena – 15 ^a Flautado de 6 (8 ^a real) Flautado de 12 Bordão	Tiples Clarim Cheio 3 F Cornetilha Dozena Oitava Real Fl. 12 AB ⁰	Tiples e Baixos Tapado 6' (pés) Aberto Madeira 6' Principal 6' (Grave) – (Fachada) Principal (Flauta) 3'
Baixos Clarín (palheta) Cheio a 3 vozes Dozena Composta Oitava Real Flautado de 12 Aberto Tapadilho	Baixos Trombeta Batalha Cheio 4F Dezanovena Quinzena Oitava Real Fl. 12 TAP	Primeiro Principal 1½' (Composto) Segundo Principal 1½' (Composto) Terceiro Principal 1½' (Composto) Quarto Principal 1½' (Composto) Palheta (Surdo) 12'

Quadro 3 - Registros dos Órgãos de Pico de regalados, Duas Igrejas e Diamantina.

223 OLIVEIRA, Eduardo Pires. Braga, Portugal. 03 maio 2006. Telefone. Entrevista concedida a Handel Cecilio Pinto da Silva. Segundo fontes do IBGE, 600.000 portugueses imigraram para o Brasil entre 1701 e 1760.

224 Adota-se aqui a registoção segundo Guy Bovet (1988) por ela estar de acordo com o que é afirmado neste trabalho. Como visto anteriormente, os Registros são idênticos em ambos os lados do Teclado.

Fazendo-se, novamente, uma comparação quanto aos Mecanismos dos Órgãos portugueses citados, percebe-se que são idênticos ao instrumento do Carmo em toda a estrutura. Os Mecanismos dos Puxadores de Registro, os Teclados divididos, os Someiros e até pequenos detalhes, como a Tranca em ferro batido que servem para fechar o Reservatório de Ar do Someiro, guardam grandes semelhanças.

2.1 A REFORMA DE 1940

Em fevereiro de 1940, incentivado por Assis Alves Horta²²⁵, Anísio dos Santos,²²⁶ auxiliado por Eugênio Vianna, propõe um orçamento (*cf.* ANEXO B, p. 145) de reforma geral do Órgão (mudo há 30 anos) à Ordem do Carmo em Diamantina. Aceita a proposta, foi firmado o contrato em 21 de maio daquele ano (*cf.* ANEXO B, p. 139), e, ao final do mesmo mês, começaram os serviços de reparo, que somente terminaram em 30 de outubro. A conclusão, a entrega e a vistoria da reforma se deram no dia 5 de novembro daquele mesmo ano. O Órgão do Carmo funcionou até o ano de 1958, ficando sem condições de uso até os dias de hoje.

Lendo-se e analisando-se o orçamento, o contrato, os laudos de vistoria da execução dos serviços, as cartas e os recibos relativos à reforma e também investigando-se o próprio instrumento, várias dúvidas surgiram ao longo do presente estudo. Dentre elas destacam-se:

- Alguns Tubos foram cortados, perdendo o diapasão original. Por exemplo, os Registros da Composta, que foram todos igualados na mesma altura: 1 1/2';
- Foram empregados alguns materiais que jamais poderiam ter sido utilizados na reparação de um Órgão, como papelão e barbante para completar e afinar os Tubos, como se pode verificar na FIG. 47.

225 Acompanhou toda a reforma e foi nomeado em contrato por Anísio dos Santos como seu representante ou fiscal durante o período dos cinco anos da garantia.

226 Segundo comentário feito em uma das cartas do conjunto de documentos da reforma de 1940, Anísio dos Santos havia reformado, na Bahia, o Órgão da Igreja da Conceição da Praia, em Salvador.



Figura 47 – Os complementos de papelão e barbante
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

- A solda da grande maioria dos Tubos foi refeita grosseiramente, sem ter recebido um bom acabamento. Em alguns dos Tubos, foi feita solda sem aparente necessidade, talvez para justificar o orçamento proposto. Em outros, a solda assemelha-se a um “quelóide”. Além disso, há casos em que foram realizadas soldas bem-feitas nos anéis de metal para prolongar o Tubo, abaixando sua afinação. Não se sabe, contudo, em qual dos consertos pelos quais passou esse trabalho foi realizado, mas acredita-se que elas não ocorreram em 1940;
- Segundo o orçamento, o Órgão era composto por 12 Registros e um total de 732 Tubos²²⁷, mas, atualmente, existem nove Registros e 549 Tubos.

No que se refere ao último item apontado anteriormente, nota-se que a Caixa e o Someiro do Órgão do Carmo comportam exatamente a quantidade de Tubos presente no referido contrato, 549 Tubos. Em um dos documentos contratuais, consta: “Reconstrução da caixa externa [do Órgão] corrigindo os rachões, fendas etc que sejam prejudiciais aos sons; recomposição [...] não tocando na pintura frontal da citada caixa”²²⁸. Poder-se-ia considerar que a Caixa do instrumento era maior e, na intervenção, foi reduzida e que seu

²²⁷ Essa mesma quantidade de Tubos e Registros é confirmada em laudo do responsável pela vistoria do serviço.

²²⁸ Propriedade da Ordem do Carmo de Diamantina Opus citatum. Alínea a, p. 1.

Someiro foi modificado; diminuindo para nove o número de seus Registros. Contudo, Assis Horta nos afirmou que o Órgão sempre teve nove Registros e 549 Tubos e declarou ainda que, no fechamento do contrato, aqueles números não foram conferidos, de modo que simplesmente se confiou no levantamento feito por Anísio dos Santos.

2.1 A REALIDADE DOS TUBOS NO ÓRGÃO DE DIAMANTINA

O Órgão de Tubos de Diamantina é um instrumento com características bem peculiares – muitas delas, verdadeiras incógnitas a serem desvendadas, sendo que essa tarefa é dificultada pela falta de informações gerada em função dos poucos registros técnicos dos consertos realizados no Órgão.

Quanto aos Tubos de madeira de Diamantina, constata-se que são de boa manufatura e uniformes. Possivelmente, foram aplainados, perdendo a aparência rústica que tiveram anteriormente. Os Tubos de madeira abertos têm assinaturas que podem, possivelmente, ser atribuídas aos membros da Ordem do Carmo que contribuíram com esmolas (ofertas) para o pagamento da construção do Órgão. Muitos Tubos foram atacados por cupins²²⁹ em seus pés, que aparentam ser de um tipo de madeira diferente da usada no corpo, o cedro cheiroso.

O material atual dos sete Tubos da Torre Central da Fachada é de zinco. Em um deles, encontra-se um carimbo com as seguintes inscrições: VIEILLE * MONTAGNE * LIÉGE – 9 T (FIG. 48). A mina belga de zinco *Vieille Montagne*²³⁰ foi aberta em 1805 e produziu chapas de zinco até seu fechamento em 1885. Considerando-se as datas anteriormente citadas, pode-se deduzir que esses Tubos provavelmente foram trocados em dos consertos realizados no século XIX. Supõe-se que tenha ocorrido, mais especificamente, no período compreendido entre os anos de 1838-1839.

229 A própria caixa do Órgão está seriamente comprometida por esses mesmos insetos.

230 Essa mina se localizava na cidade de *Kemis*, que fica entre *Liège* e *Aachen* na Bélgica.



Figura 48 - Carimbo Vieille Montagne encontrado no Tubo
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

Em agosto de 2004, quando da realização do levantamento sobre o Órgão de Diamantina para o projeto de restauro pela Associação Amigos do Órgão Lobo de Mesquita – AAOLM, foi possível perceber que alguns dos Tubos de metal eram bastante maleáveis. O material empregado não tinha a mesma resistência mecânica de uma boa liga de chumbo e estanho²³¹, ou mesmo de chumbo e cobre. Parecia claro que os Tubos eram de liga com pouca proporção de estanho e muito de chumbo, o que não era comum para a estética da época²³² da construção desse instrumento. No entanto, os livros de despesas da Ordem citam a compra das mesmas quantidades ou proporções de chumbo e estanho para a construção do Órgão, mas no período de 1838-1839²³³.

Em alguns Tubos existem algumas inscrições antigas (códigos e numerações), as quais aparentam ser do século XVIII. Em outros, nada além de números (inscrição 225, como exibido na FIG. 49) de uma ordem que aparentemente não faz sentido, considerando-se que existem exatamente 61 Tubos por Fileira, correspondentes à extensão do Teclado.

231 A liga de chumbo com estanho também é conhecida como metal de Órgão.

232 No período romântico, a sua proporção podia variar, havendo mais chumbo que estanho na liga.

233 *Livro 2 de despeza da Ordem do Carmo*, folha 151.



Figura 49 – Inscrição numérica nos Tubos

Fonte: Acervo fotográfico do autor.

Em recente pesquisa investigativa (2007), foi conduzida, também no escopo deste trabalho, uma busca minuciosa e criteriosa em todos os Tubos do Órgão de Diamantina. Foi feito um novo levantamento sobre a Tubaria do instrumento desde as Palhetas²³⁴ aos Tubos da fachada. Verificou-se que, em seu aspecto geral, os Tubos de metal desse instrumento são muito diferentes entre si, mesmo dentro de uma mesma Fileira de Registros. Não existe uniformidade, principalmente no material ou na liga utilizada, sendo as texturas as mais diversas. Vários Tubos estão danificados: a solda em alguns tem bom acabamento; em outros, não. De certo modo, aparentam ser originários de instrumentos nada semelhantes.

O mais impressionante de tudo, entretanto, foi a identificação de algo incomum em vários Tubos. Alguns deles tinham o Corpo do Tubo bastante maleável e o Pé do Tubo bastante rijo e, em outros, constatava-se exatamente o inverso, indicando que as ligas são diferentes. Estava claro que eram os resultados da junção das partes de dois Tubos de textura e construção distintas.

234 Nesse novo levantamento, constatou-se que os Blocos das Palhetas (base do corpo ressonador) ou foram substituídos ou polidos por máquina industrial.

Em um dos Tubos era de uma liga tão estranha que parecia ter sido feito de uma espécie de folha de flandres mais espessa. Seu manuseio requer muito cuidado, pois pode ser amassado com extrema facilidade. Esse Tubo é completamente diferente dos demais.

Curt Lange (1956) narra: “Pelo visto, é de liga bastante rica em estanho e a qualidade das soldas é correta. Os Tubos de madeira são de boa qualidade”²³⁵. Contudo, pode-se indagar quais os critérios levou Lange a tal afirmação, considerando-se a realidade dos Tubos hoje ali existentes. Imagina-se que ele não tenha examinado todos os Tubos e que realmente não tenha se aprofundado na análise do Órgão. Segundo relato de Assis Horta em entrevista²³⁶, “Lange ficou na igreja, em sua companhia, por apenas cinco dias”²³⁷.

A qualidade de fabricação ou o material utilizado nos Tubos difere de um padrão adequado. O próprio peso do Tubo provoca seu envergamento. Devido a isso, a maioria dos Tubos não consegue ficar em posição vertical, precisando ser sempre consertados. No período de 1791-1792, o *Livro N. 2 de Despesa* da Ordem do Carmo já registrava: “[...] soldar os canudos do órgão e endireitá-los”, o que demonstra a existência de problemas nas emendas dos Tubos e também a dificuldade de os mesmos permanecerem em pé, em virtude da liga aplicada. No mesmo livro, em 1838-1839, novamente houve outra intervenção nos Tubos, havendo necessidade de compra de chumbo e estanho²³⁸ na mesma proporção (1/4 de arroba), como se pode verificar na TAB. 3.

Segundo lançamentos registrados nos livros de despesas livros da Ordem do Carmo e conforme de pode constatar no instrumento atualmente, os Foles sempre foram

235 Documento datilografado por Curt Lange intitulado "Arraial do Tejuco". Arquivo Curt Lange da UFMG - Código 10.7.002.003.

236 Ele forneceu a Curt Lange toda a sua vasta pesquisa nos livros da Ordem do Carmo e contribuiu com cópias desses mesmos livros.

237 HORTA, Assis Alves. Belo Horizonte, Minas Gerais. 4 maio 2007. Gravador digital. Entrevista concedida a Handel Cecilio Pinto da Silva.

238 Considera-se, no escopo deste trabalho, que este instrumento foi todo construído em terras brasileiras, mas não se pode afirmar se o chumbo e o estanho utilizados vieram de Portugal ou se foram extraídos do solo brasileiro. Materiais de grande peso e volume não eram transportados até aquela região devido às dificuldades dos caminhos, sobretudo em termos de distância e serras íngremes. Durante o século XVIII, as extrações estavam voltadas para a exploração do ouro e diamante, mas havia, no Brasil, a extração de chumbo. Tem-se o relato do viajante George Wilhelm Freyreiss ([1819] 1982), que esteve no Brasil em 1814, acerca da exploração de chumbo pela Real Fábrica de Chumbo, que ficava na região da cidade de Abaeté, a 260 km de Diamantina. Essa mina havia sido descoberta por volta de 1794. Em Minas Gerais, encontram-se as maiores jazidas desse mineral no Brasil.

considerados o grande problema do Órgão do Carmo, incluindo em sua última intervenção, em 1940. De fato, esse era o mais constante, mas não o único. Em 1791, apenas quatro anos após sua inauguração, os Tubos (Canudos) estavam tortos e necessitavam que suas soldas fossem refeitas. O TAB. 3, a seguir, apresenta um levantamento dos serviços de manutenção nos Foles e nos Tubos que comprova essa afirmação a respeito dos diversos tipos de problemas apresentados pelo instrumento sob escrutínio.

Tabela 3 – Consertos realizados no Órgão do Carmo no período de 1785 a 1839.

Data	Manutenção nos Foles	Manutenção nos Tubos de metal
1785-1786	19 Pelicas para conserto	—
1789-1790	Couro de viado e mais aviamentos para o conserto	—
1791-1792	Couro de veado para a corda dos Foles	Soldar e endireitar os Canudos
1792-1793	Couros de veado para conserto dos Foles	—
1798-1799	Couro de veado para o conserto dos Foles	—
1803-1804	Dois couros de viado para o conserto dos Foles	—
1804-1805	Pele de pelica para o conserto dos Foles	—
1806-1807	Reforma dos Foles por Francisco Leonardo Ramos	—
1811-1812	—	Afinação do Órgão por Fran ^{co} Leonardo Ramos
1815-1816	Conserto do Órgão: Francisco Leonardo	Conserto do Órgão: Francisco Leonardo
1817-1818	Conserto do Órgão: Francisco Leonardo	Conserto do Órgão: Francisco Leonardo
1824-1825	Conserto do Órgão: Francisco Leonardo	Conserto do Órgão: Francisco Leonardo
1826-1827	Conserto dos Foles	—
1826-1827	Pele de camurça para conserto dos Foles	Conserto do Órgão: Francisco Leonardo
1838-1839	Seis peles de pelica para o conserto dos Foles	Estanho e chumbo para os Tubos ²³⁹

Fonte: Arquivos da Ordem do Carmo de Diamantina, *Livro 2 da Despeza* (1784-1856).

A seguir, na FIG. 50, apresenta um dos recibos assinados por Francisco Leonardo Ramos em 1807, referente à reforma dos Foles.

239 Nessa reforma, foi feita a limpeza do Órgão e, provavelmente, dos Tubos, como era prática.

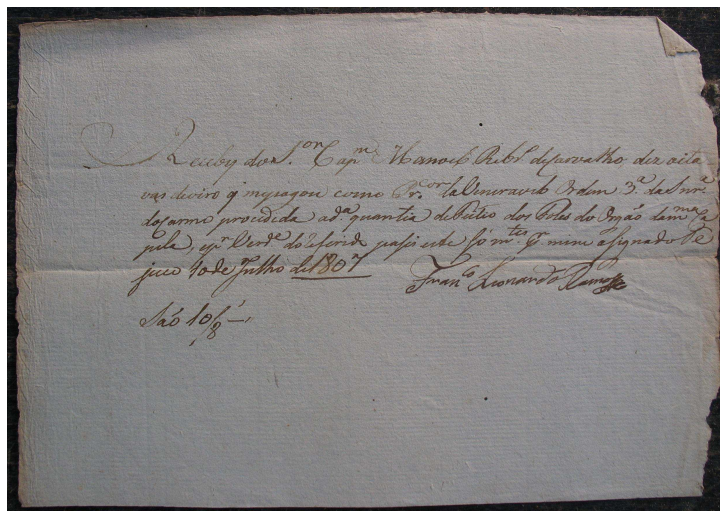


Figura 50 – Recibo assinado por Francisco Leonardo Ramos
Fonte: Recibos avulsos dos Arquivos da Ordem do Carmo de Diamantina
 (acervo fotográfico do autor).

Encontrou-se, durante a realização das pesquisas nos arquivos da Ordem do Carmo, o recibo do pagamento de um organeiro até então desconhecido, ilustrado na FIG. 51, a seguir.

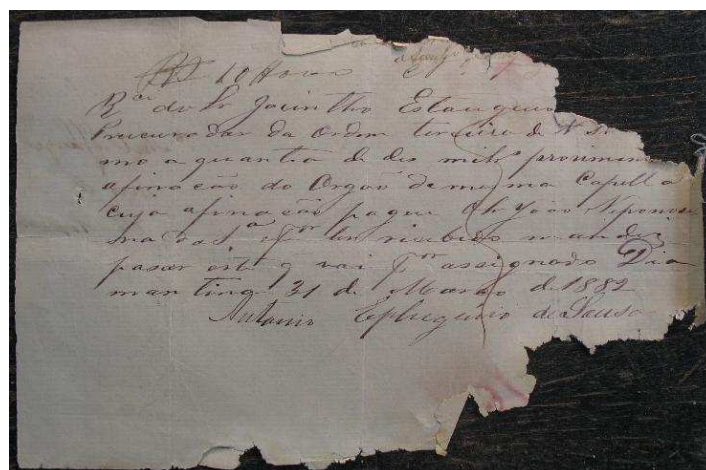


Figura 51 – Recibo assinado por Antonio Ephigênio de Sousa
Fonte: Recibos avulsos dos Arquivos da Ordem do Carmo de Diamantina
 (acervo fotográfico do autor).

Trata-se de um recibo a Antonio Ephigênio de Sousa datado de 31 de março de 1882, referente à afinação do Órgão.

CAPÍTULO III: O ÓRGÃO DA IGREJA MATRIZ DE CÓRREGOS

Fundado por bandeirantes em 1702, o Distrito de Córregos pertenceu ao Serro até o ano de 1851, quando passou a ser distrito de Conceição do Mato Dentro. Situado em um vale de difícil acesso, o arraial surgiu como núcleo de mineração de ouro e diamante. É uma das cidades históricas às margens da Estrada Real²⁴⁰ e integrante do Circuito do Ouro e dos Diamantes, possuindo, atualmente, parte de seu casario colonial nas poucas ruas em volta da Praça da Matriz. Em 1826, Córregos tinha uma população de 821 pessoas. Atualmente, sua população é de aproximadamente 200 habitantes, que se mantêm com a atividade agrícola ou trabalhando em Conceição do Mato Dentro. Tradicionalmente religioso, esse distrito preserva até hoje os seus eventos.

Em 1745, por sugestão do Bispo Dom Frei João da Cruz, foi construída uma nova Capela em Córregos, o que demonstra a existência de uma edificação anterior. A Matriz de Nossa Senhora Aparecida (FIG. 52) foi reconstruída em 1872 e 1956, recebendo esse nome por causa da lenda de que a imagem da Santa aparecera no local.



Figura 52 – A Matriz de Córregos
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

240 A Estrada Real ligava Diamantina ao litoral (Paraty e Rio de Janeiro), passando por todas as cidades do Circuito do Ouro e dos Diamantes. O termo Estrada Real se refere aos caminhos trilhados pelos colonizadores desde a descoberta do ouro em Minas Gerais até o período de sua exaustão. Eram as únicas vias autorizadas de acesso à região das reservas auríferas e diamantíferas da Capitania de Minas Gerais. Os caminhos reais adquiriram, já a partir da sua abertura, natureza oficial. A circulação de pessoas, mercadorias, ouro e diamante eram obrigatoriamente feitos por eles, constituindo crime de lesa-majestade a abertura de novos caminhos.

A estrutura da Matriz é toda feita em adobe e madeira e é um monumento tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG.

Somente uma quantidade abundante de ouro e diamantes poderia justificar uma igreja do porte da Matriz de Córregos em um povoado tão pequeno, e, conseqüentemente, uma atividade musical muito intensa. A existência de um Órgão de Tubos que, segundo depoimentos e evidências, possuía pedras preciosas em seus Puxadores de Registros se deve à riqueza advinda dessa mineração.

John Mawe, quando de sua estada em Córregos, comenta que a casa do Capitão Bom Jardim, onde se hospedou, mostrava sinais de antiga opulência. O capitão era natural do Porto e morava naquele distrito há sessenta e dois anos. Fora atraído pelos ricos tesouros pelos quais o Distrito de Córregos era conhecido, mas chegou dois ou três anos atrasado. Considerando-se que John Mawe passou pela região por volta de 1808, o período de riqueza daquela cidade deve ter acabado por volta de 1746²⁴¹.

Não se sabe ao certo quem foi o construtor do instrumento de Córregos. No início desta pesquisa, acreditava-se que teria sido obra de Padre Manuel de Almeida e Silva. Todavia, comparando-se as faturas de ambos os instrumentos (Diamantina e Córregos), pode-se notar que são de construtores diferentes.

O Órgão de Córregos tem características do século XVIII tardio, sendo uma delas o fato de não ter oitava curta²⁴². Sendo assim, esse instrumento é de época de construção posterior ao de Diamantina (1782-1787). Não foi possível fazer um levantamento histórico do instrumento de Córregos, pois muitos livros da Igreja Matriz estão desaparecidos. Suspeita-se que esse Órgão seja manufatura de Francisco Leonardo Ramos, organeiro que consertou o Órgão de Diamantina no início do século XIX. Existe uma assinatura ainda não-identificada em um dos Tubos de metal com a mesma caligrafia das inscrições dos Tubos e, aparentemente, com o primeiro nome de “Francisco” (FIG. 53).

241 MAWE, 1978, p.149.

242 A Oitava Curta persiste em muitas áreas até aproximadamente 1840.



Figura 53 – Possível assinatura de Francisco Leonardo Ramos

Fonte: Acervo fotográfico do autor.

O Órgão está localizado ao centro do coro, em uma forma de posicionamento conhecida como Órgão de balaustrada, como se pode observar na figura a seguir.



Figura 54 - Fachada e Consolo do Órgão de Córregos

Fonte: Acervo fotográfico do autor.

A Fachada desse Órgão (FIG. 55), cuja forma de disposição é conhecida como Fachada de Nicho Lateral, é constituída por uma Torre Central semicircular composta por sete Tubos Mudos²⁴³ e dois Nichos Laterais retangulares, onde, de acordo com o Someiro do Registro Principal²⁴⁴, ficavam dois grupos de oito Tubos de metal em cada um deles.

243 Neste caso, esses Tubos, na realidade, são meio-tubos. Não é um cilindro completo.

244 Esse Órgão possui dois Someiros: um Someiro do instrumento, e outro para o Principal, que fica sobreposto ao Someiro principal do instrumento (dos demais Registros).



Figura 55 - Fachada do Órgão de Córregos
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

A Caixa do Órgão tem como dimensões: 3,80 m de altura, 1,98 m de comprimento e 1,02 m de profundidade. O Teclado, em gaveta, fica a 1,50 m do piso. Os Tubos estão protegidos por duas janelas: uma de treliça e outra externa, toda fechada. A pintura interna da Caixa, mais antiga, aparenta ser original; em contrapartida, a pintura externa é recente e foi realizada por Alexandre José de Assis²⁴⁵, no ano de 2007, a pedido do pároco da Matriz. Para o organista se posicionar adequadamente, segundo depoimentos dos atuais moradores de Córregos, existia um banco bastante alto e fora dos padrões, com o seu assento inclinado para frente.

Pode-se resumir as características gerais do Órgão do Distrito de Córregos aos seguintes pontos:

- Possuía 329 Tubos Sonantes, de acordo com os orifícios em seu Someiro, dos quais 235 eram de metal²⁴⁶ (cilíndricos) e 94 são de madeira. Seu Teclado tem 47 notas²⁴⁷, sem Oitava Curta, começando pelo Dó¹ até o Si^{b4};

245 Membro da Comissão de Patrimônio Histórico de Conceição do Mato Dentro. É responsável pela manutenção do patrimônio histórico da Matriz de Conceição do Mato Dentro e de toda a região. Acompanhou os estudos *in loco* realizados junto ao Órgão da Matriz de Córregos.

246 Nesse Órgão, todos os Tubos de metal são cilíndricos e têm os Lábios redondos.

247 Os Órgãos ibéricos históricos têm 45, 47 ou 54 notas.

- Registros Partidos em número de 14, distribuídos em dois Quadros de Registros, em forma de flor, com sete Puxadores de Registro;
- A divisão do Teclado, constatada por meio das Régua de Registro que estão originalmente partidas entre o Lá² e o Si^{b2} ²⁴⁸;
- O padrão de distribuição cromática dos Tubos no Someiro segue a sequência natural das oitavas e tem correspondência direta ao Teclado. Pode-se, assim, entender que os Registros são realmente partidos ou Meio-registros;
- As Teclas brancas, de modo não tradicional, são cobertas por peles de animais, ²⁴⁹ e as Teclas pretas são feitas em braúna ou jacarandá;
- O Reservatório de Ar atualmente não é dividido, tem a mesma profundidade do Someiro ²⁵⁰ e possui apenas uma entrada de ar;
- As Válvulas dos Canais no Someiro aparentam ser originais;
- O Órgão tem base 4' (quatro pés). Considerando-se os dois maiores Tubos sobreviventes encontrados no instrumento (com aproximadamente 1,22 m), pôde-se chegar a essa conclusão;
- O Órgão de Córregos também possui um Óculo, tal qual o de Diamantina;
- O Fole é único e interno, em forma de cunha, com múltiplas pregas e se localiza na parte inferior interna da Caixa. Como pode ser visto na FIG. 56, a Alavanca do Fole é lateral e se situa à esquerda do Consolo.

248 Encontramos apenas uma referência de outro Órgão com a mesma divisão de Teclado. Trata-se Opus 367 do renomado construtor italiano Gaetano Gallido (1727-1813), pertencente à escola veneziana de organaria. Este Órgão foi construído entre os anos de 1797-1799 para a igreja de Santa Maria Assunta em Candide (Itália) (WILLIAMS, 1968, p. 244).

249 Provavelmente essas peles são de veados caçados na região.

250 O Someiro do Órgão de Córregos tem como dimensões: 0,20 cm de altura, 0,65 cm de profundidade e 170 cm de largura.



Figura 56 - O Fole interno do Órgão de Córregos
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

A figura a seguir mostra o conjunto formado pelo Consolo, com seu Teclado de Gaveta, a Tábua de Redução²⁵¹, o Óculo, o Someiro (com o Reservatório de Ar aberto) e o lado interno da Caixa que abrigava os Tubos.



Figura 57 – O Consolo, o Someiro e o interior da Caixa
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

251 O mesmo que Redução, Painel de Redução, Tábua de Molinetes ou Quadro de Redução. É o Mecanismo de comunicação que faz a transferência do movimento da Tecla até a Válvula do Canal de Nota correspondente no Someiro, fazendo que essa seja aberta. É composta pela Tábua, Molinetes e Vareta (em alguns Órgãos é usado arames).

A TAB. 4 mostra as dimensões dos maiores Tubos de metal e de madeira encontrados no Órgão de Córregos.

Tabela 4 - Medidas dos Tubos maiores encontrados.

Material do Tubo	Medida do Corpo	Medida do Pé	Dimensões
Metal (chumbo e cobre) ²⁵²	1,22 m	0,17 m	Diâmetro: 8 cm
Madeira (cedro cheiroso)	1,22 m	0,13 m	Largura: 7 cm ²⁵³

Quanto à situação atual da Tubaria do instrumento de Córregos, constata-se os seguintes aspectos:

- Do total de 329 Tubos que este Órgão possuía, aproximadamente 118 Tubos remanescentes estão íntegros, correspondendo a 35% da quantidade original. Desses, 66 são de madeira, 33 são de metal, e há uma Palheta. Os restantes, danificados, podem ser recuperados, e existem muitas partes de Tubos soltas;
- Dos Tubos de Palheta, possivelmente um 4' (pés): uma está completa, duas estão danificadas, há várias partes avulsas das demais, e muitas delas desapareceram por completo, são internas e verticais, trata-se de uma Trompeta Real (Trombeta Real);
- Dos quatro Registros de metal, verifica-se que os Tubos são bem torneados e de uma liga com maior porcentagem de cobre e menor proporção de chumbo²⁵⁴. Soprando os Tubos, constata-se que a sonoridade é brilhante, penetrante e mordente; como é próprio dessa liga. As soldas são todas bem feitas, com um acabamento muito bom, e foram limadas, dando uniformidade à peça. Pode-se afirmar que os Tubos são de extrema qualidade de manufatura, conforme pode ser atestado na figura a seguir.

252 Segundo Luiz L. Henrique (2002), em seu livro *Acústica musical*, o cobre é usado em ligas nos Tubos dos Órgãos ibéricos, principalmente nos conhecidos como *en chamade*.

253 A largura e profundidade dos Tubos de madeira de Córregos são iguais.

254 Esses dados são os resultados de análises realizadas nos laboratórios do Instituto de Química da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em junho de 2007.



Figura 58 – Detalhe da solda do Tubo
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

Além disso, verifica-se que o pé do Tubo é curto, como é próprio da estética da época de construção do instrumento;

- Dois Registros são de madeira de cedro cheiroso: um aberto e outro tapado. São muito bem construídos, com cortes das peças bem precisos e proporcionando um perfeito encaixe entre elas. O acabamento externo é rústico.

Não foi encontrada nenhuma indicação do nome dos Registros. Para o Mecanismo dos Puxadores de Registro até as Réguas, foi usado ferro batido. Na FIG. 59, pode-se ver a distribuição, em forma de flor, dos Tirantes no Quadro de Registros. A ordem seqüencial não obedece a uma ordenação lógica aparentemente. Contudo, o Registro de número 1, corresponde aos Tubos do Principal; o de número 2, aos Tubos de madeira (tapados); o de número 3, aos Tubos de madeira (abertos); os de número 4 a 6, aos de metal; e o de número 7, às Palhetas. Para o Mecanismo dos Puxadores de Registro até as Réguas de Registro, foi usado ferro batido. Segundo os atuais habitantes de Córregos, em cada Botão de Registro havia uma pedra preciosa (diamante ou água-marinha) incrustada.



Figura 59 – Quadro de Registros do lado dos Baixos e dos Típles

Fonte: Acervo fotográfico do autor.

No Quadro 4, pode-se visualizar, de forma sistematizada, a correspondência do Puxador de Registro, a Fileiras de Registro no Someiro e a altura de cada Registro.

Número do Puxador	Fileira de Registro	Altura do Registro
1	Tubos de Fachada de metal	4'
2	Tubos de madeira tapados	Em estudo
3	Tubos de madeira abertos	4'
4	Tubos de metal	Em estudo
5	Tubos de metal	Em estudo
6	Tubos de metal	Em estudo
7	Palhetas - Verticais	4'

Quadro 4 - Disposição dos Registros no Someiro do Órgão de Córregos.

Constataram-se Quebras de Fileiras²⁵⁵ nos Registros 4, 5, e 6, os quais retornam em diferentes alturas da escala, claramente identificada por meio do Contra-someiro²⁵⁶. O Registro 4 retorna (Quebra de Fileira) entre o Lá³ e o Si^{b3}; o Registro 5, entre o Ré³ e o Mi^{b3}; e o Registro 6, entre o Si² e o Dó³. Em todas as Fileiras de Registro, as Régua de

²⁵⁵ Em alguns Registros de Composta (Mixturas ou Lleno), na medida em que a escala ascende, é necessário retornar periodicamente em determinada altura. Esse procedimento conhecido como quebra de Fileira ou quebra de composição é necessário para se evitar a construção de Tubos muito pequenos, cujas notas são muito agudas e praticamente inaudíveis.

²⁵⁶ Ele é também chamado de Panderete ou de Suporte dos Tubos. Tem como função apoiar o pé dos Tubos no Someiro. Nesse suporte de madeira, há um orifício com o diâmetro adequado ao encaixe de cada Tubo. Existe uma peça para cada Fileira ou para cada Mixtura.

Registro são idênticas, mantendo a partição entre o Lá² e o Si^{b2}. A princípio, não se compreendia a razão de esses Registros reiniciarem em notas diferentes da Partição do Teclado. Portanto, possivelmente os Registros 4, 5 e 6 constituem uma Composta ou Mixtura.

Em todos os Tubos de metal, existem inscrições – possivelmente de época (ver FIG. 60 –, com o nome da nota, além de um código, no verso, composto por um número seguido da letra “C”. Ainda não foi possível identificar o que são esses códigos, mas acredita-se que possam ser uma identificação do Registro ao qual pertence o Tubo.



Figura 60 - Inscrições em um Tubo de metal
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

Lamentavelmente, pela ação do tempo e, eventualmente, a inépcia de incautos, grande parte de seu material fônico está deteriorado e desorganizado. (ver FIG. 61).



Figura 61 – Alguns Tubos dispostos no Someiro
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

A última intervenção no Órgão de Córregos, em 1913, provavelmente ocorreu a partir do mês de julho, haja vista que foram encontrados vários fragmentos de jornais, usados na reforma para vedação de seu Fole e Caixa de Ar, com datas de 1º e 20 de julho daquele ano.



Figura 62 - Jornais usados na reforma em Julho de 1913

Fonte: Acervo fotográfico do autor.

Na FIG. 63, a seguir, aparentemente as três inscrições em forma de datas podem confirmar a suposição acima mencionada (*i.e.*, a intervenção de 1913), por meio das inscrições numéricas. A imagem da primeira foto, em que não aparece muito claro o último dígito da datação, se localiza ao lado esquerda da Caixa do Órgão²⁵⁷; a segunda está localizada no Fole; e a terceira se encontra no Suporte dos Tubos.

²⁵⁷ Primeira data encontrada. A princípio, pensou-se ser 1915, o que na verdade, mas não passa de um erro de escrita.

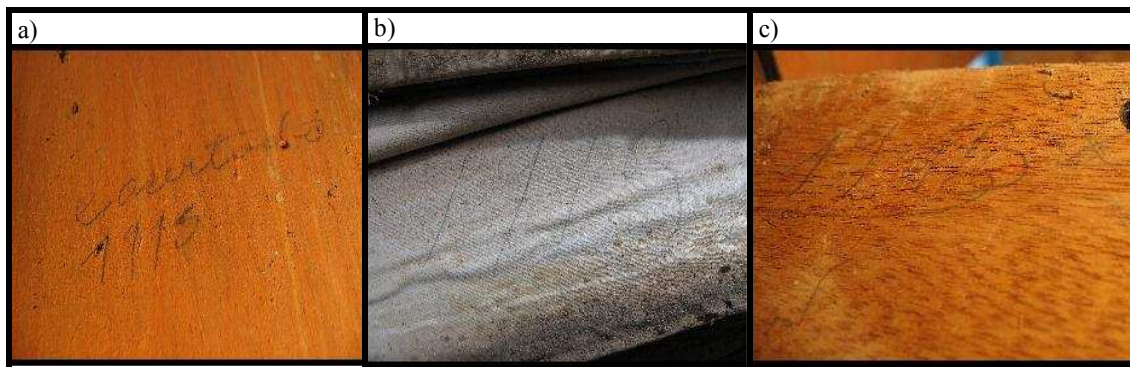


Figura 63 - Inscrições datando a reforma de 1913

Fonte: Acervo fotográfico do autor.

Além disso, pode-se constatar, no Órgão de Córregos, os seguintes reparos:

- O aumento e a reconstrução do Fole. Observou-se a utilização de tecido no lugar de couro de animal para a reconstrução e de folhas de jornal para a sua vedação;
- O uso de parafusos²⁵⁸ e pregos em todo o instrumento aparentemente originais;
- Um trabalho de vedação no Reservatório de Ar do Someiro, sendo empregados parafusos e jornais;
- A troca de um dos Contra-someiros;
- A substituição das Molas das Válvulas dos Canais, mantendo-se apenas 4 originais, feitas em ferro;

Digna de nota é a afirmação testemunhal de Dom José Maria Pires²⁵⁹ (nascido em Córregos no ano de 1919, ou seja, no mesmo período da reforma de 1913), que afirma nunca ter ouvido o instrumento funcionando.

As seguintes fotos de detalhes do instrumento de Córregos apontam para a qualidade e o esmero de seu construtor.

²⁵⁸ Era comum o uso de parafusos na construção de Órgãos mesmo no século XVIII. Foi encontrado, em Ouro Preto, nos livros da Ordem do Carmo, o registro da compra de parafusos para Órgão dessa igreja.

²⁵⁹ Ilustre correguense, residiu em Córregos até seus dez anos de idade. Estudou no Seminário de Diamantina. Juntamente com o Cardeal Dom Paulo Arns. É o Arcebispo Emérito da Paraíba.

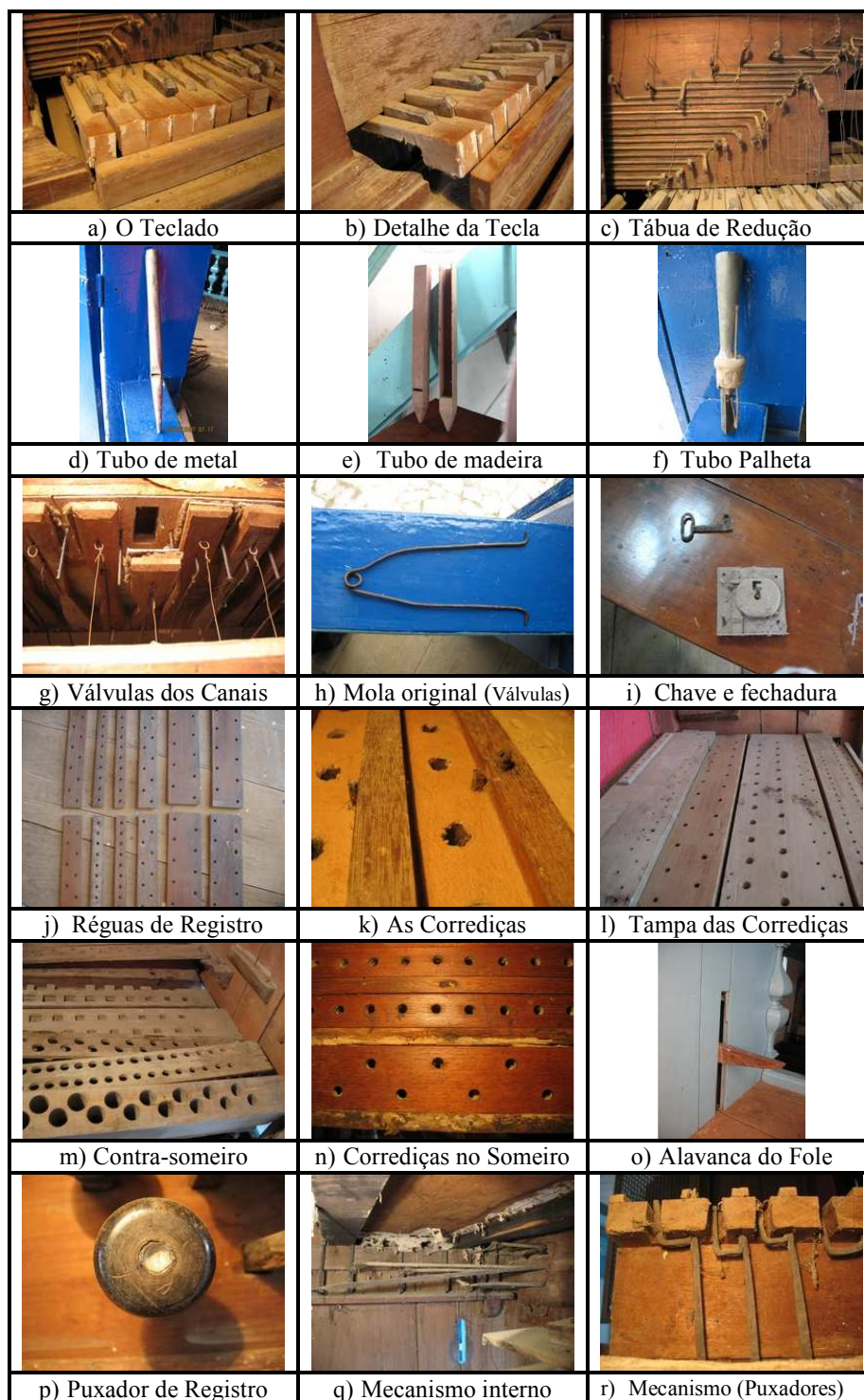


Figura 64 - Detalhes do Órgão da Matriz de Córregos

Fonte: Acervo fotográfico do autor.

Nas figuras acima, pode-se, claramente, constatar uma eqüidade e eficiência do organeiro em seu trabalho artesanal em um Órgão de igreja de vila, representante da organaria colonial mineira.

CAPÍTULO IV: A LIGAÇÃO ENTRE OS ÓRGÃOS DE DIAMANTINA E DE CÓRREGOS

O fato intrigante encontrado ao longo da presente pesquisa está narrado no relatório dirigido à Ordem do Carmo em 29 de outubro de 1940. Nele, o secretário e fiscal dos serviços João Antonio Motta relata algo aparentemente não digno de interesse, mas que nos levou, no âmbito desta pesquisa, a uma suspeita sobre um ato que poderia ter sido praticado durante os serviços prestados por Anísio dos Santos. Assim comenta Motta (1940, p. 1):

Nos últimos dias do mez de Maio, o snr Anísio Santos iniciou os trabalhos e em meados do mez de Junho, paralisou os serviços e sem nenhum entendimento comigo ou com o prior da Ordem ou comigo, viajando para Conceição do Serro, ficando assim interrompidos os trabalhos pelo espaço de vinte dias mais ou menos; em fins do mez de Junho foi reiniciado o serviço [...] ²⁶⁰ (cf. ANEXO B, p. 149).

Em primeiro lugar, pode-se julgar estranho o serviço ter começado e ter sido logo interrompido por aproximadamente 20 dias. Como visto no excerto acima, Anísio dos Santos viajou e voltou sem dar satisfação ou fazer qualquer comentário oficial à Ordem do Carmo. Em segundo lugar, cumpre apontar que, atualmente, não existe na região nenhuma cidade chamada Conceição do Serro,²⁶¹ mas o nome “Conceição” é digno de atenção. Pesquisando esse nome, pôde-se descobrir que, até 1943, a atual cidade de Conceição do Mato Dentro se chamava Conceição do Serro. Sabendo-se que o Distrito de Córregos se localiza a 21 km de Conceição do Mato Dentro, aventou-se a hipótese de que Anísio dos Santos, na realidade, visitara aquele distrito.

Para comprovar essa hipótese, realizou-se uma pesquisa de campo no Distrito de Córregos no início de maio de 2007 a fim de se investigar mais sobre o Órgão e a

260 Transcrição direta do relatório da fiscalização da reforma de 1940. Arquivo de documentos da Ordem do Carmo de Diamantina.

261 Em 1702, o sertanista Gabriel Ponce de Leon, ao se deparar com a riqueza da região do Serro Frio – de onde, de uma só bateada, retirou cerca de 20 oitavas de ouro – ergueu uma pequena capela em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, iniciando o processo de povoamento. Em 1851 a região foi emancipada com a denominação de Conceição do Serro.

possível ida de Anísio dos Santos a Córregos em 1940. Tentou-se estabelecer contato com as pessoas da cidade que viveram naquela época. Muitas já morreram ou se mudaram da cidade: portanto, não havia nenhuma testemunha para fornecer informações. Enquanto era feito o levantamento dos Tubos, foi encontrado, em um dos últimos, uma inscrição a lápis com o nome “Eugênio”, como mostra o detalhe da FIG. 65.



Figura 65 - Tubo de madeira escrito o nome “Eugênio”
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

Comparando a com a inscrição com a assinatura nos documentos da reforma de 1940 (*cf.* ANEXO B, p. 155), nota-se uma grande similaridade entre as caligrafias, conforme pode-se observar na figura a seguir.

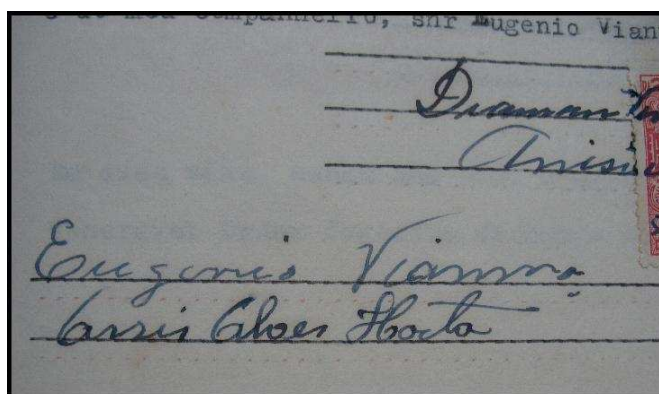


Figura 66 - Assinatura de Eugenio Vianna – 1940
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

Em um primeiro momento, foram uma surpresa essas semelhanças, que, inclusive, possibilitaram a crença de que se tratava da caligrafia da mesma pessoa, a qual teria se envolvido nesse trabalho. Por outro lado, permanecia o questionamento sobre como justificar a ausência de muitos Tubos desse importante instrumento.

Considerando-se o tamanho da maioria dos Tubos que desapareceram de Córregos²⁶² e seu peso, em razão da liga utilizada, pode-se afirmar que eles não teriam sido levados por turistas (que são muito poucos), mas, sim, por alguém com condições de transportá-los. Sobre isso, Assis Horta declarou, em um dos contatos ao longo da pesquisa, que “quando Anísio dos Santos – que ficara hospedado no hotel de sua família em Diamantina durante todo o período dos trabalhos – voltou dessa viagem, o recepcionista²⁶³ comentou que suas malas estavam demasiadamente pesadas”²⁶⁴. Depois de um tempo, ficou-se sabendo, por intermédio do Padre Antonio Cecílio Pedro de Alcântara, pároco de Córregos, que Anísio dos Santos estivera por lá visitando o Órgão e que soubera da existência do mesmo por meio de um morador da cidade de Córregos que estava no Mercado de Diamantina.

262 A maior parte dos Tubos faltosos é da região grave do instrumento, e o maior deles tem aproximadamente 1,22 m.

263 Segundo Assis Horta, o recepcionista chamava-se Esmeraldo.

264 Informação fornecida por meio de entrevista pessoal em sua residência em Belo Horizonte em maio de 2007.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A respeito do Órgão de Diamantina, além do que já foi esclarecido no corpo do texto desta dissertação, uma das maiores dúvidas era se esse instrumento era verdadeiramente de Registros Partidos. As ponderações tecidas a seguir, possivelmente, permitirão elucidar essa dúvida.

Atualmente, o Reservatório de Ar do Órgão do Carmo é separado por uma divisão vazada. A madeira utilizada é diferente das demais, e a forma de encaixe e feitura são aparentemente modernos. Existe apenas uma entrada de ar nesse Reservatório. A Tábua de Redução, que estranhamente está levemente inclinada, não aparenta ter sido modificada. Há claramente, no Consolo, dois Puxadores de Registros para cada Fileira de Tubos. Todas as Fileiras de Registros possuem um mesmo tipo de Tubo, sendo, portanto, considerado o mesmo Registro.

Como tratado anteriormente, os Tubos graves estão no centro da Caixa, e os Tubos agudos se encontram nos extremos. O teto da Caixa desse Órgão o é mais alto ao centro e mais baixo nas laterais. Na figura a seguir, pode-se observar a distribuição dos Tubos graves e agudos no Someiro e a altura do teto nas laterais da Caixa.



Figura 67 – A distribuição dos Tubos graves e agudos no Someiro e laterais da Caixa
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

A próxima figura mostra os Tubos graves e a altura do teto ao centro da Caixa.

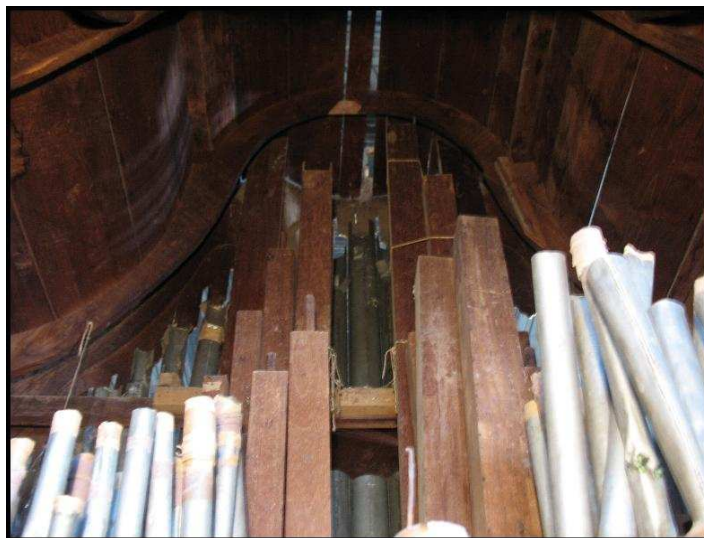


Figura 68 – Os Tubos graves ao centro da Caixa

Fonte: Acervo fotográfico do autor.

Portanto, as FIG. 67 e 68 demonstram, de maneira explícita, que os Tubos graves não caberiam nas laterais do Someiro. Pode-se entender, portanto, que não haveria, nessa Caixa, outra forma de distribuição dos Tubos no Someiro, levando-se em conta o teto da mesma Caixa. É possível concluir, por conseguinte, que os Tubos foram originalmente arranjados dessa forma.

Na subseção 3.2.2 desta dissertação, mostrou-se que a distribuição dos Tubos no Órgão do Carmo obedece a um padrão de distribuição chamado “lado de Dó” e “lado de Dó[#]”; nesse caso, mais especificamente, “lado de Fá” e “lado de Fá[#]”. Essa ordenação estereofônica é correta, mas não em um Registro Partido²⁶⁵. Quando era utilizada essa distribuição, as duas Régua de Registro, nas Corrediças, eram unidas e ligadas de forma que pudessem deslizar juntas ao comando de somente um dos Puxadores de Registro.

No século XVIII, em Portugal, existiu outra forma de distribuição dos Tubos no

²⁶⁵ Williams e Owen, em seu livro *The new grove: The organ* (1984, p. 125), comentam que o Someiro de um Órgão ibérico era dividido em Baixos e Tiples, e não em lado de Dó e lado de Dó[#].

Someiro. Nos Registros Baixos (*Bajos*), os Tubos graves são colocados no centro (lado esquerdo do Someiro) e decresce cromaticamente para a esquerda (sentido oposto à sequência do Teclado) até a nota correspondente à divisão do Teclado. Na FIG. 69, tem-se como exemplo dessa forma de distribuição o Órgão em Duas Igrejas, na região de Braga, em Portugal.



Figura 69 – Órgão em Duas Igrejas - Portugal
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

Nos Típos, como visto na figura acima, os Tubos mais graves estão no centro (lado direito do Someiro) e decrescem cromaticamente para a direita, na correspondência direta do Teclado.

Esse tipo de distribuição não é adequado ao Órgão de Diamantina, pois, para isso, a Tábua de Redução deveria ter sido toda reordenada. A Tábua de Redução aparenta ser original, ainda que apresente uma pequena inclinação, o que não é comum na construção desse tipo de instrumentos. Na FIG. 70, observa-se que os Molinetes da Tábua de Redução²⁶⁶ são de ferro batido, como era próprio em Minas Gerais no século XVIII.

²⁶⁶ É uma peça de madeira ou metal que se localiza na Tábua de Redução que atua na transferência do movimento das Teclas as Válvulas no Someiro.



Figura 70 – A Tábua de Redução
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

Conseqüentemente, o Someiro, todos os Contra-someiros (inclusive o das Palhetas) e também as Tampas das Corrediças não seriam originais. Contudo, a madeira e a feitura de todas essas partes, excetuando-se alguns poucos Contra-someiros, não aparentam ser recentes. Por isso, não é plausível acreditar que esse Órgão possa ter tido outra forma de distribuição que não seja a atual.

Em Diamantina, todas as Régua de Registro estão separadas e não existem nelas marcas de que, em alguma época, poderiam ter sido unidas²⁶⁷. Além disso, existe um pino limitador, em ferro batido²⁶⁸, em todas as Corrediças. Esse pino permite que as Régua de Registro se movam somente na direção dos extremos do Someiro e voltem à sua posição original central como se fosse um verdadeiro Registro Partido. Nesse caso, não é possível que ambas trabalhem juntas e sejam acionadas por um dos Puxadores de Registro.

Observa-se que o Órgão do Carmo: possui dois Quadros de Registros independentes, mas não se trata de duas metades um conjunto independente de Registros e que a distribuição dos Tubos no Someiro segue ao padrão “lado de Fá” e “lado de Fá[#]”. Levando-se em conta essas características técnicas acima destacadas, é incoerente considerar o Órgão do Carmo como um instrumento de Teclado ou de Registros Partidos.

²⁶⁷ Para isso, é usada uma peça chamada União, que serve para ligar as duas Régua de Registro.

²⁶⁸ Esse pino aparenta ser original e, a título de ilustração, pode ser visto claramente no Órgão de Córregos na foto “k” da FIG. 64 – p. 97 dessa dissertação.

Não obstante, mesmo que remota, não se deve descartar a possibilidade de ter havido outro Órgão dentro da caixa desse instrumento e que, possivelmente no século XIX, ele tenha sido remodelado. Por falta de qualquer documentação que trate do assunto, nada pode ser afirmado categoricamente.

Por outro lado, o Órgão de Córregos, até então esquecido e considerado sem valor ou relevância por muitos, ressurgiu das cinzas para mostrar aspectos técnicos do modo de construção colonial dessa região, bem como revelar histórias ou fatos até então desconhecidos por todos. Talvez esse instrumento possa ser considerado o único Órgão representante da organaria artesanal mineira sobrevivente e que conserva grande parte de suas peças originais. Decerto, é mister reconhecer que o instrumento apresenta boa qualidade técnica de construção e um bom estado de preservação, graças ao isolamento desse distrito dos roteiros turísticos. Em razão do estágio embrionário das pesquisas, cujos resultados preliminares foram apresentados na presente dissertação, pouco ainda se sabe sobre tal Órgão; mas muito pode ser revelado.

Quanto à suposição levantada no capítulo IV, compete ressaltar que uma análise grafotécnica será realizada por um perito para avaliar se a inscrição encontrada no Tubo em Córregos foi realmente feita pelo Eugênio Viana. Dessa forma, poder-se-á comprovar a presença de não somente Anísio dos Santos, mas também de Eugênio Vianna no Distrito de Córregos em 1940²⁶⁹ e confirmar as suspeitas então levantadas.

No orçamento e no contrato elaborado por Anísio dos Santos, e posteriormente, fechado com a Ordem do Carmo, é colocado que o Órgão de Diamantina estava com 50% das Flautas perfeitas, 30% precisando de concerto e 20% estragadas; as quais seriam substituídas por novas. Somando-se a esses dados todos os fatos relatados anteriormente, observa-se que:

- Existem vários Tubos de metal em Diamantina com Pé do Tubo e Corpo do Tubo de ligas diferentes, sendo que essas ligas mais resistentes são muito similares ao dos Tubos de Córregos;

269 Segundo Assis Horta, Eugênio Vianna deixou os trabalhos algum tempo depois.

- No relatório da reforma de 1940, João Antonio Motta menciona: “[...] eu reclamava a falta de chumbo laminado para a confecção (sic) das flautas faltosas e para o concerto (sic) das que estivessem defeituosas”;
- Segundo depoimento de Assis Horta: Anísio dos Santos não construiu nenhum Tubo durante toda a reforma. Ele apenas consertou os que estavam estragados²⁷⁰.

Sendo assim, pode-se supor que alguns Tubos do Órgão da Matriz de Córregos tenham sido levados em 1940 para Diamantina e que, hoje, talvez sejam parte de alguns dos Tubos do Órgão da Igreja do Carmo. Considerando-se que, em 1940 fazia menos de dez anos que a Matriz de Diamantina havia sido demolida e seu Órgão²⁷¹ desmontado, existe ainda a possibilidade de algum Tubo desse instrumento ter sido utilizado, pois existe um Tubo completamente diferente dos demais no Órgão do Carmo²⁷².

O material dos Tubos do Órgão do Carmo tem uma liga forte em chumbo e fraca em estanho. O próprio timbre “doce”, suave e sem muito brilho dos atuais Tubos, constatado quando soprados, comprova essa afirmação. Segundo Gilberto Guarino²⁷³, uma característica fônica importante dos Órgãos italianos era a doçura e a clareza, o que pode ser considerado como uma das influências italianas neste Órgão.

Como consequência deste estudo, obteve-se uma melhor compreensão da organaria colonial mineira pela comparação entre ambos os instrumentos. Considerando-se os resultados levantados nesta dissertação, define-se o estilo do Órgão do Carmo como sendo um instrumento com características da estética da escola de construção ibérica, com influências da escola italiana.

270 Relatado em entrevista em sua residência. Belo Horizonte, maio de 2007.

271 Esse Órgão também foi construído por Almeida e Silva.

272 Amostras dos Tubos de ambos os Órgãos foram analisadas nos laboratórios do Instituto de Química da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, e outras serão realizadas para uma comparação e comprovação científica das ligas. Nos primeiros resultados, foi constatado que o material dos Tubos de Diamantina tem uma liga forte em chumbo e fraca em estanho.

273 GUARINO, Gilberto Campista. *Escorço sobre a música organística italiana*: das fontes remotas até Frescobaldi. Rio de Janeiro: Instituto de Cultura e Arte Organística, fev. 2007, p. 9. Disponível em: <<http://www.artorganistica.org.br>>. Acesso em: 14 maio 2008.

Em virtude da quase total descaracterização do Órgão de Tubos do Carmo e em respeito ao seu valor histórico, torna-se bastante difícil uma reconstrução histórica após os diversos consertos pelos quais passou, tendo sido um deles danoso, a reforma de 1940, por não ter sido preservado o material anterior à reforma e a identidade histórica; além de não ter sido feito um relatório técnico detalhado dos trabalhos realizados Órgão. Não havia, no Brasil, no início do século XX uma consciência de restauro histórico. Ainda não existem ateliês ou oficinas brasileiras especializadas em restauros históricos. Essas reformas eram feitas com os profissionais em reforma de instrumentos disponíveis na época. Somando-se a isso, não foi encontrada nenhuma documentação técnica relatando os procedimentos utilizados, não somente na reforma de 1940, mas nos diversos consertos anteriores realizados neste instrumento.

Em relação ao Órgão do Distrito de Córregos, compete salientar que estão sendo levantados mais dados técnicos e históricos. Em 28 de outubro de 2007, foi publicada, em no Jornal Estado de Minas, uma matéria sobre os Órgãos históricos de Minas Gerais²⁷⁴. Nesse texto, foi citada a presente pesquisa sobre os Órgãos de Diamantina e de Córregos; despertando o interesse por esse último instrumento. Deverá, então, ser iniciado um projeto para o possível restauro do Órgão da Matriz de Córregos, o qual é resultado desta pesquisa de mestrado. Após ter-se iniciado o projeto de restauro do Órgão do Carmo de Diamantina, aproximadamente vinte anos depois do restauro do Órgão da Sé de Mariana (Minas Gerais), existe, hoje, em Minas Gerais, um movimento efetivo de restauro dos Órgãos históricos.

De toda forma, o Órgão de Tubos da Igreja do Carmo de Diamantina terá sempre sua importância histórica preservada. Além de ter sido completamente construído por um organeiro português em terras do Brasil Colônia, utilizando-se, provavelmente, de todos os materiais e recursos da região; esse Órgão foi inaugurado por José Emerico Lobo de Mesquita que nele compôs e executou uma parte representativa de sua obra.

274 Essa matéria foi redigida pelo jornalista Gustavo Werneck e publicada no caderno Gerais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS*

ARQUIVO DA ORDEM TERCEIRA DE NOSSA SENHORA DO CARMO DO ARRAYAL DO TIJUCO. *Livro da despesa Nº 1* – Carmo. Diamantina, 1758-1785.

_____. *Livro 2 da despesa* – Carmo. Diamantina, 1784-1856.

_____. *Livro de termos para governo da Venerável Ordem 3ª do Carmo* – Carmo. Diamantina, 1774-1899.

_____. *Livro de receita da Irmandade dos Terceiros da Nossa Senhora do Monte do Carmo no Arrayal do Tejuco* – Carmo. Diamantina, 1758-1810.

_____. *Folhas avulsas* – Carmo. Diamantina, 1785.

_____. *Documentos avulsos da reforma de 1940* – Carmo. Diamantina, 1940.

ARQUIVOS DO MUSEU DE ARTE SACRA DE OURO PRETO. *Livro 2º de termos de deliberações das mezas da Ordem do Carmo* – Carmo. Ouro Preto. Rosário. Ouro Preto, 1784-1861.

ARQUIVOS DA IGREJA DE SANTA EFIGÊNIA DE OURO PRETO. *Livro das despesas da Irmandade de N. S. dos Rosário dos Pretos do Alto da Cruz do Padre Faria.* – 1784-1861

ARQUIVO DA MITRA ARQUIDIOCESANA DE DIAMANTINA. *Livro de receita e despesa da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Matriz de Santo Antonio.* – Matriz de Santo Antonio. Diamantina, 1773-1798.

BAKER, David. *The organ*, 3. ed. Merlins Bridge: Shire Publications Ltd, 1993.

BOVET, Guy. *Tampering with historical instruments - Three Brazilian examples.* *La Tribune de L'Orgue.* Collombey Mar. 1988. Disponível em: <<http://www.hippocampe.ch/tdlo/>>. Acesso em: 18 abr. 2007.

BUENO, Eduardo. *A viagem do descobrimento: a verdadeira história da expedição de Cabral.* Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

BURTON, Richard Francis. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho.* Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, [1867] 1976.

CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, [1585] 1978.

* Baseadas na norma NBR 6023, de 2002, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

COSTA, Antônio Gilberto (Org.). *Os Caminhos do Ouro e a Estrada Real*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Lisboa: Kapa Editorial, 2005

COTTA, André Guerra. A música em Itabira do Matto Dentro: Reflexões Sobre Uma Pesquisa de Campo e Leituras de Fontes Secundárias. In: Encontro de Musicologia Histórica, 5., 2002. *Anais...* Juiz de Fora: [s.e.] 2002.

D'ARAUJO, Antonio Luiz. *Arte no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Revan, 2000.

DINIZ, Jaime C. *Organistas da Bahia: 1750–1850*. Rio de Janeiro/Salvador: Tempo Brasileiro/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1986.

DODERER, Gerhard. *Caixas de órgãos portugueses setecentistas*. Braga: Museu Nogueira da Silva, 1996. Separata.

FREYREISS, Wilhelm Georg. *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, [1815] 1982.

GUARINO, Gilberto Campista. *Escorço sobre a música organística italiana: das fontes remotas até Frescobaldi*. Rio de Janeiro: Instituto de Cultura e Arte Organística, fev. 2007. Disponível em: <<http://www.artorganistica.org.br>>. Acesso em: 14 maio 2008.

HENRIQUE, L. Luiz. *Acústica musical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *A época colonial: administração, economia, sociedade; História geral da civilização brasileira*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2003. tomo 1, v. 2.

KASTNER, Macário Santiago. *The interpretation of 16th and 17th century Iberian keyboard music*. Stuyvesant: Pendragon Press, 1987.

KERR, Dorotéia. A atividade organística no Brasil colônia: organistas, compositores, construtores. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA, 2003. *Anais...* Santiago, [s.e.] 2003. Disponível em: <<http://www.ia.unesp.br/pos/stricto/musica/artigos/a%20atividade%20organistica%20no%20Brasil%20colonial.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2008.

KIEFER, Bruno. *História da música brasileira*. Porto Alegre: Movimento, 1977

LANGE, Francisco Curt. Os compositores na Capitania Geral das Minas Gerais. *Estudos Históricos*, n. 3 e 4. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 1965.

_____. A organização musical durante o período colonial brasileiro. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS, 5., 1966. *Anais...* Coimbra: [s.e.] 1966.

_____. *História da música nas irmandades de Vila Rica - Freguesia de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial [Conselho Estadual de Cultura], 1979. v. 1, 5. (História da música na Capitania Geral das Minas Gerais).

_____. *História da música na Capitania das Minas Gerais: Vila do Príncipe do Serro do Frio e Arraial do Tejuco*. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura, 1983. v. 8.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa/Rio de Janeiro: Livraria Portugália/Civilização Brasileira, 1938. Tomos. 1-10.

_____. *Breve história da Companhia de Jesus no Brasil: 1549–1760*. Braga: Livraria A. I, 1965

MACHADO FILHO, Aires da Mata. *Arraial do Tijuco, Cidade Diamantina*, 3. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia Ltda; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980, p. 240. MAWE, John. *Viagens ao Interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, [1812] 1978.

MORAIS, Geraldo Dutra. *História de Conceição do Mato Dentro*. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1942.

MOURÃO, Rui. *O alemão que descobriu a América*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990.

NEVES, José Maria. *Catálogo de obras da música sacra mineira*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1997.

NEVES, João Alves da. *Carta a El-Rey D. Manoel I de Portugal sobre o achamento do Brasil*. São Paulo: Elos Clube de São Paulo, 1985.

OWEN, Barbara. *The registration of baroque: Organ Music*. Bloomington: Indiana University Press, 1997.

PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em Torno da História do Sabará*. Rio de Janeiro: Serviço do patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1940, n. 5.

RAPOSO, Lucas. *Os órgãos de Minas Gerais*. *Revista Minas Gerais*, Belo Horizonte, n. 20, p. 28-34, set. 1989.

PRAET, Wilfried. *Organ dictionary*. Berchem: EPO, 1989.

RESENDE, Maria da Conceição. *A música na história de Minas Colonial*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

RIEMANN, Hugo. *Manual del organista*. 5. ed. Barcelona: Editorial Labor, 1929.

RODRIGUES, André Figueiredo. *O clero e a conjuração mineira*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

ROMEIRO, Adriana. *Dicionário Histórico das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e litoral do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, [1833] 2004.

VASCONCELLOS, Salomão de. *Mariana e seus templos: era colonial (1703-1797)*. Belo Horizonte. Gráfica Queiroz Breyner, 1938.

WEBBER, G.; THISTLETHWAITE, N. (Ed.). *The Cambridge Companion to the Organ*. Cambridge: University Press, 2003.

WILLIAMS, Peter. *The European organ: 1450–1850*. Londres: B. T. Batsford, 1968.

WILLIAMS, Peter; OWEN, Barbara. *The new grove: the organ*. W. Londres: W. Norton & Company, 1984.

ZICO, José Tobias. *Caraça, sua igreja e outras construções*. Belo Horizonte: FUMARC/UCMG, 1983.

BIBLIOGRAFIA

AUDSLEY, George Ashdown. *The art of organ-building*. Nova York: Dover Publications, 1905. v. 1, 2.

_____. *Organ-stops and their artistic registration: names, forms, construction, tonalities and offices in scientific combination*. Nova York: The H. W. Gray Co., 1949.

CAMPBELL, Murray; GREATER, Clive. *The musician's guide to acoustics*. London: J. M. Dent & Sons Ltd, 1987.

COTTA, André Guerra. *Guia acervo Curt Lange*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DICKSON, W. E. *Practical organ building*. 2. ed. Portsmouth: Bardon Enterprises, 1997.

DUFORCQ, Nobert. *L'Orgue*. Paris: Presses Universitaires de France, 1948.

GOODE, Jack C. *Pipe organ registration*. Nashville: Abingdon Press, 1964.

KERR, Dorotéia. *Catálogos de órgãos da cidade de São Paulo*. São Paulo: Annablume, 2001.

KLOTZ, Hans. *The organ handbook: structure, design, maintenance, history and function of the organ*. 7. ed. St. Louis: Concordia Publishing House, 1969.

LANGE, Francisco Curt. *Os Compositores na Capitania Geral das Minas Gerais*. Separata da Revista Estudos Históricos N^{os} 3 e 4. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 1965.

_____. *Religious music of the Capitania Geral das Minas Gerais*. Texas: USA, 1960.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. *A Capitania das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.

MENESES, Flo. *A acústica musical em palavras e sons*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

NILAND, Austin. *Introduction to the organ*. Londres: Faber and Faber, 1968.

ROCHAS, Pierre; COLIN, Michel. *Le petit dictionnaire de l'orgue illustré*. Arles: Harmonia Mundi, 1997.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. 1822. *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

_____. 1822. *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

SILVA, Nuno Alexandrino. *A arte organística e a organaria ibérica no contexto português: contributo para a valorização de um património*. 2002. 42 f. Monografia (Graduação em música – Curso de órgão) – Escola Superior de Música de Lisboa, Avanca, 2002.

GLOSSÁRIO*

A
AÇÃO MECÂNICA: Refere-se tipo de conexão entre a Tecla e a Válvula em instrumentos que possuem Someiro de Corrediça e de Válvulas e também ao Mecanismo de ação dos Puxadores de Registros.
B
BATALHA: Obra estruturada em curtas secções modulares contrastadas na textura, umas imitativas, outras marcadamente harmônicas e homorrítmicas, que descreve, com sugestivos efeitos onomatopaicos, uma batalha.
C
CANALETA: O mesmo que Gravura ou Canal de Nota. É o canal localizado no Someiro que corresponde a cada Tecla do Manual. Tem a função de distribuir o ar por todas as Fileiras de Registros.
COMPOSTA ou COMPUESTAS: O mesmo que Cheio, <i>Compuestas de Llento, Ripieno, Llento ou Mixtur</i> . Corresponde ao Registro composto por duas ou mais Fileiras de Tubos que enriquecem o som fundamental com sons harmônicos superiores.
CONSOLO: O termo significa a parte do Órgão onde o organista executa e programa o instrumento. É uma espécie de mesa de controle onde estão os Manuais, a Pedaleira, os Puxadores de Registros e os Acoplamentos. Nos Órgãos Mecânicos, o Consolo se localiza na própria Caixa. Traduzido para o português como Consola ou Console, o verbete do Novo Dicionário Aurélio - Século XXI apresenta-o como Consolo, termo empregado ao longo desse trabalho.
CONTRA-SOMEIRO: Ele é também chamado de Panderete ou de Suporte dos Tubos. Tem como função apoiar o pé dos Tubos no Someiro. Nesse suporte de madeira, há um orifício com o diâmetro adequado ao encaixe de cada Tubo. Existe uma peça para cada Fileira ou para cada Mixtura.
D
DUTO DE AR: O mesmo que Condutor de Ar. Conduz o ar produzido nos Foles até o Reservatório de Ar.
E
F
FACHADA: Parte frontal da Caixa onde se encontram os Tubos aparentes, que geralmente são os Tubos do Registro Principal. Como parte da Caixa do Órgão, é também responsável pela projeção do som. Existem diversas formas de composição da Fachada que incluem partes decorativas em madeira e os Tubos. Estes Tubos podem ser organizados verticalmente, em torres ou em nichos, ou horizontalmente; a Trompeteria Tendida. Podemos considerar como sendo o “rosto” do Órgão.
FALSO REGISTRO: São barra que ficam entre na parte superior do Someiro e que permitem as Régua de Registro deslizar nas Corrediças.
FOLES: Os Foles são responsáveis pela produção de ar para alimentar os Tubos.
G
H
I
J
K
L
M
MANUAL (do latim, <i>manus</i>): É o Teclado tocado com as mãos.
MEIO REGISTROS: O termo se aplica aos Órgãos ibéricos, nos quais um simples Registro é dividido em duas partes, correspondendo à mesma partição do Teclado. A metade correspondente à região grave é chamada de Baixos e a região aguda é denominada Típles. Cada metade é operada por um Puxador de Registro. O mesmo que Registro Partido ou Medio Registro. Geralmente entre o Dó^3 e o $\text{Dó}\sharp^3$ e algumas vezes entre o Si^2 e o Dó^3 , na região da Catalúnia.

* Os verbetes e seus respectivos conceitos estão diretamente relacionados aos Órgãos mecânicos históricos.

MIXTURA: O mesmo que *Ripieno*, *Lleno* ou *Mixtur*. Corresponde ao Registro composto por duas ou mais Fileiras de Tubos que enriquecem o som fundamental com sons harmônicos superiores.

MOLAS DAS VÁLVULAS: São molas que fazem com que as Válvulas no Someiro voltem a sua posição original após a Tecla ser acionada.

MOLINETE DE REDUÇÃO: É uma peça de madeira ou metal que se localiza na Tábua de Redução que atua na transferência do movimento das Teclas as Válvulas no Someiro.

N
O

OITAVA CURTA: É aquela encontrada na primeira oitava dos Órgãos antigos até meados do século XVIII. Tem razões na economia de material, pois os Tubos mais graves são maiores e gastam mais em sua fabricação. A forma mais usada é: a Tecla Mi¹ soando como Dó¹; o Fá^{1#}, como Ré¹; e o Sol^{1#}, como Mi¹. As notas Fá¹, Sol¹, Lá¹, Si^{1b} e Si¹ não se alteram. A Oitava Curta persiste algumas áreas até 1840.

OITAVAS DE OURO: Antiga unidade de medida de peso, equivalente a 1/8 de Onça (3,585 gramas). O Vintém de Ouro corresponde a 1/32 Oitavas de Ouro. Uma Oitava de Ouro correspondia a 1\$200 Réis, já descontado o Quinto e 1 Vintém, 35 Réis.

ÓRGÃO DE BALAUSTRADA: Trata-se do Órgão quando inserido na balaustrada do coro.

P

PEDALEIRA: É o Teclado tocado pelos pés do organista.

PISSAS: São botões usados como Pedaleira e, geralmente, são as notas: Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Si^b e Si.

PORTATIVO (portátil): Órgão pequeno fácil de transportar, de uso muito corrente no séc. XIV, nomeadamente nas procissões, nas quais era transportado pelo próprio organista tocava o Teclado (com a mão direita) e acionava o Fole (com a mão esquerda).

POSITIVO Positivo: O termo vem do latim, do verbo *ponere*, que significa “pousar”. Trata-se de um Órgão com poucos Registros de uso litúrgico, mas, algumas vezes, de uso secular (Órgão de Câmara). Com apenas um Manual e sem Pedaleira esse Órgão era facilmente deslocável no espaço litúrgico das igrejas onde servia para acompanhamento do canto-chão.

POSITIVO DE ARMÁRIO: o mesmo que Positivo de Móvel. Nos tempos coloniais, o termo “Positivo de Armário” era conhecido na organaria portuguesa como “Positivo de Móvel”. São Órgãos que possuem portas para proteger o Consolo e os Tubos e somente são abertas para as execuções.

PRINCIPAL: É o Registro considerado como a base sonora do Órgão

PUXADORES DE REGISTRO: Dispositivo mecânico que permite ligar e desligar determinado Registro; puxando-o ou empurrando-o. Está localizado do lado esquerdo e do lado direito do Consolo, ou somente do lado esquerdo; no chamado Quadro de Registros. Quando o Puxador é acionado, permite que o ar dos Foles chegue aos Registros fazendo os Tubos soarem ao serem acionadas as Teclas. Fazem parte deste conjunto de Mecanismo: o Puxador, o Molinete de Registro e as Régua de Registro. O mesmo que Botão de Registro, Manúbrio ou Tirador de Registro.

Q
R

REGISTRO: O mesmo que Vozes de Registro. É o timbre individual do Órgão. Composto por uma ou mais Fileiras de Tubos. O nome dos Registros deriva do timbre e da altura sonora. O número, em algarismos arábicos, corresponde à medida do Tubo mais grave da Fileira. Nas Mixturas, várias Fileiras de Tubos paralelos soam juntos, e são usados números romanos, que correspondem ao número de Fileiras.

REGISTROS-PARTIDOS: O mesmo que Meio-registros. O termo se aplica aos Órgãos ibéricos, onde um simples Registro é dividido em duas partes, correspondendo mesma Partição do Teclado. A metade correspondente à região grave é chamada de Baixos e a região aguda de Tipples. Cada metade é operada por um Puxador de Registro.

RÉGUA DE REGISTRO: Também chamada de Registro, são régua de madeira que correm nas Corrediças. Cada Régua de Registro possui um orifício correspondente a cada Tubo do Registro sob o qual está colocada. As Corrediças ficam acima dos Canais que estão sobre o Reservatório de Ar. Quando a Régua é deslocada, por meio dos Puxadores, permite a comunicação entre os Canais e os Tubos desse Registro. Ao ser pressionada a Tecla, a Válvula é aberta permitindo que o ar passe do Reservatório para o Canal de Nota, chegando então ao Tubo, fazendo este soar.

RESERVATÓRIO: O mesmo que Depósito de Ar. Caixa que se localiza no Someiro que recebe e guardar o

ar produzido pelos Foles.

RÓTULO DE REGISTRO: O mesmo que Selo, Etiqueta ou Letreiro. Local onde está escrito o nome do Registro.

S

SOMEIRO DE CORREDIÇAS: O mesmo que Secreto. É uma caixa retangular feita em madeira que tem como função principal receber o ar dos Foles e distribuí-lo pelos Tubos, que são colocados sobre ele. Existem três tipos de Someiros: de Corrediça, de Válvula única e de Válvula Cônica. Os Someiros dos Órgãos em estudo são do tipo de Corrediça. Nesse caso, as partes dele são: o Depósito de Ar, as Válvulas, os Canais, as Corrediças e o Contra-someiro. Dentro do Depósito de Ar do Someiro existem Válvulas e cada uma dessas está ligada a uma Tecla do Manual por meio de uma Vareta ou fio de arame. Quando é pressionada a Tecla, abre-se uma Válvula permitindo a passagem do ar do Reservatório para os Canais abaixo dos Tubos. O Puxador de Registro aciona cada corrediça correspondente a essa Fileira de Tubos, fazendo-os soar. O comprimento do Someiro é proporcional ao número de Teclas e ao tamanho dos Tubos. No caso dos Órgãos em estudo, cada Corrediça corresponde a um Registro.

SELO DE AR: O mesmo que selo do reservatório. Serve para vedar orifício do reservatório de ar por onde passa o arame da Redução.

T

TÁBUA DE REDUÇÃO: O mesmo que Redução, Painel de Redução, Tábua de Molinetes ou Quadro de Redução. É o Mecanismo de comunicação que faz a transferência do movimento da Tecla até a Válvula do Canal de Nota correspondente no Someiro, fazendo que essa seja aberta. É composta pela Tábua, Molinetes e Vareta (em alguns Órgãos é usado arames).

TAMPA DA CORREDIÇA: Tampa do Someiro com orifícios que correspondem a cada Tubo. Servem de apoio para o pé do Tubo como também para permitir que o ar que vem das Canaletas, ao passarem pelas Réguas de Registros, chegue a estes.

TIENTO (Tento): Forma musical originada na Espanha em meados do século XV. Análogo às formas *Fantasia* e *Ricercare*. Inicialmente para vários instrumentos, nos finais do século XVI se tornou uma peça exclusiva para teclados. Forma tradicional do final do século XVI, é um tipo de obra geralmente estruturada em várias secções encadeadas, algumas vezes de carácter rítmico contrastante, baseadas numa sucessão de motivos que se imitam, circulando de voz em voz. O Teclado Partido veio permitir destacar a trama polifônica do *Tento*, uma ou mais linhas melódicas, solísticas ou concertantes, tanto no Registro superior como no inferior, dando assim lugar aos *Tentos de meio registro alto* (de mão direita), *Baixo* (de mão esquerda), de dois Tiples, ou de dois Baixos.

TRAÇÃO MECÂNICA: Sistema mecânico que permite o contato do Consolo com o restante do Órgão. A grande vantagem desse sistema é permitir uma resposta mais rápida e direta entre o toque e o soar do Tubo

TROMPETA REAL: Registro de Palhetas típico do Órgão ibérico. Neste caso, estes Tubos são internos a Caixa do Órgão e na são posicionados verticalmente.

TROMPETERÍA HORIZONTAL: São os Registros de Palheta do Órgão ibérico cujos Tubos se encontram na Fachada posicionados horizontalmente. Foram introduzidos nos Órgãos ibéricos durante a segunda metade do século XVII e primeira metade do século XVIII. (KASTNER, 1987, p. 76). Conhecido também como *Lengüentería Horizontal*, *Trompetería Tendida*, *Palhetas de Fachada* ou *Trompetería de Batalla*. Registro apropriado para se tocar Batallas de Pedro de Araújo, Torrelas e Cabanilles. Com Aristide Cavallé-Coll (1811-1899), construtor francês de Órgãos, este Registro ficou conhecido como *Trompette en Chamade*.

TUBARIA (Tubagem): Conjunto de Tubos de um Órgão.

TUBOS MUDOS: O mesmo que Tubos Canónigos, Tubos Mudos ou Tubos Falsos. São Tubos ornamentais colocados para compor os Nichos e as Torres na Fachada do Órgão.

TUBOS SONANTES: são os Tubos que soam, em oposição aos Tubos Mudos.

U

V

VÁLVULAS DOS CANAIS: Esse mecanismo controla hermeticamente a passagem de ar do Reservatório de ar para os Canais abaixo dos Tubos, permitindo-os soar. Tem a forma triangular-prismática. Também conhecido como Sopapo.

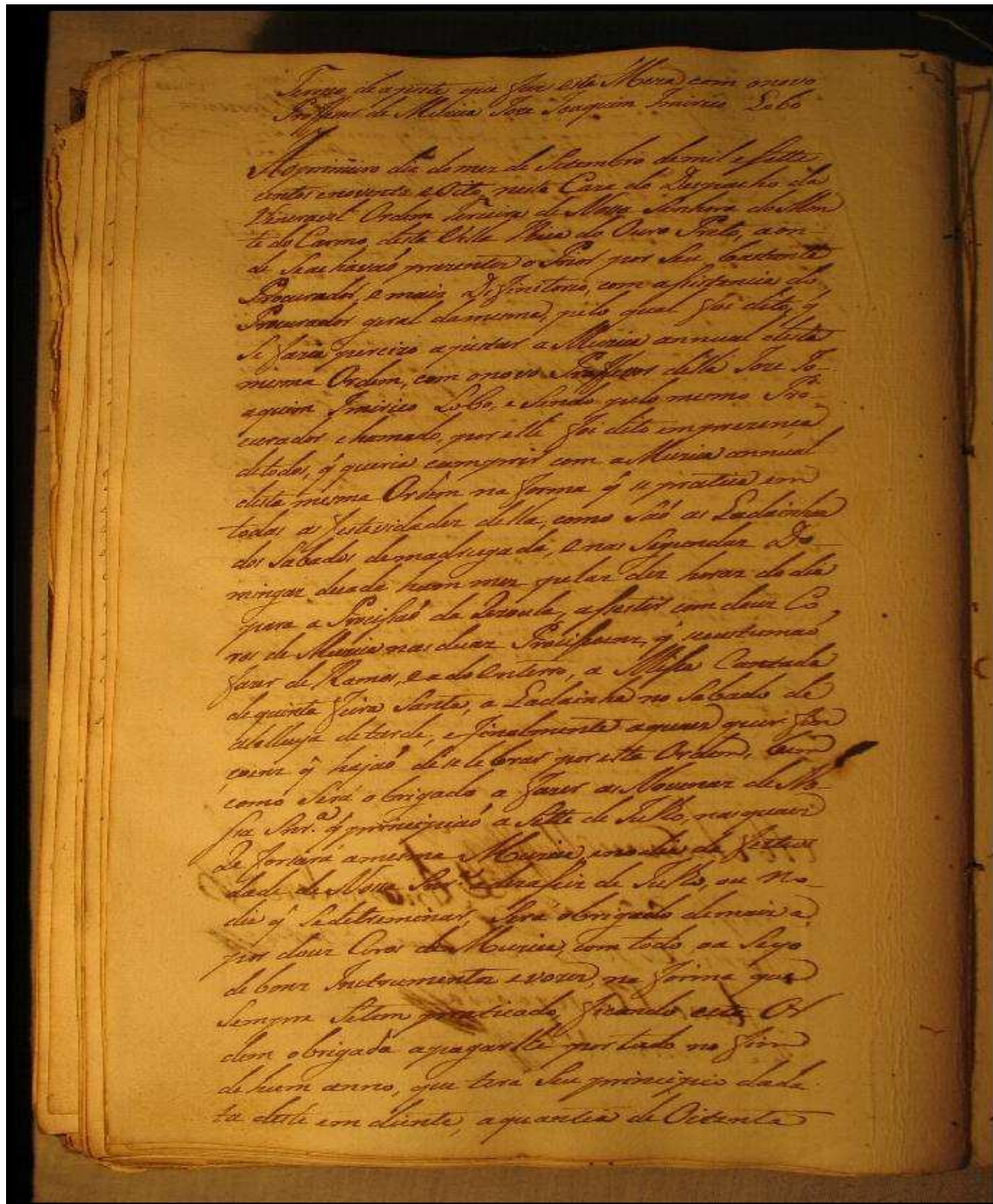
X

Z

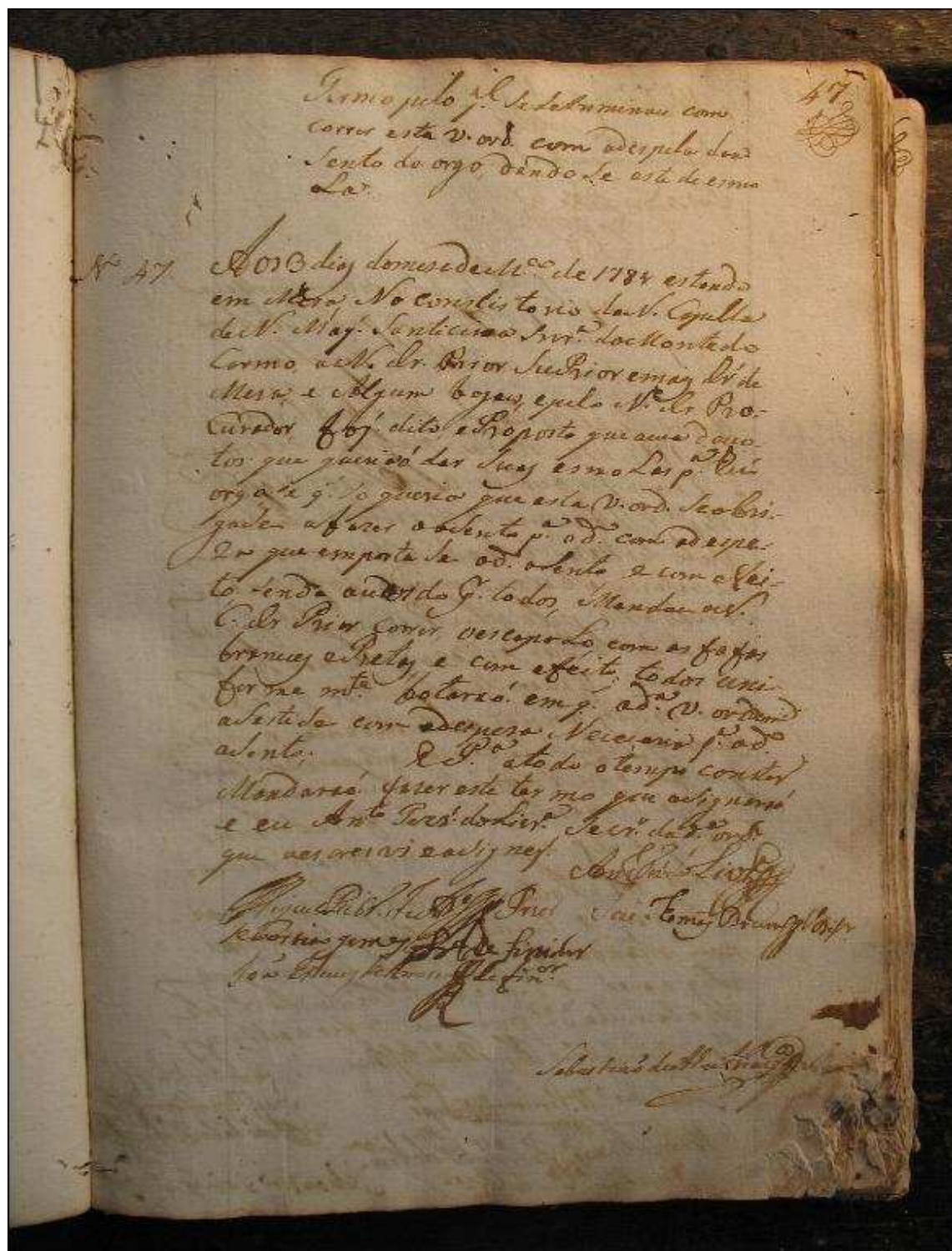
ANEXOS*

* Todas as figuras desse anexo fazem parte do acervo fotográfico do autor

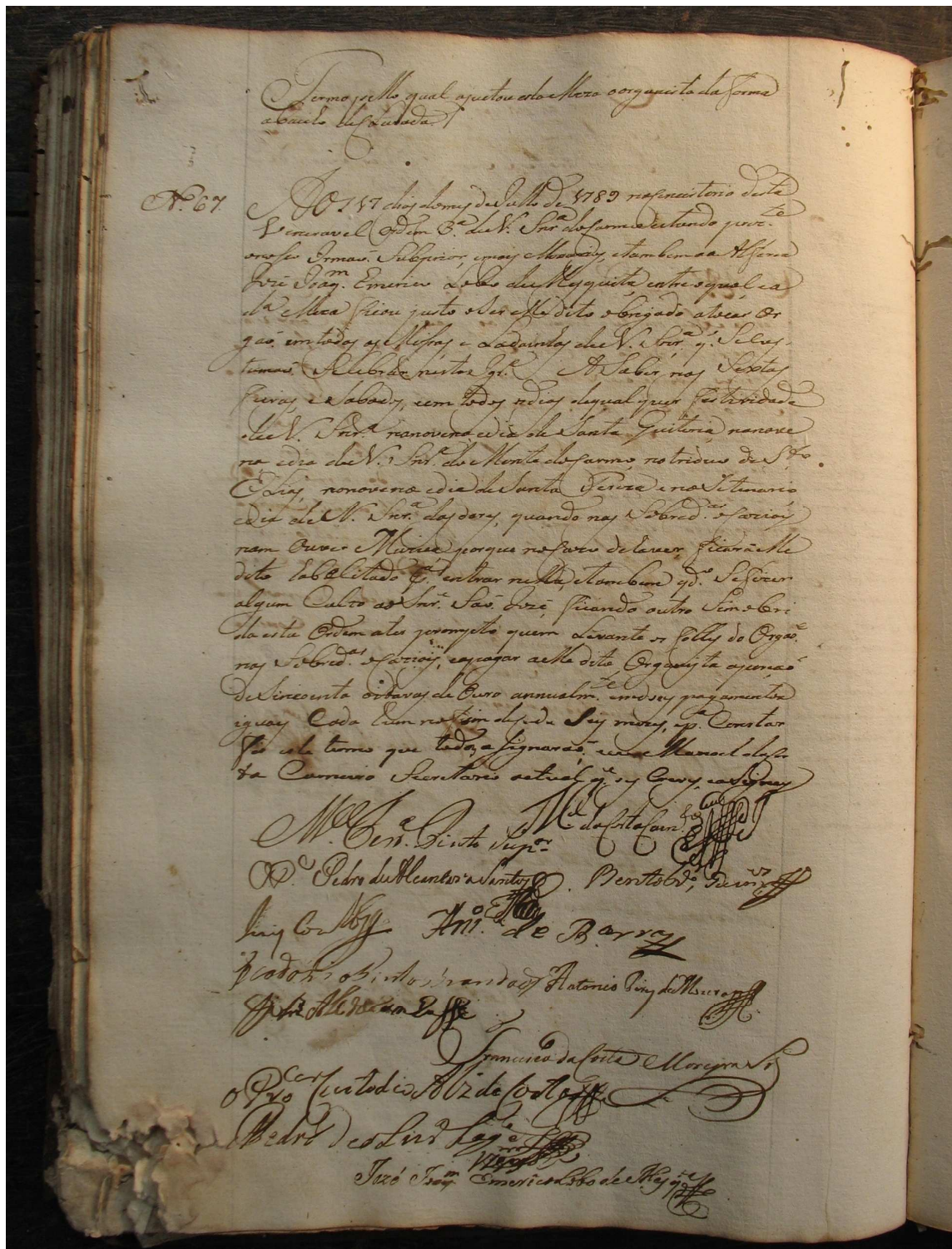
ANEXO A – DOCUMENTOS DE ARQUIVOS



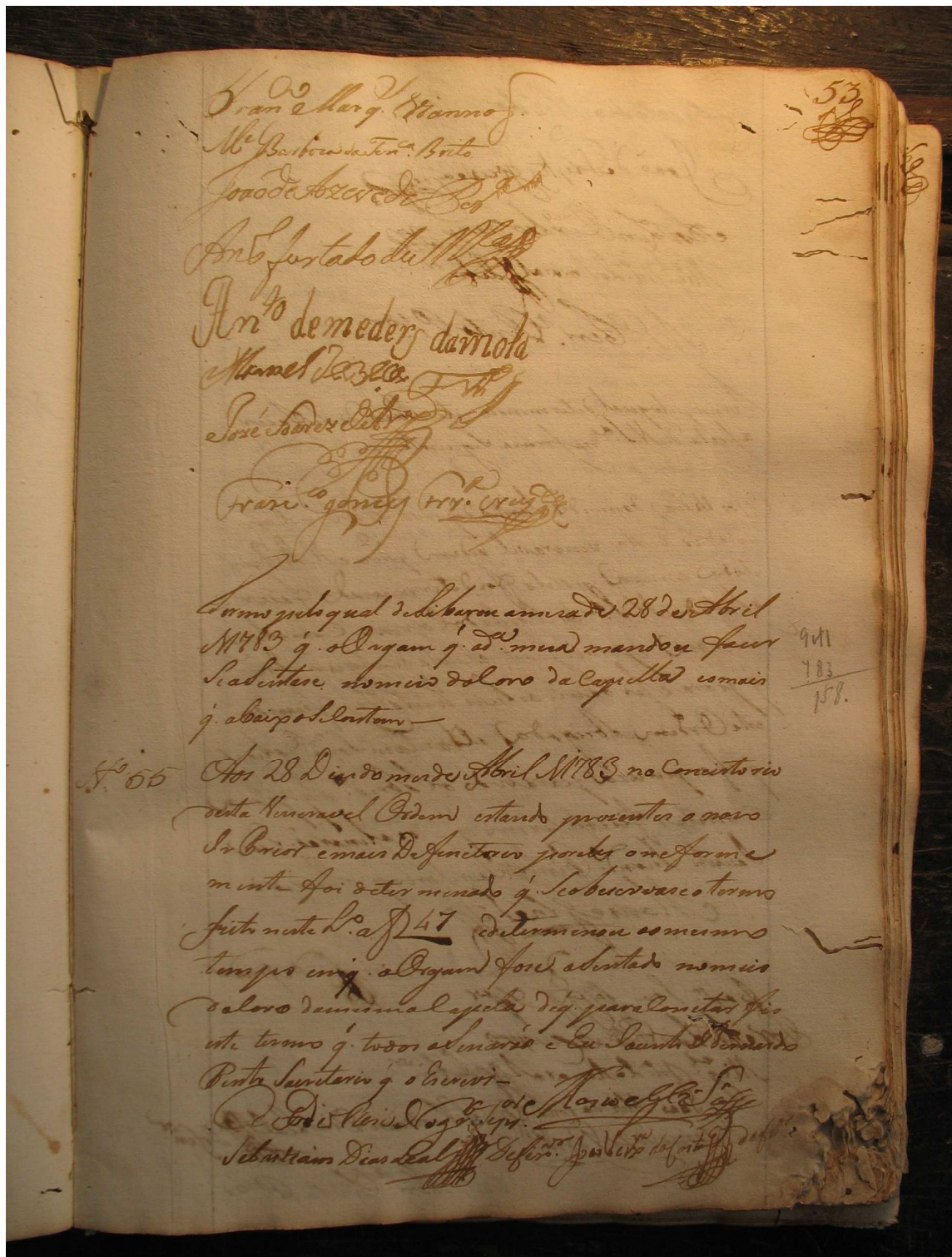
Documento 1: Termo de ajuste da música da Ordem Terceira do Carmo de Vila Rica com Lobo de Mesquita em 1º de setembro de 1798. Livro 2º de termos de deliberações das mezas da Ordem do Carmo – Carmo. Ouro Preto, 1784-1861. Folha 44 verso.



Documento 3: Termo pelo qual a Ordem do Carmo determinou recebimento de esmolas para construção do Órgão. - Termo N° 47 folha 47 do Livro de Termos Para o Governo da V. Ordem 3ª do Carmo - 1771-1900.



Documento 4: Termo pelo qual se ajustou as obrigações de Lobo de Mesquita (última assinatura no documento) como organista do Carmo. - Termo N.º 67 folha 60 verso do Livro de Termos Para o Governo da Venerável Ordem 3.ª do Carmo – 1771-1900).

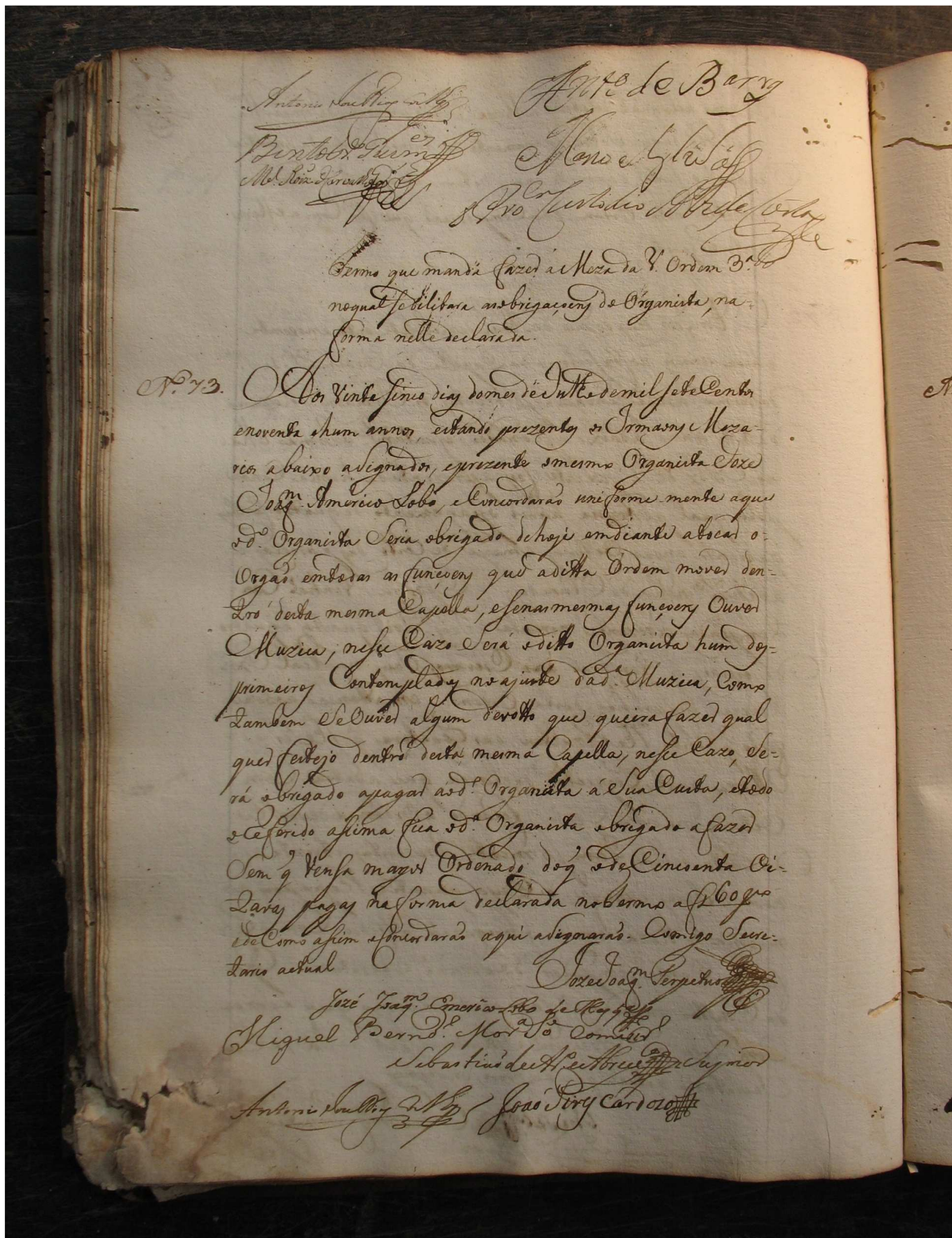


Documento 5: Termo pelo qual se deliberou assentar o Órgão no meio do coro da Igreja do Carmo. - Termo Nº 55 folha 53 do Livro de Termos Para o Governo da V. Ordem 3ª do Carmo - 1771-1900.

Documento 6: Esmola arrecadadas no Carmo e parcelas referentes o pagamento ao Padre Almeida e Silva pela construção do Órgão. *Livro de Termos Para o Governo da V. Ordem 3ª do Carmo – 1771-1900*. - Folha 22.

Derue

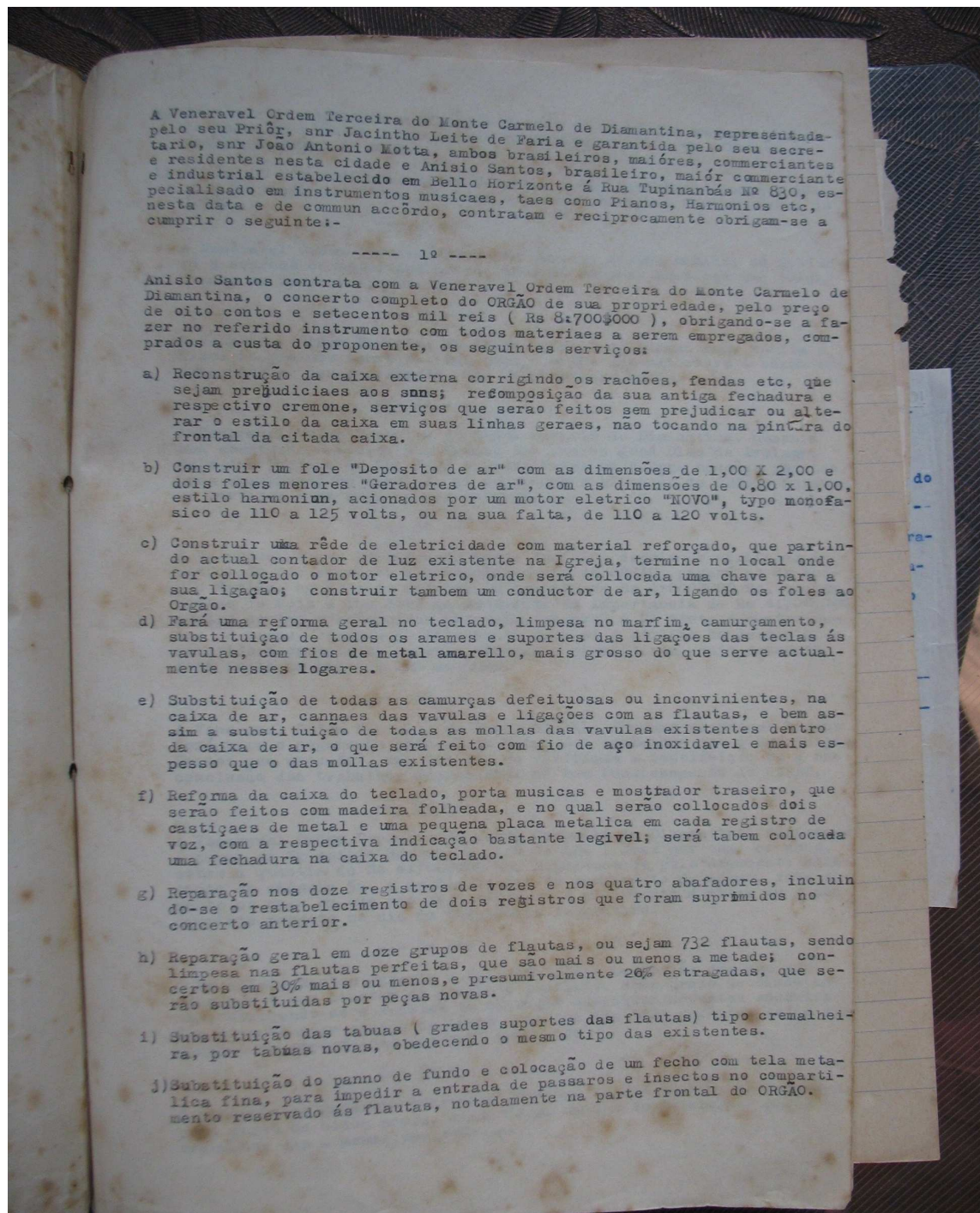
Pelo ajuste celebrado nella respectiva Moza
 Com sellos de p. Laxer e Aguiar, q. esta fazenda
 para a foyza nella da mesma Ord. Reg. Contra
 elotoma N.º 69 - do Padehy de 148 a quan-
 tia de 1.32.8000 q. de apanha de ouro são 1.500 / 8. —



Documento 7 – Segundo contrato firmado com de Lobo de Mesquita como organista do Carmo. - Termo Nº 73 folha 67 e 68 do Livro de Termos Para o Governo da V. Ordem 3ª do Carmo – 1771-1900.

137

ANEXO B – DOCUMENTOS DE DA REFORMA DE 1940



Documento 1 - Página 1: Contrato fechado entra a Venerável Ordem Terceira do Monte Carmelo de Diamantina e Anísio Santos para o concerto do Órgão da Igreja do Carmo de Diamantina. (1940).

k) Serviços de regulagem e afinação feitos parcialmente em cada grupo de vozes ou flautas e secções de registros, e ainda em afinação e regulagem geral de sons.

l) Ainda que não indicados neste detalhe, serão executados todos e quaesquer serviços que forem julgados necessários ao bom funcionamento do ORGAO.

--- 2º ---

A Veneravel Ordem Terceira do Monte Carmelo de Diamantina, só aceitará o emprego de materiaes novos, podendo recusar aquelles que julgar fracos ou inconvenientes.

--- 3º ---

A Veneravel Ordem Terceira do Monte Carmelo de Diamantina, confia a fiscalização dos serviços, bem como o exame dos materiaes a serem empregados, ao seu secretario, Snr João Antonio Motta.

--- 4º ---

A Veneravel Ordem Terceira do Monte Carmelo de Diamantina, nomeará uma comissão composta dos Revmas Srs Padres José Dias de Avelar e Salvador Robim e do Srs José Augusto Neves ou outras pessoas peritas, para examinarem os serviços de regulagem e afinação do ORGAO, durante os serviços e no acto da sua entrega.

--- 5º ---

A Veneravel Ordem Terceira do Monte Carmelo, depois de verificar a perfeição dos serviços e o funcionamento do ORGAO, pagará ao Sr Anisio Santos, no acto da entrega, a quantia de Rs 4:000\$000 rs, quatro contos de reis e lhe dará um documento da importancia de Rs 4:700\$000 quatro contos e setecentos mil reis, pagavel a 24 vinte e quatro mezes de praso, reservando entretanto para si o direito de descontar o referido documento se as suas finanças o permittirem, cujo desconto será feito na baze de 12% ao anno.

--- 6º ---

A Veneravel Ordem Terceira do Monte Carmelo nenhuma responsabilidade terá para o pagamento parcial ou total dos trabalhos que o Sr Anisio Santos vae executar, uma vez que se verifique a imperfeição ou a não conclusão dos trabalhos necessários ao bom funcionamento do ORGAO.

--- 7º ---

A Veneravel Ordem Terceira do Monte Carmello de Diamantina, obriga-se a pagar ao Sr Anisio Santos, o juro de 12% (doze por cem) ao anno, sobre a quantia de Rs 4:700\$000 rs, representada pelo documento constante da cláusula 5a, a partir do dia do vencimento do mesmo, isto somente no caso em que não seja effectuado o desconto á vista ou o seu completo resgate no dia do respectivo vencimento.

--- 8º ---

O Sr Anisio Santos garante a durabilidade e perfeição dos que vae executar e que constam do presente contrato, pelo praso de cinco annos, obrigando-se a reparar ou corrigir quaesquer defeitos encontrados durante esse espaço de tempo, uma vez que taes defeitos sejam originados da imperfeição dos seus trabalhos

--- 9º ---

A condição de garantia oferecida pelo Sr Anisio Santos, prevalecerá pelo praso de cinco annos, ainda mesmo depois de totalmente pagos os trabalhos que o mesmo vae executar.

--- 10a ---

Por força do presente contrato, o Sr Anísio Santos nomea como seu representante ou fiscal, o Sr Assis Alves Horta que na vigência deste contrato, isto é, pelo prazo de cinco annos durante o qual prevalecerá a condição de garantia dos trabalhos, fiscalizará o funcionamento do ORGÃO, e a conservação e cuidados que a Veneravel Ordem Terceira do Monte Carmelo de Diamantina tiver ou faltar com o citado instrumento, sendo que em caso de se verificar quasquer irregularidades, o referido fiscal tem o dever de notificar por escripto e em duas vias, aos interessados neste contrato, para ciência immediata de ambos.

Por terem assim justo e contratado, mandaram lavrar este em treis vias que serão assignadas em presença de duas testemunhas que também o assignarão, e que serão levadas ao devido registro em cartorio competente nesta cidade, para os fins de direito.

Diamantina
Via.
Joaquim...



TESTEMUNHAS :

Assis Alves Horta
Antonio Maria...

Visto.

Collectoria Federal

Diamantina, 21 de maio de 1940

Leandro Dias...

O COLLECTOR

Reconheço verdadeira a firma e
assinatura das partes e
das duas testemunhas
mencionadas.

Doa fé.

Diamantina, 20 de Maio de 1940

Em test. da verdade

Joaquim...
TABELLÃO



34.60

ANÍSIO SANTOS, COMMERCIANTE E INDUSTRIAL, ESTABELECIDO EM BELLO HORIZONTE A RUA TUPINAMBÁS, Nº 830, ESPECIALISADO EM INSTRUMENTOS MUSICAES, PLANOS, HARMONIOS, ETC ETC, AUXILIADO PELO SNR EUGENIO VIANNA, E OUTROS OPERARIOS, PROPÕE FAZER OS CONCERTOS DE QUE NECESSITA O ORGÃO DE PROPRIEDADE DA VENERAVEL ORDEM TERCEIRA DO MONTE CARMELO DE DIAMANTINA, PARA O QUE APRESENTA OS SEGUINTE DETALHES :

- A) Reconstrução da caixa externa do órgão, por achar-se com diversos rachões que prejudicam os sons, serviço este que será feito sem prejudicar o estilo da mesma em suas linhas geraes, e não se tocar na pintura.
- B) Construir um fole "Deposito de ar" medindo 2,00 x 1,00 e mais dois pequenos foles auxiliares medindo 1,00 x 0,80 estilo harmonio, accionados por um motor electrico novo, com força de dois cavallos; (actualmente o órgão não possui foles); um conductor de ar, ligando o fole deposito de ar á caixa de ar do órgão; ligação electrica da rede ao motor.
- C) Reforma no teclado, limpeza no marfim, e camurçamento.
- D) Substituição dos arames de ligação das teclas ás vavulas.
- E) Substituição das molas das vavulas com fios de aço inoxidaveis.
- F) Camurçamento das vavulas, caixa de ar e cannaes de ligação com as flautas.
- G) Reparação em doze registros de vozes incluído-se a confecção de dois registros que estão inutilizados, e quatro registros abafadores.
- H) Concerto em 12 registros de flautas, contendo cada um, 61 vozes, a saber:

Registro Nº	1,	61	vozes tipo	clarins com palhetas metalicas.
"	2	61	" chumbo	" flautas "
"	3	61	" "	" clarinetas "
"	4	61	" "	" voz celeste.
"	5	61	" "	" conjunto de vozes.
"	6	61	" "	" " "
"	7	61	" madeira	" " sons
"	8	61	" " e zinco,	2a requinta.
"	9	61	" "	baixos.
"	10	61	" "	" Bordaço.
"	11	61	" Zinco e chumbo,	mixtos.
"	12	61	" metalicos e zinco	grandes, fortissimos.

Nota: O total das flautas ou tubos constantes do doze registros, é de 732, das quizes mais ou menos metade estão perigidas necessitando apenas de limpeza, cerca de 30% precisão de concertos, e 20 % devem ser feitas em peças novas.

(COPIADO)

(CONTINUA)

Documento 2 - Página 1: Orçamento proposto por Anísio Santos para o concerto do Órgão da Igreja do Carmo de Diamantina. (1940).

DETALHES PARA OS CONCERTOS DO ORGÃO DA V.O.T. do Carmello. Cont.

- i) Construir duas taboas (grades suporte das flautas) type crema-
lheira antigo, visto que as que existem são inaproveitaveis e são
indispensaveis.
- j) Substituição do panno de frente caixa do teclado, estante para
música, collocação de dois caistigaes, regulagem etc.
- k) Afinação em geral, feita por secção de registro.

CONDIÇÕES.

Preço para o serviço em geral..... Reis 8:700\$000

OITO CONTOS E SETESENTOS MIL REIS.

Se os interessados me fornecerem o motor de dois cavallos, novo,
executarei o serviço pelo preço de Rs 7:200\$000

SETE CONTOS E DUZENTOS MIL REIS.

Garanto os meus serviços pelo prazo de cinco annos, desde que os de-
feitos tenham origem nos meus serviços.

Comprometto-me a fazer os serviços, dos quaes assignarei contractos
de accordo com as informações constantes desta proposta.

O pagamento me será feito no acto da entrega do serviço, ou confor-
me ficar estipulado no contracto que fizermos.

(COPIADO)

De am am h m m 3 m m m 54

Maria Lina

Illmo Snr Dr Paulo Cabral Flecha

DD Priôr da Veneravel Ordem T. do Monte Carmello de Diamantina.

Rmos Padres José Dias de Avellar e Salvadôr Robin, snr Próf José

Augusto Neves, snr José Pereira Rabello, membros da commissão examinadora deste Orgão.

Presados Irmãos Carmelitas.

Felizmente é chegado dia por min tão anciado, pois a pedido verbal do snr Anisio Santos, o DD Priôr da nossa Ordem, convocou esta reunião para o exame e recebimento do trabalho executado pelo snr Anisio Santos, e ao iniciarmos esse trabalho, é de meu dever apresentar-vos um relatório das occurências verificadas durante os trabalhos executados sob a minha fraca fiscalização, relatório este que superficialmente apresento-vos, afim de não tomar por muito tempo a vossa preciosa attenção.

Após das entendimentos e demarches iniciadas em 25 de Fevereiro, a Veneravel Ordem Terceira do Carmo, representada pelo então Priôr, snr Jacintho Leite Junior, firmou com o snr Anisio Santos, o contrato que junto apresento-vos, no qual estão perfeitamente esclarecidas todas as condições e obrigações assumidas pela Ordem e pelo snr Anisio Santos.

Nos ultimos dias do mez de Maio, o snr Anisio Santos iniciou os trabalhos e em meados do mez de Junho, paralisou os serviços e sem nenhum entendimento comigo ou com o Priôr da Ordem ou comigo, viajando para Conceição do Serro, ficando assim interrompidos os trabalhos pelo espaço de vinte dias mais ou menos; em fins do mez de Junho foi reiniciado o serviço e nesse novo período deuse entre min e o snr Anisio um incidente motivado pelo facto d'eu ter verificado que no dia 28 de Junho, dia em que a Igreja celebra a festa de São Pedro, portanto dia em que é prohibido os trabalhos, o snr Anisio e seus companheiros trabalhavam dentro da Igreja, deante do que por intermedio do snr Assis Alves Horta, eu suspendi os serviços na intenção de evitar tamanho escandalo.

Tambem em data de 28 de Junho escrevi uma carta ao snr Anisio Santos, fazendo-lhe ver que parte dos trabalhos executados, já estavam em desacôrdo com o contracto, dessa carta recebi uma resposta bastante desagradavel e até grosseira, que em 30 de Junho respondi á altura; para que o snr Priôr possa ajuizar taes acontecimentos, aqui estão as cartas e copias do que escrevi ao snr Anisio.

Apezar do snr Anisio ser homem de genio facilmente irritavel, dias ha em que elle tem maneiras captivantes para receber e explicar qualquer objecto que se lhe dirija, haja vista o facto d'elle ter construido os dois pequenos foles com ilhargas de papelão, o que desde principio eu observei dizendo achar o material de pouca resistencia; ja por vezes elle fez reparos nesses foles, substituindo em parte, as peças de papelão, por taboas de madeira compensada, porem mesmo assim, existem partes feitas de papelão, que eu acho de pequena duracao.

Na parte dos serviços de ligação electrica, depois de uma serie de discussões, a ligação está feita pela melhor formapossivel, sem bem que para conseguir que a chave de ligação fosse feita dentro do Orgão, eu tivesse que entrar com o material a isto necessario; penso ainda que deve ser melhor concluida, a parte da ligação entre a parede e o motor.

(COPIADO)

(CONTINUA)

Documento 3 - Página 1: Relatório da fiscalização dos concertos do Órgão. Propriedade da Ordem do Carmo de Diamantina.

Na minha ultima visita aos trabalhos, verifiquei faltar ainda os seguintes serviços:

Alinhamento, limpeza e recomposição do teclado: correção dos fios de ligação das teclas com as vavulas: correção das molas das vavulas, afin de amaciar o teclado, que acha-se um tanto duro e pesado: correção e verniz nas molduras do mostrador trazeiro do instrumento: substituição da chave de ligação elétrica: correção geral de afinação: reparos nos dois foles geradores de ar, sendo concerto na ilharga lateral do fole do lado direito, e no do lado esquerdo, um concerto na vavula da entrada de ar, que acha-se em parte obstruida.

SERVIÇOS DE AFINAÇÃO DAS FLAUTAS :

Por treis ou quatro vezes eu pedi a preciosa attenção do snr Anisio Santos, mostrando-lhe que os complementos de papelão, que elle collocou nas extremidades das flautas, afin de conseguir a afinação, não parece um serviço seguro e duradôr, pois os aneis de papel, papelão etc, simplesmente ajustados por um cordão, estão sujeitos a mudarem de logar, pela simples acção do tempo, e mais facilmente pela passagem de um passaro ou de um animal damnhinho, por cima dessas flautas, o que poderá ocasionar o completo desafinamento do instrumento, e allem disto se por infelicidade nossa apparecer uma goteira de chuvas sobre o instrumento, esse serviço está irremediavelmente perdido:

Em poder do snr Anisio está uma via do contracto, que na sua la calusula diz o seguinte:

h) Reparação geral em doze grupos de flautas, ou sejam 732 flautas, sendo limpeza nas flautas perfectas, que são mais ou menos a metade: concertos em 30% mais ou menos e presumivelmente 20% estragadas, que serão substituidas por novas.

j) Substituição do panno de fundo e collocação de um fecho com tela metalica fina, para impedir a entrada de passaros e insectos no compartimento reservado ás flautas, notadamente na parte frontal do ORGÃO.

k) Serviços de regulagem e afinação feitos parcialmente em cada grupo de vozes ou flautas e secções de registros, e ainda em afinação e regulagem geral dos sons.

l) Ainda que não indicados neste detalhe, serão executados todos e quaes quer serviços que forem julgados necessários ao bom funcionamento do ORGÃO.

CLAUSULA SEGUNDA: A Veneravel Ordem Terceira do Monte Carmello de Diamantina, só aceitará o emprego de materiaes novos, podendo recusar aqueles que julgar fracos ou inconvenientes.

CLAUSULA TERCEIRA : A Veneravel Ordem Terceira do Monte Carmello de Diamantina, confia a fiscalização dos serviços, bem como o exame dos materiaes a serem empregados, ao seu secretario, Snr João Antonio Motta.

Deante do exposto, devo levar ao conhecimento do snr Priôr e dos illustres membros da commissão, que conforme provo com a correspondencia junta, desde o mez de junho venho cuidadosamente advertindo ao snr Anisio Santos, sobre o andamento dos trabalhos, e sobre as qualidades dos materiaes empregados, pois ja naquella data eu reclamava a falta do chumbo laminado para a confeção das flautas faltosas e para o concerto das que estivessem defeituosas.

(COPIADO)

(CONTINUA)

Continuação do relatório da fiscalização dos concertos do Orgão.

Penso que o illustre varão que no momento exerce o alto cargo de Prior da nossa querida Ordem Terceira, assim como os illustres membros da commissão, e os meus caros Irmãos Carmelitas aqui presentes, podem crer na minha sinceridade em dizer que tenho empregado os meus melhores esforços para conseguir de Deus a graça de ver a nossa Igreja novamente dotada deste melhoramento, e para isto á cerca de dois annos venho trabalhando junto ao poderes publicos, aos Carmelitas, e ao povo quasi que em geral, na afam de conseguir os recursos necessários para fazer essa despendiosa reforma, e nessa luta tenho encontrado obstaculos de toda especie, que só com as bençãos de Na Sa do Carmo, tenho conseguido vencel-os.

Na qualidade de fiscal deste trabalho, tenho tambem encontrado as minhas dificuldades, pois o snr Anisio Santos, que se mostra tão accessivel e bondoso, tem os seus momentos de impaciencia e até de violência, é verdade que as vezes recebe com attensões e delicadezas as objecções que eu tenha neçessidade de fazer-lhe, mas de outras vezes não tive sorte, pois apenas por uma pequena pergunta que eu lhe fez, e até a bem dos seus interesses, na presença dos snrs Alvaro Barrote e Francisco de Salles Rocha, eu tive que receber delle um serie de desattensões e grosserias, aqui neste mesmo lugar, o que aceitei para não desrespeitar a Igreja.

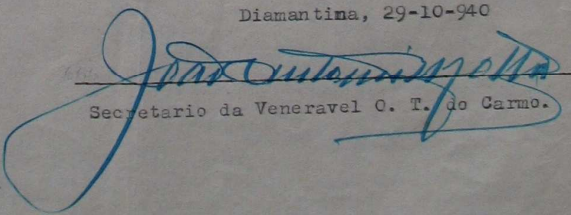
Estou certo presados snrs, de que embóra tenha procurado auxiliar ao snr Anisio Santos, em tudo que de min elle precisou para o bom andamento dos trabalhos, facilitando até algum dinheiro ~~contra~~ ^{de} desposições do contrato, nem mesmo assim sou merecedor da sua estima, e assim não vejo vantagens para a nossa Ordem, a minha permanencia no cargo de fiscal deste serviço, pôsto que de maneira alguma serei capaz de conseguir em paz, um ajustamento de possivel satisfação ao snr Anisio Santos, e á nossa Ordem, deante do que na intenção de melhor serviço a nossa Ordem, colloco nas mãos do nosso illustre Prior, o cargo que imerecidamente me foi confiado, pois estou certo que dentre os meus caros Irmão de habito, muitos tem melhores qualidades de que eu, para resolver tão delicado assumpto.

Snr Prior: E' de meu dever levar ao conhecimento de Va Sa, que tenho neçessidade urgente de ausentar-me desta cidade, por alguns dias, e assim sendo penso no caso de não serem hoje recebidos os trabalhos do snr Anisio, tornasse neçessaria a nomeação de um fiscal substituto, ao menos durante, ou melhor em caracter permanente, se assim Va Sa o entender.

Ao terminar quero mais uma vez apresentar á Veneravel Ordem Terceira do Monte Carmello de Diamantina, dignamente representada pelo seu illustre Prior, Dr Paulo Cabral Flecha e dignos Irmãos Carmelitas, bem como ao snr Anisio Santos e ao seu delicado companheiro snr Vianna, pelas attensões e confiança que por favôr quizeram despensar á minha insignificante pessoa.

Diamantina, 29-10-940

(COPIADO)


 Secretário da Veneravel O. T. do Carmo.

Reis 7:572\$000 rs.

Recebi do snr João Antonio Motta, secretario da VENERAVEL ORDEM TERCEIRA DO MONTE CARMELO DE DIMAMANTINA, por ordem do snr Paulo Cabral Flecha, DD Priór da mesma Ordem Terceira, a quantia de Reis----- 7:572\$000 rs, SETE CONTOS QUINHENTOS E SETENTA E DOIS MIL REIS, em dinheiro corrente, sendo Rs 4:000\$000 rs relativos ao pagamento da primeira prestação, e Reis 3:572\$000 rs, pelo valôr liquido da segunda prestação, que sendo ella de Rs 4:700\$000 rs, pagaveis com o praso de vinte e quatro mezes, ou á vista com o descto a razão de 12% "DOZE POR CEM AO ANNO", cujo desconto prefiz a quantia de Rs 1:128\$000, sendo tudo isto feito de accordo com o meu contrato com a citada Ordem, na sua quinta clausula.

Com o presente recibo dou plena e geral quitação á Veneravel Ordem Terceira do Monte Carmello de Dimantina, e aos seus representantes no citado contrato, e bem assim reafirmo a minha responsabilidade e garantia dos trabalhos por min' executados na reconstrução do ORGÃO DA IGREJA DO CARMO DESTA CIDADE, pelo praso de cinco annos, nas condições estabelecidas no nosso contrato.

Para garantia e clareza firmo o presente sellado com Rs 1\$200 rs, na presença do meu representante nesta cidade, sne Assis Alves Horta, e do meu companheiro, snr Eugenio Vianna.

Dimantina 5 de Nov 1940
Assis Alves Horta
Eugenio Vianna
Assis Alves Horta



Assis 1940